



Programa de Pós-Graduação em
LINGUÍSTICA

**A EXPRESSÃO DE VALORES DESIDERATIVOS EM CONSTRUÇÕES
CONDICIONAIS INSUBORDINADAS COM [SE AO MENOS] SOB UM
VIÉS COGNITIVO CONSTRUCIONAL**

São Carlos
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MARIA JULIA BERNARDO COMARIM

**A EXPRESSÃO DE VALORES DESIDERATIVOS EM
CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS INSUBORDINADAS
COM [SE AO MENOS] SOB UM VIÉS COGNITIVO
CONSTRUCIONAL**

São Carlos - SP
2025

MARIA JULIA BERNARDO COMARIM
Bolsista FAPESP

**A EXPRESSÃO DE VALORES DESIDERATIVOS EM CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS
INSUBORDINADAS COM [SE AO MENOS] SOB UM VIÉS COGNITIVO
CONSTRUCIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como requisito à obtenção do título de Mestra em Linguística.

Linha de pesquisa: Descrição, Análise e Processamento Automático de Línguas Naturais

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

SÃO CARLOS-SP
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Maria Julia Bernardo Comarim, realizada em 01/09/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Flavia Bezerra de Menezes Hirata Vale (UFSCar)

Profa. Dra. Karen Sampaio Braga Alonso (UFRJ)

Prof. Dr. Renato Miguel Basso (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Comarim, Maria Julia Bernardo

A expressão de valores desiderativos em construções condicionais insubordinadas com [SE AO MENOS] sob um viés cognitivo construcional / Maria Julia Bernardo Comarim -- 2025.
154f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
Banca Examinadora: Karen Sampaio Braga Alonso,
Renato Miguel Basso
Bibliografia

1. Construções insubordinadas. 2. Desejos. 3. Gramática de construções. I. Comarim, Maria Julia Bernardo. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

*Aos meus pais, Zilá e José Marcos, à tia Edna, ao
tio Toninho (in memoriam), à tia Sandra e ao tio
Marcelo,
que, com amor, apoio e generosidade, tornaram
possível a realização de mais este sonho.
Que todos os lugares que eu alcance, leve comigo o
carinho e a confiança que vocês sempre depositaram
em mim.*

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação marca o fim de uma etapa importante da minha trajetória acadêmica e pessoal, pela qual caminhei ao longo de mais de dois anos. Os nomes que citarei neste espaço são alguns dos que representaram uma contribuição fundamental neste período, mas certamente não todos.

Agradeço aos meus pais, Zilá e José Marcos, pelo apoio, confiança, incentivo, acolhimento e amor que sempre recebi em todas as fases da minha vida. A cada ano que passa, consigo compreender melhor cada um dos desafios e lutas que vocês aceitaram para que eu pudesse chegar até aqui e realizar todos os meus sonhos. Não tenho palavras para agradecer tudo aquilo que recebi por meio de tanto sacrifício e dedicação, apenas espero ser capaz de retribuir o que me foi dado com tanta generosidade. Obrigada por abrirem caminhos, para que eu possa trilhá-los com serenidade. Amo vocês!

Aos meus familiares: Tia Edna, Tia Sandra, Tio Marcelo e Tio Toninho (*in memoriam*), que sempre se empenharam em garantir que nada me faltasse e que nenhuma oportunidade fosse perdida. Obrigada por terem sido, além de tios e tias, também mães e pais, demonstrando amor e afeto onde quer que eu estivesse. Agradeço, também, à minha avó Maria (*in memoriam*) e ao meu tio Vicente (*in memoriam*), que, mesmo não estando aqui para acompanhar minha jornada no Mestrado, nunca mediram esforços para incentivar minha formação e educação. À minha avó Rita, à minha tia Daniele e à minha prima Maria Vitória, que sempre comemoraram cada etapa da minha vida com alegria.

À minha grande companheira de aventuras, Ana Beatriz Mariano, que celebra cada uma das minhas conquistas com mais entusiasmo do que eu mesma. Obrigada por ser um farol nos dias em que a vida é tempestade, por me acompanhar nos desafios e nas alegrias, por segurar minha mão em todos os momentos do caminho, seja para passar um período do outro lado do oceano, seja para me ouvir falar sem parar no café da manhã. Nos vemos novamente nos agradecimentos do doutorado, ‘cê topa?’

À minha eterna orientadora, Flávia Hirata-Vale, por todo o trabalho que desenvolvemos juntas até aqui, por ter me acolhido ainda caloura dentro de seu grupo de pesquisa e por ter guiado meus primeiros passos no universo acadêmico. Agradeço por tantos momentos, recomendações de turismo Brasil afora e conselhos. Ainda que meus planos profissionais tenham seguido por um caminho diferente, seus ensinamentos e minha gratidão estarão sempre presentes. Obrigada!

À minha supervisora no exterior, Renata Enghels, por me acolher, pela segunda vez, em Gante, por dedicar seu tempo a contribuir com meu trabalho, pelas conversas, pelas confraternizações, pelos ensinamentos e por todo o respeito e cuidado em garantir meu bem-estar longe de casa. Sou grata e privilegiada por ter sido sua orientanda mais de uma vez.

Aos membros da minha banca de defesa, Renato Basso e Karen Sampaio Alonso, por contribuírem com tanta generosidade para o avanço desta pesquisa, compartilhando sugestões, recursos e ideias que certamente enriqueceram este trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP/ Processos nº 23/08945-6 e 24/08629-0), pelo financiamento recebido através da minha bolsa de Mestrado Regular e de Estágio de Pesquisa no Exterior.

Aos professores que acompanharam minha trajetória, agradeço especialmente à Ariani Di Felippo, à Renata Passetti e ao Pablo Arantes por ouvirem, aconselharem, ensinarem e, mais do que isso, por dedicarem seu tempo para que eu me tornasse uma profissional melhor.

Às minhas grandes amigas, Beatriz Mella e Maria Carolina Coradini, agradeço pelas incontáveis trocas, ligações, conversas divertidas, discussões acadêmicas, conselhos e acolhimento. Sou grata por todos os caminhos que percorri até construir a relação que temos. Agradeço, também, à Lívia Azevedo e ao Eder Coimbra, que tornam nosso grupo ainda mais unido e repleto de apoio.

Às pessoas que o mestrado me proporcionou e que, sem elas, a experiência jamais teria sido a mesma. À Lais Piai, ao Gabriel Ceregatto e ao Isaac Miranda por todas as aulas, estudos e conselhos compartilhados. Obrigada por tudo e muito sucesso em suas trajetórias!

Às minhas amigadas de Espírito Santo do Pinhal e São Carlos, que, mesmo tendo trilhado caminhos que muitas vezes nos deixaram fisicamente distantes, continuam presentes no meu coração. O amor, o carinho e a gratidão que carrego por cada um de vocês são maiores que qualquer estrada. À Gabriela Senedese, à Fernanda Costa, ao Leonardo Cruz, à Isadora Piagentini e à Maria Fusco Peres, meu muito obrigada.

Às amigadas que ganhei e que me acolheram desde o primeiro instante: Bruna Poli, Priscila Souza e Tais Temporim.

Por fim, aos amigos e colegas do meu período no exterior: Nele, Antoine, Aaron, Laurence e Simon. Vocês tornaram minha aventura belga ainda mais especial.

Com o coração repleto de gratidão, mas ainda apertado, agradeço por tudo que esta pesquisa e aquelas que vieram antes me proporcionaram viver, conhecer e aprender. Sigo empolgada com os novos caminhos, mas com uma parte minha em cada etapa que constituiu quem eu sou hoje. Obrigada.

RESUMO

Construções insubordinadas (CIs), embora recorrentes na fala e na escrita, são frequentemente marginalizadas nas gramáticas, sendo muitas vezes tratadas como usos atípicos de orações subordinadas completas. Segundo Evans (2007), a insubordinação é um processo diacrônico em que uma oração originalmente subordinada passa a ocorrer de forma independente, sem a oração principal. No âmbito das CIs, destacam-se as construções condicionais insubordinadas (CCIs), que, dentre elas, pode-se mencionar usos como “*se ao menos eu tivesse dinheiro...*”, que, embora formalmente assemelhadas às condicionais canônicas, apresentam significados diferentes, frequentemente marcados pela semântica do desejo. A definição de Evans (2007) não contempla a variedade de usos e funções que essas construções podem assumir. Diversos estudos têm mostrado que as CCIs se distinguem dos usos subordinados por apresentarem padrões morfossintáticos e valores semânticos próprios, como observado por D’Hertefelt (2015) em sua análise de línguas germânicas. A autora propõe uma tipologia com três subtipos das construções do tipo [SE AO MENOS], ou [IF ONLY], sendo eles potencial, *irrealis* e contrafactual, e definidos com base no grau de (ir)realizabilidade do desejo expresso, o que se reflete na forma linguística das construções. A presente pesquisa tem como objetivo investigar a construção [SE AO MENOS] no português brasileiro (PB), buscando descrever seus padrões formais e significados, especialmente no que tange à expressão de desejos. A análise está fundamentada na Gramática de Construções Cognitiva (Goldberg, 1995; 2006), que defende a associação sistemática entre forma e significado. O *corpus* analisado é composto por 1.262 ocorrências da construção coletadas na rede social Twitter (atualmente X), no segundo semestre de 2021. A escolha da plataforma permite observar o uso espontâneo e atual da construção em um contexto digital e informal. Com base nos dados, foi proposta uma tipologia das CCIs com [SE AO MENOS] no PB, identificando quatro padrões morfossintáticos recorrentes, os verbos mais frequentes em cada padrão e os traços semânticos associados, como [desejo], [crítica] e [lamentação]. A análise revelou que os subtipos *irrealis* e contrafactual estão presentes na língua, mas não foram encontradas ocorrências do subtipo potencial, nos termos definidos por D’Hertefelt (2015). Adicionalmente, o *corpus* apresenta ocorrências com valor irônico ou sarcástico, não contempladas na tipologia original. Esses casos não foram classificados como um novo subtipo, mas como instâncias de uso marcadas por uma camada pragmática adicional, ativada por marcadores discursivos típicos da linguagem do Twitter, para os quais se propôs uma categorização. Por fim, propõe-se uma ampliação da rede construcional das CIs no PB, com base nos dados observados, em diálogo com a proposta de Coradini (2022). Espera-se que a pesquisa possa contribuir para a descrição empírica das CCIs no português e reforçar a importância de associar forma, significado e uso na análise desse tipo de construção.

Palavras-chave: Construções insubordinadas. Gramática de Construções. Desejos. Ironia. Condicionalidade.

ABSTRACT

Insubordinate constructions (ICs), although frequent in both spoken and written language, are often marginalized in grammatical descriptions, frequently treated as atypical uses of fully subordinated clauses. According to Evans (2007), insubordination is a diachronic process in which a clause originally used in a subordinate structure begins to occur independently, without a main clause. Within the domain of ICs, insubordinate conditional constructions (ICCs) stand out. Among them are uses such as “if only I had money...” (*se ao menos eu tivesse dinheiro...*), which, although formally similar to canonical conditional clauses, convey different meanings, often marked by a semantics of desire or wish. Evans’s (2007) definition does not account for the wide range of functions and meanings these constructions may exhibit. Several studies have shown that ICCs differ from their subordinated counterparts by presenting distinct morphosyntactic patterns and semantic values, as observed by D’Hertefelt (2015) in her analysis of Germanic languages. The author proposes a typology with three subtypes of constructions like [IF ONLY], or [SE AO MENOS] in Portuguese: potential, *irrealis*, and counterfactual, defined based on the degree of (im)possibility of realizing the expressed desire, which is reflected in their linguistic form. The present study aims to investigate the construction [SE AO MENOS] in Brazilian Portuguese (BP), seeking to describe its formal patterns and meanings, particularly in relation to the expression of desires. The analysis is grounded in Cognitive Construction Grammar (Goldberg, 1995; 2006), which posits a systematic association between form and meaning. The *corpus* analyzed consists of 1,262 occurrences of the construction, collected from the social media platform Twitter (now X) during the second half of 2021. This platform was chosen for its ability to provide spontaneous and contemporary uses of the construction in an informal digital context. Based on the data, a typology of ICCs with [SE AO MENOS] in BP was proposed, identifying four recurring morphosyntactic patterns, the most frequent verbs in each, and their associated semantic traits, such as desire, criticism, and lamentation. The analysis revealed the presence of the *irrealis* and counterfactual subtypes in BP, but no instances of the potential subtype were found, according to the criteria defined by D’Hertefelt (2015). Additionally, the *corpus* includes occurrences conveying ironic or sarcastic meanings, which are not addressed in the original typology. These cases are not classified as a new subtype, but rather as usage instances marked by an additional pragmatic layer, triggered by discourse markers specific to Twitter language. A categorization of such markers is proposed. Finally, the study suggests an expansion of the constructional network of ICs in BP, based on the observed data, in dialogue with the proposal by Coradini (2022). This research aims to contribute to the empirical description of ICCs in Brazilian Portuguese and to reinforce the importance of associating form, meaning, and usage in the analysis of this type of construction.

Keywords: Insubordinate constructions, Construction Grammar, Wishes, Irony. Conditionality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Percepção inicial das relações em rede da construção insubordinada [SE AO MENOS X]	19
Figura 2 - Página inicial do site Vicinitas em 2021. Produção própria por meio do site “Way Back Machine”.....	75
Figura 3 - Resultado de uma das coletas obtidas pelo site Vicinitas em 2021. Produção própria.	76
Figura 4 - Cluster verbal de PODER	103
Figura 5 - Cluster verbal de CONSEGUIR	105
Figura 6 - Cluster verbal de SABER	106
Figura 7 - Tendência de Realizabilidade por Morfossintaxe	120
Figura 8 - Associação entre Morfossintaxe e Traço Semântico	122
Figura 9 - Realizabilidade por Traço Semântico em cada Padrão Morfossintático.....	124
Figura 10 - Exemplos do uso irônico da CCI com [SE AO MENOS X] no PB e no Inglês	126
Figura 11 - Índícios formais de ironia encontrados nas CIs com [SE AO MENOS X]	136
Figura 12 - Rede construcional das construções condicionais subordinadas e insubordinadas (Coradini, 2022).....	137
Figura 13 - Proposta de relações em rede das construções desiderativas com [SE AO MENOS X]	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Esquema do processo de insubordinação (Evans, 2007).....	39
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Trabalhos sobre as construções subordinadas do tipo [SE AO MENOS X] em diversas línguas	50
Tabela 2 - Sumarização das seis categorias semânticas propostas por D’Hertefelt (2015) para as condicionais subordinadas nas línguas germânicas. Produção própria.	64
Tabela 3 - Data das coletas de tweets pelo site Vicinitas e quantas ocorrências subordinadas foram obtidas em cada uma. Produção própria.	75
Tabela 4 - Distribuição dos subtipos e a respectiva quantidade de ocorrências	81
Tabela 5 - Quantidade de ocorrências de cada padrão morfossintático encontrado no corpus de [SE AO MENOS X].....	91
Tabela 6 - Verbos que preenchem o slot V1 no padrão [SE AO MENOS] [V1 imperfeito do subjuntivo] + [V2 infinitivo].....	101
Tabela 7 - Vinte verbos mais atraídos pelo padrão [SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo obtidos através de uma análise colexêmica simples	108
Tabela 8 - Vinte verbos mais frequentes no padrão [SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo.....	110
Tabela 9 - Padrões morfossintáticos encontrados com o estudo de D’Hertefelt (2015) e no PB	114
Tabela 10 - Relação entre os padrões morfossintáticos, os subtipos e exemplos desses usos para o PB.....	117

LISTA DE SIGLAS

CCI - Construção Condicional Insubordinada
GC – Gramática de Construções
GCBS – Gramática de Construções Baseada no Signo
GDF – Gramática Discursivo Funcional
GSF – Gramática Sistemico Funcional
LC – Linguística Cognitiva
LGPD – Lei Geral de Proteção de Dados
MBU – Modelos Baseados no Uso
PB – Português Brasileiro
PE – Português Europeu

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1 O MODELO TEÓRICO	24
2.1.1 As Gramáticas de Construções	27
2.1.2 Pontos De Convergência Entre As Gramáticas de Construções	33
3. A INSUBORDINAÇÃO	35
4. [SE AO MENOS X] INSUBORDINADA EM PORTUGUÊS E OUTRAS LÍNGUAS	49
4.1 TRABALHO DE D'HERTEFELT (2015)	63
5 METODOLOGIA	71
5.1 CONSTRUÇÃO DO CORPUS	72
5.1.1. A coleta.....	74
5.1.2. Análise Colostrucional e Análise de Clusters	80
6 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	88
6.1 DESCRIÇÃO FORMAL E DISTRIBUCIONAL DA CONSTRUÇÃO INSUBORDINADA COM [SE AO MENOS X]	88
6.2 DESCRIÇÃO FUNCIONAL DOS PADRÕES ENCONTRADOS	96
6.3 ANÁLISE COLEXÊMICA DO PADRÃO [SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo.....	107
6.4 CLASSIFICAÇÃO DOS PADRÕES CONSTRUCIONAIS	113
6.4.1 Verificação da validade da descrição de D'Hertefelt (2015) para o português brasileiro	113
6.4.2 Investigações de correlações entre padrões morfossintáticos, realizabilidade e traços semânticos	118
6.4.3 Descrição de expedientes utilizados na marcação da ironia	125
6.4.4 A organização em rede da construção in subordinada [SE AO MENOS X] .	137
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
ANEXOS	152
ANEXO 1 – SCRIPT PARA CRIAÇÃO DAS NUVENS DE PALAVRAS.....	152
ANEXO 2 – SCRIPT PARA ANÁLISE COLEXÊMICA	154

1 INTRODUÇÃO

A tradição gramatical apresenta descrições e definições para muitos fenômenos linguísticos, entretanto, sabe-se que muitos deles acabam sendo marginalizados e permanecem sem uma investigação mais aprofundada dos seus usos possíveis e atestados. Apesar de serem amplamente utilizados pelos falantes, muitos fenômenos linguísticos são ignorados nas principais gramáticas das línguas e essa marginalização ocorre, inclusive, para línguas muito bem descritas, como o inglês, o grego ou o latim, por exemplo.

Ao refletir sobre esse cenário, um dos fenômenos linguísticos que pode ser destacado pela escassez de descrição são as construções insubordinadas, que, ao se afastarem daquilo que se define como “padrão”, são marginalizadas. Conforme apontam Beijering, Kaltenböck e Sansiñena (2019) “é precisamente essa 'irregularidade' [da construção insubordinada], que a faz escapar aos moldes da gramática tradicional, a responsável pela pouca atenção dada à insubordinação nas descrições gramaticais.” Como se verá ao longo deste estudo, as construções insubordinadas são aquelas que, de acordo com Evans (2007), apresentam marcas de subordinação, mas ocorrem de maneira independente, como em (1).

(1) “User” Se ao menos tivesse vacina pra esse tipo de endemia!
(CORPUS DE TWEETS)

Em (1), é possível perceber o uso da conjunção condicional subordinativa “se”, porém não há a presença de uma oração principal a ela relacionada. Nota-se, também, que a oração subordinada termina com uma exclamação, excluindo a necessidade de uma oração subsequente. Para Evans (2007) e para outros trabalhos que serão discutidos adiante, trata-se de uma construção insubordinada.

Pretende-se, com este texto, evidenciar os pontos principais de estudos fundamentais para o desenvolvimento da descrição das insubordinadas, como Evans (2007), Mithun (2008), D’Hertefelt e Verstraete (2014), D’Hertefelt (2015) e outros. Sobre o português, há os trabalhos de Hirata-Vale (2015), Coradini (2022), Alves (2022), Comarim e Hirata-Vale (2023), Comarim e Hirata-Vale (em preparação) e outros.

A categoria das construções insubordinadas é muito ampla e, neste trabalho, o interesse recai sobre as construções condicionais insubordinadas, objeto de pesquisa em muitos dos trabalhos mencionados acima, derivados da investigação de Hirata-Vale (2015). Mais

especificamente, vai-se trabalhar com as construções condicionais insubordinadas encabeçadas por [SE AO MENOS X]. Esse uso se trata de um pareamento de uma estrutura morfossintática específica, a qual pode ser encontrada também em outras línguas (Stirling, 1999; Dancygier e Sweetser, 2005; Grosz, 2012; D’Hertefelt, 2015; Comarim e Hirata-Vale, 2023) com uma semântica de desejo, apesar das marcas formais de condicionalidade.

Em (1), pode-se observar o uso desse padrão [SE AO MENOS X], em que X representa uma sentença que pode se apresentar em diferentes padrões morfossintáticos, como se discutirá adiante.

Propõe-se trabalhar dentro da vertente teórica da Gramática de Construções Cognitiva (Goldberg, 1995; 2006), na qual se define “construção” como pareamentos convencionais de forma e função, ou seja, para Goldberg (1995; 2006), uma construção pode ser compreendida como qualquer padrão linguístico que associa uma determinada forma (fonológica, morfológica, sintática) a um significado ou função discursiva. Essa visão inclui desde expressões fixas (como "de vez em quando") até estruturas sintáticas mais amplas (como a construção ditransitiva "dar algo a alguém"). Neste trabalho, busca-se um entendimento mais abrangente de como a forma insubordinada das construções com [SE AO MENOS X] é capaz de veicular o sentido de desejo.

Para atingir esse objetivo, propõe-se que sejam analisados os verbos que coocorrem com a construção, assim como as suas respectivas semânticas. Vai-se observar quais são esses padrões morfossintáticos e semânticos, e como eles contribuem para a expressão de desejo. Além disso, ao se mobilizar o estudo de D’Hertefelt (2015), em que a autora propõe a classificação desses desejos expressos pelas insubordinadas com [SE AO MENOS X] em três subtipos, os desejos *potenciais*, *irrealis* e *contrafactuais*, para línguas germânicas, pretende-se verificar a validade do estudo também para português. O trabalho da autora se pauta em nuances de sentido (desejos prováveis até desejos completamente impossíveis) aliados a padrões formais para cada uma dessas categorias, ressaltando a relação entre forma e função.

Comarim e Hirata-Vale (2023) investigaram a perda do sentido condicional e a emergência da semântica de desejo nessas construções, considerando que boa parte das discussões presentes na literatura sobre a semântica dos desejos expressos com [SE AO MENOS X] também se aplica ao português (Grosz, 2012). Assim, as autoras concluíram que esse recurso é frequentemente utilizado para manifestar desejos que escapam do controle tanto do falante, quanto do ouvinte e que, além disso, não se referem a situações reais.

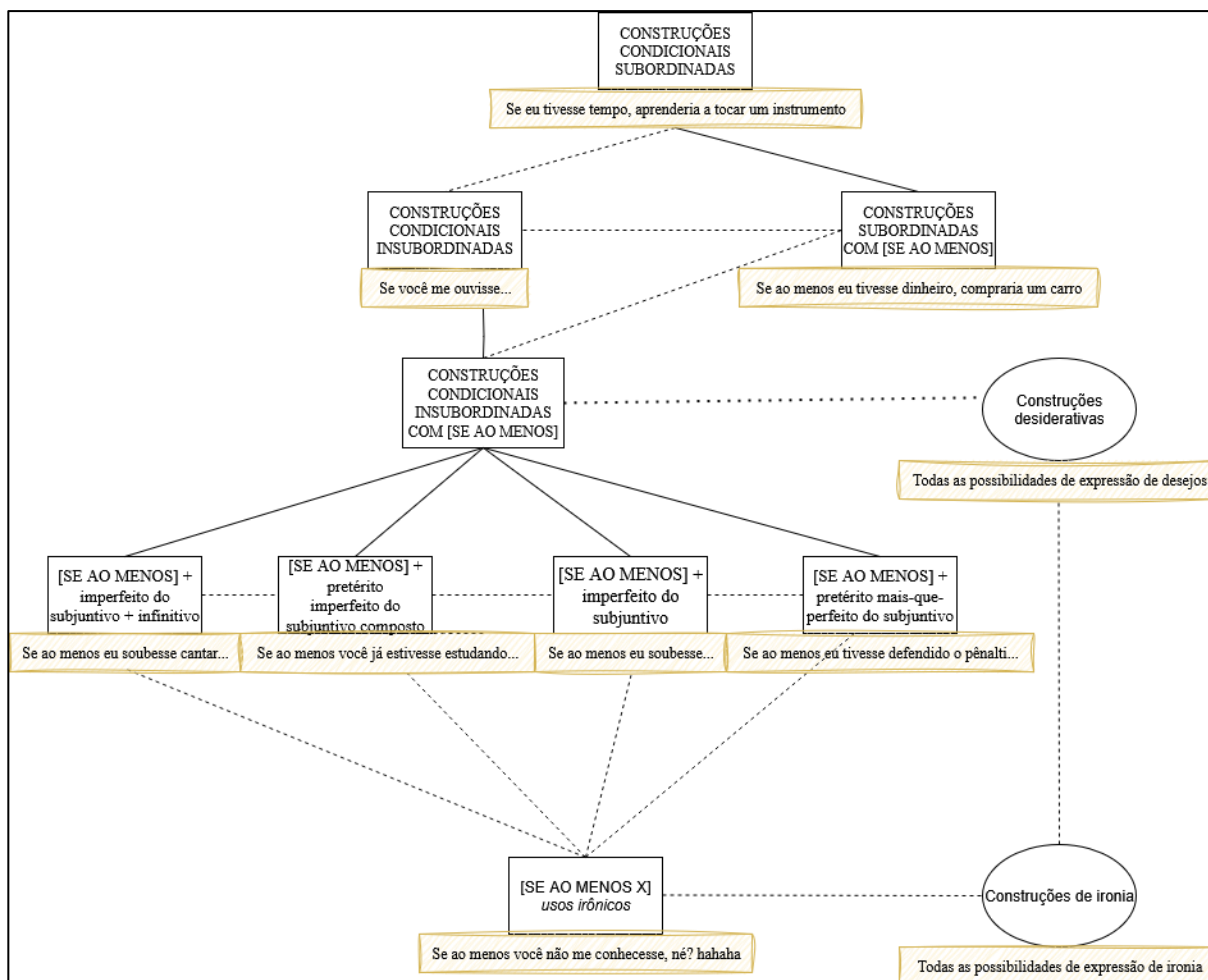
Em um trabalho posterior, Comarim (2023) identificou padrões morfossintáticos próprios do português, que poderiam ser paralelamente associados aos padrões classificados por D’Hertefelt (2015) ou a uma proposta específica para a língua em questão. Além disso, observou-se o uso das construções in subordinadas com [SE AO MENOS X] para expressar desejos irônicos (Comarim; Hirata-Vale, em preparação), que não correspondem a desejos genuínos e se referem a situações já concretizadas. Esse tipo de uso ainda não havia sido descrito na literatura.

Neste trabalho, portanto, vai-se buscar argumentar como as construções in subordinadas com [SE AO MENOS X] aparecem no português, indo desde a sua morfossintaxe até sua semântica e pragmática. Reconhece-se, evidentemente, que se trata de um recorte, afinal o *corpus* é limitado e nem todas as características dos variados empregos serão exaustivamente exploradas aqui, porém busca-se dar destaque à variedade de usos que podem empregar uma construção que, ainda que genericamente, é escassamente descrita. Vai-se partir de uma rede construcional com uma estrutura simplificada expressa pela figura 1 e, ao longo das análises, pretende-se enriquecê-la, lapidando as relações entre os subtipos, bem como quais outras características puderam ser percebidas.

Na rede proposta abaixo, representa-se uma percepção preliminar de como se organizam as relações entre os subtipos da construção in subordinada [SE AO MENOS X]. Diz-se que se trata de uma percepção preliminar, pois ela combina dados obtidos ao longo da elaboração do projeto desta pesquisa, e que serão descritos e ampliados adiante, como os diferentes padrões morfossintáticos, mas ela parte principalmente das postulações anteriores a este trabalho, como em Comarim e Hirata-Vale (2023), momento em que já se discutia a possibilidade de diferentes subtipos, usos irônicos, e a relação tanto com a expressão da condicionalidade, quanto com a expressão de desejos.

A rede pode ser lida da seguinte maneira: cada retângulo representa um nó, nos quais se descreve genericamente aquilo que representam. As elipses são categorias que, por si só, podem ser expandidas muito além para englobar muitos outros desdobramentos da rede, mas que foram sintetizadas do modo representado abaixo por questões de escopo do trabalho atual. As linhas contínuas representam relações diretas, em que um nó herda parte das suas características do item acima. Já as linhas hachuradas representam relações de compartilhamento de características, em que não se pode reconhecer qual nó seria o mais primordial ao apresentar tais características.

Figura 1 - Percepção inicial das relações em rede da construção in subordinada [SE AO MENOS X]



Fonte: Elaboração Própria.

De modo mais didático, pode-se reconhecer que a construção subordinada com [SE AO MENOS X] é um tipo de construção condicional subordinada e, portanto, herda características do nó mais genérico representativo de todas as condicionais subordinadas. As construções condicionais in subordinadas, por sua vez, tendem a compartilhar características com as construções condicionais subordinadas. As construções in subordinadas [SE AO MENOS X] compartilham muitas características com os usos subordinados com o mesmo tipo de construção encabeçando a oração, mas os subtipos representados pelos padrões morfossintáticos diferentes são desdobramentos e possibilidades da mesma construção-mãe, configurando uma relação de herança de características centrais.

Ou ainda, pode-se ler a representação acima substituindo as linhas contínuas por “é subtipo de” e as linhas hachuradas por “se relaciona com”. A leitura deve partir do item abaixo e seguir em direção ao nível acima. Sendo assim: “Construções condicionais subordinadas com

[SE AO MENOS X] *são subtipos de* construções condicionais subordinadas e *se relacionam com* as construções condicionais insubordinadas com [SE AO MENOS X]”.

Nos quadros amarelos abaixo de cada retângulo, expõe-se um exemplo daquele padrão, com finalidade ilustrativa e para facilitar o entendimento da rede.

Para elaborar a relação acima, não foi adotado um modelo específico da representação em rede existente na proposta teórica da Gramática de Construções Cognitiva (GCC), mas sim uma exemplificação de relações presentes nessas construções. Mobiliza-se, porém, a máxima da GCC de que “a totalidade do nosso conhecimento da língua é apreendida por uma rede de construções” (Traugott e Trousdale, 2021, p. 37).

Diante do exposto e visando, portanto, suprir uma lacuna de descrição do fenômeno mencionado, este trabalho se propõe a verificar os subtipos possíveis para a construção insubordinada com [SE AO MENOS X] no português brasileiro. Para isso, será realizada uma investigação quanto à estrutura morfossintática, bem como uma comparação com aquilo que foi descrito para outras línguas, especialmente no trabalho de D’Hertefelt (2015).

Além disso, propõe-se uma descrição dos empregos irônicos das construções com [SE AO MENOS X], refletindo uma semântica/pragmática diferente, que contraria as definições relativas aos desejos expressos por esse uso e que estão descritos na literatura. Desse modo, por meio das características formais relacionadas à morfossintaxe da construção, seus empregos, como eles se relacionam dentro dos subtipos propostos por D’Hertefelt (2015), e a descrição dos usos irônicos, objetiva-se a constituição de um trabalho de descrição de aspectos ainda não abordados dessa construção em análise.

Para alcançar os objetivos propostos, vai-se utilizar um conjunto de 1262 ocorrências coletadas no Twitter (atual X) durante o segundo semestre de 2021. Nessas ocorrências, serão aplicadas análises estatísticas, além de uma contagem de frequência absoluta, pareamento de *clusters* semânticos por meio de Análise de *Clusters* e a criação de nuvens de palavras para identificar os verbos mais comumente associados à construção. Cada uma dessas análises será utilizada conforme as características das ocorrências presentes no *corpus*, como será explicado mais adiante. Em outras palavras, para alguns usos menos frequentes, certas análises podem não gerar resultados estatisticamente relevantes e, portanto, não serão aplicadas em todos os casos.

Ao final, espera-se que a análise possibilite a avaliação de como a semântica dos componentes da construção contribui para a expressão de desejo, bem como estabelecer a diferenciação entre os subtipos e as sutis diferenças presentes entre cada um deles. Além disso,

serão mobilizados estudos sobre a expressão de ironia em *tweets*, com o objetivo de identificar os marcadores utilizados nas ocorrências irônicas e que contribuem na compreensão dessas construções de tal modo, indo além da simples expressão de desejos.

Os resultados obtidos por meio da análise do *corpus* mostraram quatro padrões morfossintáticos que funcionam na expressão de desejos e que serão descritos em detalhes, os quais estão representados na Figura 1. Também foram realizadas análises de frequência, que indicaram os verbos mais atraídos e como eles se relacionam diretamente à semântica de capacidade e de conhecimento. Esses padrões permitiram entender formas diferentes de se veicular a construção insubordinada com [SE AO MENOS X] enquanto expressão de desejo. Além disso, constituem a base para a etapa final da pesquisa, que corresponde à realização da comparação desses dados com a categorização proposta em D’Hertefelt (2015) e de análises estatísticas descritivas que buscam corroborar a relação entre os padrões morfossintáticos, a realizabilidade dos desejos e traços semânticos evocados.

Em resumo, este trabalho se propõe a responder as seguintes questões:

- I. *Quais subtipos de construções insubordinadas com [SE AO MENOS X] com semântica de desejo são encontrados no PB? Como são os padrões morfossintáticos?*
- II. *Considerando que, para Goldberg (1995; 2006), construções são pareamentos de forma e função, quais marcas formais podem diferenciar os subtipos encontrados quanto aos tipos de desejo e também quanto aos usos irônicos?*
- III. *Quais verbos são frequentes em cada um dos casos? O que essa relação diz sobre a semântica da construção e seus subtipos? Em que isso se relaciona com os dados de Comarim (2023)?*
- IV. *Quais clusters semânticos são típicos de cada subtipo da construção? Eles ajudam a caracterizá-la e descrevê-la semanticamente?*

Este texto se organiza da seguinte maneira: no capítulo 2, inicia-se uma revisão teórica que se torna cada vez mais específica em relação ao objeto em análise. Começa-se por uma descrição do Funcionalismo em Linguística, partindo para um debate quanto às propostas da Gramática de Construções, dedicando especial atenção à Gramática de Construções Cognitiva (Goldberg, 1995; 2006). No capítulo 3, propõe-se uma descrição dos estudos sobre insubordinação, discutindo os principais trabalhos na área. No capítulo 4, são abordados os estudos sobre a construção insubordinada com [SE AO MENOS X] em português e outras línguas, apresentando as principais conclusões e definições. No capítulo 5, apresenta-se os mecanismos de composição do *corpus* e a metodologia empregada para as análises. Finalmente,

no capítulo 6, os resultados são discutidos e as principais conclusões alcançadas. O capítulo 7 apresenta uma sumarização de tudo que foi abordado ao longo do texto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, pretende-se apresentar e discutir o modelo teórico em que se insere esta dissertação de Mestrado, a saber, o Funcionalismo linguístico. Para iniciar esta reflexão, é necessário pensar que estudar as línguas é um fazer científico singular, pois os cientistas têm em mãos uma dualidade metodológica. Por essa razão, é importante definir o percurso teórico que será adotado, pois a escolha de certa perspectiva impacta diretamente no desenvolvimento de toda a pesquisa.

A Linguística é repleta de situações em que o objeto de estudos pode ser observado de maneiras diferentes e, por conseguinte, as análises se tornam diferentes. Pode-se começar essa discussão pela reconhecida dualidade da linguagem. Moura e Cambrussi (2018) em “Uma breve história da linguística” iniciam o livro chamando a atenção para essa dualidade. O objeto de estudo dos linguistas é dual no sentido de que pode ser observado por uma perspectiva social ou biológica. Não se trata, como exemplificam os autores, de um objeto estritamente pertencente a um campo específico, como a circulação sanguínea (biológica) e as religiões (social). As línguas, em sua singularidade, podem ser pensadas como pertencentes aos dois ramos. Trata-se da divisão entre o paradigma científico e o paradigma humanista dos estudos linguísticos.

De maneira sucinta, já que não cabe realizar aqui uma extensa discussão epistemológica para além dos delineamentos desta dissertação, é interessante reconhecer que, ao se atuar dentro de um determinado paradigma dos estudos linguísticos, as perguntas que nortearão o trabalho serão específicas e, conseqüentemente, os métodos utilizados para respondê-las também o serão. Nesse sentido, reitera-se o viés Funcionalista deste trabalho e adiante define-se melhor como tal perspectiva se apresenta como relevante para as perguntas que se busca responder aqui.

Este capítulo se estrutura da seguinte maneira: na primeira seção, pretende-se discutir brevemente o modelo Funcionalista e como a pesquisa proposta neste trabalho se encaixa em tal proposta teórica. Em seguida, como ficará claro ao longo do texto, define-se que o trabalho será desenvolvido sob o arcabouço teórico da Gramática de Construções Cognitiva, seguindo as ideias de Goldberg (1995, 2006), Hilpert (2014), Fillmore (1988) e outros. Finalizando o capítulo, apresentam-se algumas formas de se trabalhar os dados que condizem com as ideias da Gramática de Construções Cognitiva.

Ademais, reitera-se neste fim de seção, que este trabalho será desenvolvido qualiquantitativamente, ou seja, propõe-se uma descrição qualitativa das construções insubordinadas [SE AO MENOS X], detendo-se às características sintáticas e semânticas que permitem descrever cada um dos subtipos encontrados para o português brasileiro. As ferramentas de análise estatística e outros dados numéricos poderão enriquecer quantitativamente este trabalho, demonstrando questões de produtividade verbal dentro dos subtipos e a produtividade de cada um dos subtipos em relação aos outros, algo de extrema relevância dentro da perspectiva teórica adotada, a Gramática de Construções Cognitiva, que será descrita adiante.

Em resumo, dados da recorrência de determinados subtipos poderão informar numericamente quais deles são mais produtivos no português brasileiro, almejando uma descrição exaustiva de tais usos, englobando sua descrição, suas características, seus usos e sua recorrência.

2.1 O MODELO TEÓRICO

Assim como trabalhar em Linguística requer que se adote um claro posicionamento teórico que conduza a pesquisa em desenvolvimento, o mesmo ocorre ao se definir que o trabalho se insere dentro do Funcionalismo Linguístico. Afirmar que um trabalho é funcionalista diz muito sobre o que se espera da pesquisa, mas não diz tudo.

O termo “funcionalista” é considerado guarda-chuva, já que contempla dentro dele propostas diferentes, mas que compartilham certos entendimentos em comum. Em Neves (2018), a autora trouxe uma interessante colocação de Prideaux (1994) em que o autor afirma que há tantas definições de funcionalismo, quanto há linguistas que se denominam como tal. Embora hiperbólica, há verdade no que é dito pelo autor em sua fala.

As várias correntes funcionalistas apresentam diversas distinções, sendo referenciadas, comumente, fazendo menção ao pesquisador que a idealizou ou difundiu. Algumas das propostas funcionalistas, mas não todas, mais amplamente mencionadas em trabalhos recentes são a Gramática Sistemico-Funcional (GSF), a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), os Modelos Baseados no Uso (MBU), a Gramática de Construções (GC) e, dentro dessas propostas, algumas vertentes da Linguística Cognitiva (LC), já que as ideias defendidas muito se encaixam nas propostas funcionalistas.

O enquadramento total da Gramática de Construções como sendo uma proposta funcionalista é uma questão em discussão por pesquisadores, considerando que algumas vertentes da proposta teórica são altamente formais, como se discutirá na seção 2.1.2. De todo modo, para este trabalho, parte-se do entendimento de que a Gramática de Construções não está em nenhum dos extremos radicais das propostas formalistas ou funcionalistas, mas que está no meio dessa gradiência, empregando o que há de conveniente para descrever os fenômenos em análise. Resumidamente, busca-se uma convergência entre as propostas basilares da Gramática de Construções Cognitiva com os dados do uso, tão caros ao funcionalismo.

Brevemente, cabe destacar que dentro da visão da Gramática de Construções o conhecimento linguístico que os falantes possuem se resume às próprias construções. Ora, evidentemente que tal conclusão parece ampla demais e, por consequência, pouco definidora para os fins de caracterização linguística que se busca no fazer científico. Porém, Hilpert (2014), ao transmitir as propostas de Goldberg (2006) em seu didático livro “Construction Grammar and its applications to English” explica que, diferentemente do modelo de “Gramática e Dicionário” de Taylor (2012), o conhecimento linguístico não está armazenado no cérebro em entradas de léxico e estruturas sintáticas que se combinam, mas sim numa rede de construções que se entrelaçam a fim de abarcar o conhecimento linguístico dos falantes.

Indo além do que se discutiu acima, para a Gramática de Construções, o uso de *corpora* no desenvolvimento dos estudos é fundamental, afinal é por meio da observação daquilo que os falantes estão usando em sua comunicação, que é possível realizar análises que forneçam indicações quanto ao funcionamento de certas construções, o surgimento de novas e a produtividade de determinados componentes lexicais em combinações específicas. Nas palavras de Hilpert (2014):

No que diz respeito ao estudo das construções morfológicas, os corpora são extremamente úteis porque revelam duas questões importantes que estão relacionadas com a produtividade. Primeiro, um *corpus* permite ao pesquisador contar as diferentes instâncias de uma construção morfológica esquemática. Esta medida é chamada de frequência *type* de uma construção morfológica. (...) a segunda questão importante que os corpora revelam sobre a produtividade de uma construção morfológica é a ocorrência de instâncias de baixa frequência. (Hilpert, 2014. p. 81-82. Tradução nossa)¹.

¹ With regard to the study of morphological constructions, corpora are extremely useful because they reveal two important issues that are related to productivity. First, a *corpus* allows the researcher to count the different instantiations of a schematic morphological construction. This measure is called the type frequency of a morphological construction. (...) the second important issue that corpora reveal about the productivity of a morphological construction is the occurrence of low-frequency instantiations. (Hilpert, 2014. p. 81-82).

A importância dos dados mencionada por Hilpert (2014) na citação acima será mais bem discutida no decorrer deste trabalho. Por ora, ressalta-se apenas a relevância dos dados empíricos, ou seja, de uso real, nas investigações dentro da Gramática de Construções.

Os corpora, além de oferecerem ao pesquisador a oportunidade de estudar ocorrências reais da língua e identificar as relações hierárquicas características de um trabalho dentro da Gramática de Construções, também permitem a obtenção de dados estatísticos, como destaca Hilpert (2014). Esses dados podem ser interpretados no contexto de uma construção, algo viável por meio da Análise Colostrucional² e de outras abordagens estatísticas e qualitativas relevantes nessa perspectiva teórica.

Com base nesses dados estatísticos, pode-se construir *clusters* semânticos que proporcionam a caracterização de cada construção em análise, ou até a investigação das mudanças pelas quais uma certa construção passou ao longo do tempo, como o trabalho de Hilpert (2012), por exemplo.

O estabelecimento dessas análises estatísticas e de frequência, bem como o seu aproveitamento para uma caracterização semântica, como a análise de *clusters*, buscam encontrar e promover discussões concernentes à relação entre forma e função, tema central na Gramática de Construções, e que também tem sido recorrente nos estudos funcionalistas, uma vez que se apresenta, por exemplo, nos trabalhos sobre iconicidade, clássicos no Funcionalismo de Van der Auwera e Givón (1984).

A menção a alguns pontos das perspectivas Funcionalistas serviu para que se tentasse ilustrar, ainda que brevemente, duas situações: a primeira é a de que o Funcionalismo linguístico é amplo, ou seja, é fundamental ter claro que reconhecer dado trabalho como funcional não fornece todas as diretrizes de decisões metodológicas que serão adotadas no estudo. Portanto, ainda que se reconheça a miríade de propostas teóricas funcionalistas, o entendimento de que se trata de uma proposta guarda-chuva leva à segunda situação, a qual evidencia que, apesar das diferenças, existem traços em comum entre as várias perspectivas, permitindo que sejam enquadradas dentro do amplo termo: Funcionalismo.

Observando as propostas, é possível perceber que, nas pesquisas de cunho funcional, o interesse da investigação se volta para a comunicação, ou seja, nota-se como a forma é utilizada para atingir os objetivos comunicativos do falante. Pensando nisso, a semântica e a pragmática

² A Análise Colostrucional será descrita mais detalhadamente adiante, mas, por ora, define-se brevemente como um conjunto de métodos estatísticos baseados em *corpora*, que permite medir a atração e a repulsão entre itens lexicais e uma construção. Idealizada por Gries e Stefanowitsch (2004), a proposta utiliza ideias da Gramática de Construções de Goldberg (1995).

são centrais, sendo a sintaxe derivada das outras duas. Além disso, nota-se que as propostas funcionais elencadas acima levam em consideração o impacto de fatores extralinguísticos na constituição gramatical. Desse modo, o que se expôs até aqui se relaciona com o que Butler (2003) sintetizou como aspectos centrais do funcionalismo. Segundo Butler (2003), são características comuns a todas as vertentes funcionais as seguintes:

- Ênfase na linguagem como meio de comunicação humana em contextos sociais e psicológicos;
- Discordância à ideia de que a gramática é arbitrária e autocontida, em favor da explicação funcional em termos de fatores cognitivos, socioculturais, fisiológicos e diacrônicos;
- Discordância à ideia de que a sintaxe é um sistema contido em si mesmo, em favor de uma abordagem que semântica e pragmática são centrais, considerando a sintaxe como um meio para a expressão dos significados, que é pelo menos parcialmente motivada por esses significados.

Logo, a partir de todas as considerações realizadas até aqui, buscou-se evidenciar a variedade de abordagens presentes no Funcionalismo em Linguística, mas mais ainda, caracterizar os pontos de convergência entre todas elas, elencados por Butler (2003), justificando as razões para que todas se insiram dentro do mesmo paradigma de estudos. Como destacou-se desde o início, a intenção desse percurso teórico era apenas reconhecer quão amplo é o Funcionalismo, e indicar através de quais argumentos adota-se, neste trabalho, a Gramática de Construções como funcionalista, mesmo reconhecendo a posição intermediária no *cline formal x funcional* em que ela se insere para grande parte dos pesquisadores.

Finalmente, já que este trabalho segue especificamente as propostas da Gramática de Construções Cognitiva, na próxima seção, propõe-se uma discussão mais aprofundada da perspectiva teórica em questão, a Gramática de Construções,

2.1.1 As Gramáticas de Construções

Esta seção é destinada a apresentar pontos centrais da teoria adotada neste trabalho. Para atingir este objetivo, foram resgatadas obras relevantes para pesquisadores que adotam a Gramática de Construções em suas investigações, sendo algumas delas Goldberg (1995, 2006),

Hoffman e Trousdale (2013), Hilpert (2014), Traugott e Trousdale (2021) e produções de outros autores que também se dedicam à empreitada construcional.

A discussão tem início na conhecida definição Saussuriana de signo linguístico. O professor genebrino propõe em seu Curso de Linguística Geral (1916) que um signo é “uma entidade psíquica de duas faces”, as quais unem uma imagem acústica, ou seja, uma forma de se representá-la fisicamente, e um significado a ela associado. Trata-se do pareamento entre significante e significado, o qual, segundo Saussure, se dá de maneira arbitrária.

A noção da arbitrariedade do signo é uma das proposições mais basilares da linguística moderna, portanto diversos linguistas se dedicaram a investigar a arbitrariedade dos pareamentos de forma e significado, expandindo a ideia para além do emprego na descrição de palavras e morfemas, mas também para descrever sintagmas e outros níveis da gramática. Essa expansão passou a envolver morfemas, itens lexicais, padrões sintáticos, expressões idiomáticas e demais itens que podem ser entendidos como um par convencional de forma e significado. Muitos dos linguistas que se dedicaram a investigar esse tipo de estrutura passaram a atuar dentro da Gramática de Construções.

Como se verá ao longo da seção, o termo “construção” pode ser interpretado de maneiras um pouco diferentes pelos autores da área, porém, buscando uma forma um pouco mais generalizada para nortear a leitura do texto, adota-se aqui a perspectiva *goldbergiana* em que uma construção é uma unidade simbólica convencional que associa forma e significado.

Já o termo “Gramática de Construções” apareceu pela primeira vez nos trabalhos de Fillmore, como no de 1968 e, a partir de então, pode-se pensar nas várias “Gramáticas de Construções”. Assim como o Funcionalismo em Linguística não é um só, também se tem várias vertentes da Gramática de Construções, de modo que é interessante uma categorização e explicitação de qual delas será adotada.

Desse modo, por considerar que se trata de uma discussão relevante, propõe-se, aqui, seguir as ideias de diversos autores ao iniciarem suas discussões apresentando as chamadas Gramáticas de Construções e, para tratar mais exclusivamente da Gramática de Construções Cognitiva, optou-se por recorrer a Hilpert (2014) e Goldberg (1995, 2006), trabalhos de referência na área, bem como outros artigos e capítulos de autores atuantes no meio.

As bases dessa empreitada teórica remontam às décadas de 80 e 90 do século passado, momento em que Paul Kay, George Lakoff, and Charles Fillmore, indo na contramão da linguística norte-americana da época, propuseram inovações em suas aulas. Contrariamente à onda *chomskiana* de busca por regularidades e padrões universais das línguas, propunham que

os estudiosos se dedicassem ao estudo de ocorrências idiossincráticas, olhando, inclusive, para expressões idiomáticas e estruturas que, segundo a hipótese deles, seriam irregulares, mas poderiam ser encontradas em muitas línguas.

Os estudos desenvolvidos acabaram por propor a existência de uma espécie de Gramática de Construções, ainda que não da mesma forma que se concebe hoje e nem a partir de uma intenção consciente dos autores em propor algo do tipo. Essa primeira variante da Gramática de Construções é chamada de Gramática de Construções de Berkeley, uma vez que foi concebida na Universidade da Califórnia (Berkeley). Trata-se de uma proposta altamente formal e que apareceu dentro dos famosos estudos sobre a Semântica de *Frames* de Fillmore (1988).

Derivadas da Gramática de Construções de Berkeley, começaram a ser delineadas novas propostas para se estudar as construções, uma delas é a proposta de Boas e Sag (2012), a chamada Gramática de Construções Baseada no Signo (GCBS). Nessa concepção da Gramática de Construções, o objetivo central é propor um modelo formal e tipológico que permita aos pesquisadores o desenvolvimento de hipóteses que possam ser testadas em diferentes línguas, ajudando na busca pelos universais linguísticos. Como mencionado, trata-se de uma proposta altamente formal e que, diferentemente do signo saussureano que combina forma e significado, a proposta da GCBS entende que o signo inclui, pelo menos, “(...) estrutura fonológica, forma (morfológica), categoria sintática, semântica e fatores contextuais, incluindo a estrutura da informação” (Sag, 2012, p. 71 *apud* Traugott e Trousdale, 2021, p. 30). Nesse modelo, são produzidas representações complexas e que são expressas por traços.

De maneira semelhante, a Gramática de Construções Radical, desenvolvida por Croft (2001), também está interessada na relação entre descrição gramatical e tipologia linguística. Nas propostas do autor, as construções são específicas à cada língua ou, nas palavras de Croft (2013):

A diversidade tipológica das línguas leva à hipótese de que todas as categorias gramaticais são específicas da língua e da construção e, portanto, as construções são unidades básicas de representação sintática. Também leva à hipótese de que não existe nenhuma estrutura sintática formal além da estrutura parte/todo das construções e dos papéis gramaticais que ocorrem nas construções, e que as construções são específicas da língua. (Croft, 2013, p. 162. Tradução nossa).³

³ The typological diversity of languages leads to the hypothesis that all grammatical categories are language specific and construction specific and so constructions are basic units of syntactic representation. It also leads to the hypothesis that there is no formal syntactic structure other than the part/whole structure of constructions and the grammatical roles that occur in constructions, and that constructions are language specific. (Croft, 2013, p. 162).

A Gramática Cognitiva (Langacker, 1987; 1991; 2005), por sua vez, rejeita a noção de sintaxe e pauta a conceptualização do signo linguístico como uma ligação entre estrutura semântica e fonológica. Essa noção se vale amplamente da perspectiva e do ponto de vista como direcionadores mentais, ou ainda, vê a língua como

fundamentada na experiência humana incorporada e em processos cognitivos independentes da linguagem, e assume que a gramática é inerentemente significativa e que a linguagem consiste em pares forma-significado ou montagens de estruturas simbólicas (Broccias, 2013, p. 149. Tradução nossa)⁴

Por último, a Gramática de Construções Cognitiva (Goldberg, 1995, 2006), que, apesar do nome semelhante, se difere da anterior nas situações que serão discutidas na sequência. Ressalta-se, também, que se trata da perspectiva teórica adotada neste trabalho.

A publicação de Goldberg (1995) foi, de acordo com Boas (2013), o estopim inicial para a consolidação do que chamamos Gramática de Construções Cognitiva e, a partir do trabalho da autora, diversos outros foram produzidos sob sua influência e permitiram, por consequência, a exploração de variadas construções em diferentes línguas, garantindo um amplo arcabouço teórico dentro dessa perspectiva.

A proposta de Goldberg (1995), inicialmente, definia “construção” como um par de forma e significado, em que a forma ou o significado não era diretamente derivável das partes que compõem a construção. Em seguida, no trabalho de Goldberg (2006), a autora expandiu sua proposta para incluir, também, construções que são previsíveis, baseadas na sua estrutura, e que foram memorizadas pelos falantes por ocorrerem com uma alta frequência e passam a expressar um sentido convencionalizado.

O trabalho de Goldberg (1995) se volta especialmente para construções de natureza argumental, como as construções bitransitivas no inglês (1), (2) e (3). O foco da autora, como apontado, se direciona às construções idiossincráticas, ou seja, aquelas que não podem ser apreendidas somente pela análise das partes que a compõem. Nesse sentido, Goldberg (1995) considera que a sintaxe de uma construção também impacta no seu significado, indo além do sentido dos itens lexicais.

⁴ grounded in embodied human experience and language-independent cognitive processes, and it assumes grammar to be inherently meaningful, and that language consists of form-meaning pairings or assemblies of symbolic structures (Broccias, 2013, p. 149).

Em outras palavras, pode-se exemplificar esse tipo de situação com casos em que o verbo principal não apresenta, a princípio, a semântica mais facilmente recuperável quando aparece inserido em uma construção, como em (1), (2) e (3):

- (1) They *laughed* the poor guy out of the room.
- (2) Frank *sneezed* the tissue off the table.
- (3) Mary *urged* Bill into the house. (adaptado de Goldberg, 1995 p. 152 *apud* Boas, 2013)

Nos exemplos acima, os significados das construções não podem ser apreendidos apenas observando as palavras que as compõem. Os verbos *laugh*, *sneeze* e *urge* não apresentam, *a priori*, a semântica de movimento causado, que é o sentido expresso pelas construções, segundo a argumentação da autora. Para Goldberg (1995), apesar de os três verbos apresentarem uma semântica diferente por ocorrerem dentro da construção de movimento causado (X CAUSED Y TO MOVE Z) eles são interpretados com a semântica de um movimento causado.

Portanto, Goldberg (1995) argumenta em favor da *caused-motion construction* e conclui que a semântica da estrutura sintática da construção tem papel fundamental no entendimento dos exemplos acima, ou ainda

embora os verbos (...) contribuam com seus significados básicos, é a construção do Movimento Causado que está associada ao significado e, portanto, contribui com os argumentos adicionais que fornecem a interpretação final de movimento causado. (Boas, 2013, p. 178. Tradução nossa)⁵

Disso, é possível concluir que para Goldberg (1995, 2006), uma construção pode ser entendida desde pequenas unidades da língua que apresentam significado, como morfemas, até palavras e agrupamentos de palavras. Essa visão não é unânime, já que alguns pesquisadores da Gramática de Construções (Diessel, 2019), por exemplo, não adotam a noção de que padrões gramaticais com menos de dois elementos podem ser entendidos como construções. De todo modo, neste trabalho adota-se a perspectiva proposta por Goldberg (1995, 2006), ainda que se reconheça não se tratar de um consenso.

⁵ although the verbs in (1) contribute their basic meanings, it is the Caused Motion construction that is itself associated with meaning and therefore contributes the additional arguments providing the final interpretation of caused-motion. (Boas, 2013, p. 178)

Além disso, é importante retomar algo mencionado anteriormente quando foi apresentada a concepção de Goldberg (2006) para *construção*. Para a autora, além de composições que não podem ser interpretadas apenas pelo sentido literal das partes que a compõem, uma construção também pode se tratar de um padrão frequente na língua, com estrutura condizente à estrutura sintática esperada, mas que ocorre com uma alta produtividade, de modo a cristalizá-la, passando a expressar um significado convencional que não é inteiramente previsível a partir de suas partes isoladas, como em (4):

(4) Era só o que me faltava!

O exemplo acima não viola expectativas da sintaxe e pode ser interpretado pelo sentido literal das partes que o compõem. A partir desse raciocínio literal, o exemplo em (4) poderia ser interpretado como significando que X era a única coisa que faltava para que se completasse algo esperado.

Um contexto possível seria o seguinte: João coleciona gibis, porém perdeu uma edição e, como a sua coleção estava incompleta, iniciou uma busca incansável pelo gibi que faltava. Pedro, um grande amigo, ao saber da situação, e tendo encontrado o gibi específico em uma loja, rapidamente o comprou para presentear o amigo, ao que, após a entrega, recebeu o comentário entusiasmado: “Era só o que me faltava!” referindo-se ao gibi, sendo o único que faltava para completar a coleção de João.

Esse uso é possível e se trata do uso literal da construção, porém esse emprego é improvável e até estranho, pois essa construção é extremamente formulaica para representar um sentido convencional de indignação e ironia. Esse segundo sentido, o mais frequentemente associado ao uso dessa construção, pode ser exemplificado por um cenário em que João, além de estar extremamente irritado por ter perdido uma das edições do gibi que colecionava, ao receber mais um “não” de um vendedor de gibis, constata, ao sair da loja, que o pneu do seu carro estava furado. Olhando para a situação de modo indignado João comenta “Era só o que me faltava!”.

Reconhecer qual emprego de uma construção é mais frequente leva a outro aspecto muito importante das propostas de Goldberg (1995, 2006): o trabalho com *corpus*. Para conduzir pesquisas pautadas pela frequência de ocorrência de um dado linguístico, não se pode trabalhar com dados da introspecção apenas, mas é fundamental que se trabalhe com dados reais do uso. O uso ou não de um *corpus* para o desenvolvimento de uma pesquisa não é um

tema novo e nem um consenso entre linguistas, tanto que a obra de Schütze (2016), por exemplo, versa inteiramente sobre esse debate.

Como mencionado anteriormente, no caso da Gramática de Construções Cognitiva, bem como em muitos trabalhos dentro da abordagem funcionalista, a mobilização de um *corpus* é central e necessária, já que os dados empíricos refletem, até certa medida, os usos reais que fazemos das construções em estudo.

Pensando, portanto, na dissertação que aqui se desenvolve, o trabalho com um *corpus* é extremamente necessário, pois permite observar a produtividade da construção com [SE AO MENOS X], quais verbos são atraídos ou repelidos pela construção, quais usos são mais frequentes e assim por diante. Aspectos mais detalhados sobre o *corpus* estudado, o tratamento dos dados e demais informações sobre as ocorrências empíricas estudadas aqui serão discutidos em seções subsequentes.

2.1.2 Pontos De Convergência Entre As Gramáticas de Construções

Buscando sintetizar a discussão sobre as diversas Gramáticas de Construções, Goldberg (2013) reuniu quatro princípios teóricos que são compartilhados por todas as propostas de Gramática de Construções e um quinto que é compartilhado pela maioria. É o que se discute nesta subseção.

O primeiro princípio determinado por Goldberg (2013), possivelmente o mais basilar de todos, é o que define a própria noção de “construção”. Todas as perspectivas que se denominam como Gramática de Construções entendem que a unidade básica da gramática é a construção, um pareamento convencional de forma e significado.

O segundo princípio diz respeito à estrutura semântica das construções, a qual, para as/os construcionistas, é mapeada diretamente na estrutura sintática superficial, sem derivações. Essa visão se relaciona diretamente à posição gerativista de que processos transformacionais estejam envolvidos na elaboração de estruturas mais ou menos complexas.

O terceiro princípio, altamente filiado às propostas cognitivistas, entende que a língua, bem como outros processos cognitivos, é uma rede de associações que tomam a forma de hierarquias de herança. Desse modo, assim como ocorre em outros processos cognitivos em que se mobiliza um conhecimento mais generalizado para decodificar situações mais específicas, às quais talvez nunca se tenha sido exposto, na língua, as construções de nível mais baixo, ou seja, aquelas mais específicas, são previsíveis a partir de construções mais gerais, que

ocupam níveis superiores na hierarquia da rede. Em outras palavras, é possível compreender novas construções com base em construções mais generalizadas já armazenadas no conhecimento linguístico.

Um exemplo morfológico, no português, dessa generalização, pode ser a de que um falante conhece a construção esquematizada indicativa de um verbo e, portanto, sabe certas regras de marcação da conjugação verbal, apesar de alguns verbos não serem regulares. Nesse sentido, o verbo “googlar” (construção de nível mais baixo na visão em rede das construções, em que quanto mais acima, mais abstrata é a construção, enquanto níveis mais baixos correspondem a usos concretos), uma inovação recente na língua, por conta da ascensão da tecnologia e que se relaciona a “pesquisar no Google”, pode ser apreendido, apesar de ser uma novidade, porque os falantes dominam a construção mais esquemática da formação de verbos no português.

O quarto princípio apontado por Goldberg (2013) se relaciona com a visão das perspectivas construcionais quanto à estrutura da língua. Nesse sentido, a estrutura linguística é moldada pelo uso da língua, devido a fenômenos como perspectivização, por exemplo. A mudança linguística, por sua vez, pode ser entendida como decorrente de processos cognitivos de domínio geral.

Por fim, o último princípio, que é compartilhado pela maioria das propostas construcionais, mas não por todas, de acordo com Goldberg (2013) é a ideia de que a estrutura da língua é moldada pelo uso da língua.

Nesta subseção, buscou-se mostrar como as perspectivas construcionais se diferenciam, mas, ainda assim, apresentam pontos de convergência em que podem ser encontradas ideias em comum. Além disso, procurou-se apresentar mais detalhes sobre a Gramática de Construções Cognitiva e sua aplicação a este trabalho. Pensando, agora, no uso específico das insubordinadas, na próxima seção serão discutidos os trabalhos diretamente relacionados ao tema.

3. A INSUBORDINAÇÃO

Nesta seção, procura-se discutir o objeto em investigação nesta pesquisa, ou seja, as orações insubordinadas. Logo de início, pode-se considerar que muitas construções e usos linguísticos são marginalizados e não recebem a devida atenção nas descrições gramaticais, portanto diversos estudiosos vêm dedicando seus trabalhos para descrever e propor formas de se pensar variadas construções caras aos falantes, mas que não são amplamente descritas.

São muitas as razões que podem levar a essa marginalização, como questões sociais, limitações de algumas teorias em uso, interesses de pesquisa vigentes em certos núcleos de investigadores e até questões educacionais e de tradição gramatical. Quando se menciona a tradição gramatical como uma das razões para essa marginalização, rapidamente podem ser retomados os estudos que tratam da subordinação de orações.

Na tradição escolar, ensina-se que essa diferenciação é muito clara e objetiva, criando a ilusão de que não há muito o que dizer sobre essa distinção para além do que é apresentado em sala de aula e nas gramáticas de referência. Um olhar atento ao uso real da língua, entretanto, evidencia que essa distinção não é tão clara, sendo necessário que se observe usos que não se encaixam em nenhuma das possibilidades amplamente abordadas, apesar de serem comumente atestados na língua.

A fim de ilustrar essa variedade para além do que se encontra em gramáticas de referência, pode-se partir do exemplo de Hirata-Vale (2005), em que a autora propôs a descrição de formas de se veicular a condicionalidade em português, mas que não dependiam da conjunção “se” e nem eram expressas na forma canônica *se p, então q*. Nesse sentido, é possível perceber que no uso real da língua, veicula-se certos sentidos, apesar de não se recorrer sempre à mesma estrutura tão claramente determinada pelas gramáticas tradicionais e difundida no meio educacional.

É claro que a definição exposta pela tradição não está de todo errada, porém é importante ter em mente que ela não esgota todas as possibilidades de expressão linguística da condicionalidade e de outros tantos fenômenos linguísticos relacionados à subordinação, por exemplo.

Para demonstrar como os estudos sobre subordinação podem ir além daquilo que autores e gramáticos amplamente reconhecidos mencionam em seus trabalhos que versam sobre o tema, e visando evidenciar a marginalização de empregos que, apesar de recorrentes, fogem do uso

canônico e não são descritos nas gramáticas das línguas, buscou-se pelas definições de subordinação em algumas gramáticas de referência do PB.

Em princípio, a subordinação pode ser entendida como a articulação entre duas orações, sendo que uma delas tem o seu sentido completo e exerce uma relação de centralidade em relação à subordinada. Em outras palavras, significa dizer que uma oração é dependente da outra e, portanto, essa segunda oração depende da principal para que seu sentido possa ser compreendido. A definição abaixo pode ser encontrada em Bechara (2019) e trata dessa relação afirmando que

(...) uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, [é] considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir (...) [e que] pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por hipotaxe ou subordinação, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade. (Bechara, 2009, p. 381)

Olhando para outra gramática, em Cunha e Cintra (2017), encontra-se a definição de que as “orações subordinadas funcionam sempre como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração”. Nas duas definições mencionadas, os autores evidenciam o caráter de dependência de uma oração em relação a outra. Essa noção pode ser colocada à prova, como se discutirá adiante, quando se pensa em usos como em (1), que traz uma oração insubordinada, por exemplo.

(1) Eu não posso mais nem beber umas cervejinhas de fds que acordo me sentindo um zumbi. Esse negócio de ficar velho é mto triste, se ao menos eu pudesse me aposentar (CORPUS DE TWEETS)

No exemplo em análise, se percebe que a oração insubordinada não depende de uma oração principal. Nesse caso, porém, quais outras características podem ser apontadas como a aproximando de uma oração subordinada, ainda que ela apareça de modo independente? Para responder a essa pergunta, pode-se retornar ao trabalho de Bechara (2019) e agora o interesse se direciona à outra parte da definição. Nela, o autor versa sobre as orações subordinadas e traz a noção de que elas são marcadas por conjunções subordinativas, que, segundo ele, são as seguintes: *se, conforme, apenas, caso e enquanto*.

Logo, com base nas definições encontradas, as construções insubordinadas apresentam marcas de subordinação, como as conjunções subordinativas, mas contrariando a primeira parte

das definições apresentadas, não dependem de uma oração principal para terem o seu significado compreendido, sendo consideradas, inclusive, como orações completas.

Quanto à completude dessas orações, a seguinte passagem de um estudo de Patard (2014) conclui que, ainda que haja a incompletude sintática da oração, elas são prosodicamente completas, o que “(...) parece indicar que os enunciados estão completos do ponto de vista prosódico, a entonação não indica a espera por um segmento seguinte” (Patard, 2014, p. 121. Tradução própria)⁶.

Essa estrutura de subordinada, com marcas como conjunções subordinativas, aliadas à ausência de uma oração principal, ao mesmo tempo em que há uma completude prosódica, como apontado por Patard (2014), torna a construção insubordinada um fenômeno singular do uso linguístico, pois ao mesmo tempo que apresenta marcas de subordinação, que tradicionalmente requerem a presença de uma oração principal para estar completa, sua sintaxe e prosódia indicam que a sentença enunciada já está completa. Esse tipo de uso pode ser encontrado para o português e para outras línguas, como evidenciado na passagem abaixo:

é precisamente essa 'irregularidade' [da construção insubordinada], que a faz escapar aos moldes da gramática tradicional, a responsável pela pouca atenção dada à insubordinação nas descrições gramaticais. Isso é verdade mesmo para as gramáticas de referência de línguas bem descritas, como o latim, o grego clássico, e o inglês (conforme observado por Evans e Watanabe 2016: 19). Como um tipo de oração que não atende aos critérios de completude da sintaxe escrita, as orações insubordinadas foram ignoradas em trabalhos linguísticos anteriores ou marginalizadas como anomalias. (Beijering, Kaltenböck e Sansiñena, 2019, p. 3)⁷

As insubordinadas podem ser pensadas como anomalias especialmente quando se retomam as definições lógicas da subordinação, mais especificamente da condicionalidade. Não é apenas na tradição gramatical que as construções subordinadas são entendidas como uma relação entre duas orações. Na lógica clássica, as subordinadas condicionais são entendidas como construções complexas constituídas por duas orações: a principal (prótase ou P) e a subordinada (apódose ou Q), e uma conjunção condicional, que atua como operador lógico na

⁶ “Cela semble indiquer que les énoncés sont complets du point de vue prosodique, l’intonation ne signalant pas l’attente d’un segment à venir.” (Patard, 2014, p. 121. Tradução minha)

⁷ It is precisely this ‘unruliness’ which makes it fall outside the molds of traditional grammar that can be seen as responsible for the lack of attention insubordination has received in grammatical descriptions. This is true even for the reference grammars of well-described languages such as Latin, Classical Greek and English (as noted by Evans and Watanabe 2016b: 19). As a clause type which does not meet the criteria of completeness of written syntax, insubordinate clauses were either ignored in earlier linguistic work or marginalized as anomalies. (Beijering, Kaltenböck e Sansiñena, 2019, p. 3. Tradução própria).

relação entre as orações. Essa relação é chamada de implicação material (\rightarrow), que é, então, avaliada quanto aos valores de verdade.

Diante da definição exposta acima, nota-se que a relação entre duas orações e a necessidade de um operador lógico que exerce função de indicação da dependência de uma das orações em relação à outra, linguisticamente marcado pelas conjunções subordinativas, mostra que as construções insubordinadas são ignoradas em diferentes perspectivas teóricas da linguística, destacando o seu caráter atípico e, portanto, como mencionado por Beijering, Kaltenböck e Sansiñena (2019), coloca essas construções à margem dos estudos de descrição.

A dicotomia e até objetividade na descrição das construções subordinadas condicionais fecha as portas para os usos que estão em estudo neste trabalho e já foram objeto de interesse em alguns outros antes deste. Retomando o que foi dito por Dancygier (1998), as condicionais constituem uma área do uso da língua em que a interação entre forma, significado e contexto é excepcionalmente complexa e fascinante. É por esse motivo que usos linguísticos como a insubordinação, por exemplo, contrariam definições utilizadas amplamente, já que, ainda segundo Dancygier (1998), “a forma das condicionais parece escapar de elegantes e uniformes descrições”.

Dado o seu comportamento singular, as insubordinadas com estrutura condicional acabam sendo deixadas de lado na grande parte das principais gramáticas das línguas, como apontado por Evans (2007), Beijering, Kaltenböck e Sansiñena (2019) e outros, graças ao seu comportamento não prototípico. No caso da construção aqui trabalhada, ainda que as orações apresentem marcas de condicionalidade, argumenta-se que a sua função não expressa uma condição.

Sobre isso, pode-se afirmar que, nas orações insubordinadas condicionais, os empregos e funções apresentados são recorrentemente diferentes dos seus usos subordinados em construções condicionais, ou seja, para além da marca sintática de que a oração principal está sintaticamente ausente, esses usos apresentam características próprias, configurando, assim, como discutido anteriormente sobre o trabalho de Goldberg (2006), uma construção. É possível chegar a tal conclusão, afinal trata-se de um pareamento de forma e função, no qual o significado do todo não pode ser, necessariamente, derivado do significado das partes que o compõem. Desse modo, indo além do que se descreveu até aqui, parte-se, agora, para alguns dos estudos sobre insubordinação e o que se conclui e define em cada um deles.

Para iniciar esta trajetória que tratará de trabalhos-chave no estudo das construções insubordinadas, é preciso iniciar por aquele que estabeleceu o termo “insubordinação” para

tratar do fenômeno em análise neste trabalho. Evans (2007), além de cunhar o termo, o definiu como um processo diacrônico de independentização de construções que, a princípio, eram subordinadas. Em outras palavras, o autor reconhece que algumas construções subordinadas, diacronicamente, podem se tornar independentes e, a partir desse processo, podem adquirir novos sentidos e usos.

A insubordinação é pensada por Evans (2007) como o processo em que construções que apresentam algumas características das construções subordinadas deixam de se comportar como tal, já que passam a funcionar como sintática, semântica e pragmaticamente completas. Para o autor, o fenômeno da insubordinação ocorre no nível sintático e se pauta na elipse da oração principal. Além disso, as explicações dadas pelo autor para que as construções possam apresentar novos sentidos derivam de processos diacrônicos.

O quadro abaixo reflete o processo de insubordinação proposto por Evans (2007) e que será discutido a seguir.

Quadro 1 - Esquema do processo de insubordinação (Evans, 2007)

Insubordinação	Elipse	Elipse Convencionalizada	Re-análise como uma estrutura principal
(1)	(2)	(3)	(4)
Construção subordinada	Elipse da oração principal	Restrição à interpretação do material elíptico	Uso convencionalizado como principal de oração originalmente subordinada (construcionalização)

Fonte: Evans, 2007, p. 370

De acordo com as propostas de Evans (2007), o processo de insubordinação pode ser descrito pelas etapas exemplificadas na tabela acima. Na primeira etapa, tem-se a construção subordinada prototípica, aquela apresentada pelas gramáticas de referência, pela lógica clássica e que se conforma com as definições estabelecidas em que se menciona a relação de dependência entre duas orações, operacionalizada pelo uso de marcadores de subordinação, como as conjunções. Como exemplo desse uso, Evans (2007) apresenta a seguinte ocorrência:

(2) Ich erinner-e mich nicht,
 I remember-1sg refl not
 ob sie eine Karte gekauft hatte
 whether she indf.f.nom ticket bought had

‘I don’t remember whether she bought a ticket.’ (Durrell 1997: 387
apud Evans, 2007)

“Eu não me lembro se ela comprou um ingresso”

Nesse primeiro caso, tem-se o uso subordinado prototípico da oração, ou seja, a oração subordinada depende de uma oração principal e ambas estão expressas, bem como a conjunção subordinativa. As orações subordinadas são mais amplamente descritas nas línguas germânicas, como se perceberá nesta seção. Talvez isso seja decorrente do fato de que, para muitas línguas germânicas, a ordenação das palavras muda quando há uma subordinação, evidenciando esse uso singular, como descrito por Evans (2007) e outros autores. Sobre o exemplo acima, Evans (2007) destaca que “a conjunção subordinativa ‘ob’ em (2) requer que a oração tenha a ordem de palavras subordinativa, com o verbo em posição final.” (Evans, 2007, p. 371. Tradução própria.⁸)

Partindo para a segunda etapa do processo de insubordinação descrito por Evans (2007), tem-se a elipse da oração principal, ou seja, a oração que era originalmente uma subordinada prototípica, passa a não apresentar mais a oração principal. Como exemplos desse emprego, Evans (2007) apresenta os seguintes:

(3) [Was mein-st du dazu,] Ob ich mal wegen meiner
what think-2sg you to.it if I just because my
Galle frag-e?7
gall.bladder ask-1sg
‘(What would you think), if I just ask about my gall bladder?’
(Buscha 1976 *apud* Evans, 2007)
**“(O que você pensaria), se eu simplesmente perguntasse sobre a
minha vesícula biliar?”**

(4) [Ich zweifl-e,] Ob wir richtig sind?
I doubt-1sg if we right are
‘(I doubt), whether we are right?’ (Buscha 1976 *apud* Evans, 2007)
“(Eu duvido), se estamos certos?”

Nessa etapa, segundo Evans (2007), qualquer oração principal compatível pode ser recuperada pelo ouvinte, já que não há nenhuma restrição semântica limitando essa reconstrução. Para corroborar essa colocação, Evans (2007) recorre a trabalhos como o de

⁸ the subordinating conjunction ob ‘whether’ in (3) requires that its clause have subordinate word order, with the verb in clause-final position. (Evans, 2007, p. 371)

Buscha (1976), sobre o alemão, em que se demonstra a grande variedade de orações que podem ser recuperadas para ocupar a posição disponível. Evans (2007) também usa seu próprio trabalho anterior (Evans, 1993) em que apresenta o conceito de “grammatical placedness”, que se relaciona a um processo de projeção gramatical que limita as possibilidades de reconstrução da oração principal, pautando-se por inferências conversacionais.

Já na terceira etapa, as possibilidades de recuperação da oração principal são mais limitadas, já que semanticamente somente algumas são permitidas. Essas restrições, segundo Evans (2007), podem ser extremamente gerais, como restrições quanto à polaridade da oração a ser recuperada (positiva ou negativa), ou até restrições mais específicas ligadas diretamente ao conteúdo da oração expressa. Sobre isso, ele exemplifica o primeiro caso em (5) e o segundo caso em (6).

(5) [Es wa`re scho`n,] / Wenn ich deine Statur ha`tte
it be.3sg.sbjv lovely if I your build had
‘[It would be lovely] / if I had your build.’ (Evans, 2007, p. 373)
[Seria adorável], se eu tivesse o seu físico

(6) Und wenn ich nicht von ihr loskomm-e?
and if I not from her get.away-1sg
‘And if I don’t get away from her?’ (Evans, 2007, p. 373)
“E se eu não me livrar dela?”

Por fim, partindo para a última etapa do processo de insubordinação, no quarto estágio a construção conclui o processo denominado de “construcionalização” e adquire um significado próprio, não sendo mais possível recuperar o material elíptico. Exemplo desse uso dado por Evans (2007) é:

(7) Wo Zehntausende verreck-en mu`ss-en
where ten.thousands die-inf must-3pl
Lit.: ‘Where tens of thousands must die’ (Evans, 2007, p. 374)
“Onde dez mil devem morrer”

Para o exemplo acima, Evans (2007) menciona o trabalho de Buscha (1976), em que a autora discute a presença de um ordenamento verbal de construções subordinadas, típico de algumas línguas germânicas, sem a presença de uma oração principal, ao mesmo tempo que ressalta a impossibilidade de se restaurar um possível material elíptico, já que o uso já se convencionizou de modo insubordinado.

Além disso, o autor menciona trabalhos sobre as *si-clauses* no espanhol (Almela Pérez, 1985; Montolío Durán, 1999; Schwenter, 1999), em que os autores, ao trabalharem com esse tipo de construção, mostram características particulares do uso insubordinado, quando comparado com o uso subordinado condicional prototípico.

Retomando a discussão sobre os trabalhos centrais que se dedicam à insubordinação, é importante ressaltar que apesar de pioneiras, as propostas de Evans (2007) não esgotaram tudo que poderia ser estudado sobre tais construções, afinal seu trabalho se volta exclusivamente para a elipse da oração principal e o ganho gradual de independência da oração originalmente subordinada, até que ela se torne uma insubordinada.

Nesse sentido, os estudos de Evans (2007) se detêm ao nível sintático e recorrem à diacronia para explicar o processo de insubordinação. Essa perspectiva foi criticada por Mithun (2008) e conseqüentemente expandida pela autora ao trabalhar com as línguas norte-americanas Navajo e Yup'ik, as quais apresentam relações de insubordinação que não poderiam ser explicadas pelas propostas de Evans (2007).

Em seu trabalho, a autora questiona a abordagem puramente sintática da proposta de Evans (2007), ao mesmo tempo em que propõe que questões discursivas devem ser levadas em consideração. Além disso, ressalta que a sincronia também pode ter impacto na existência de orações insubordinadas. Ou seja, ela expande as análises para além de apenas uma supressão da oração, afirmando que se deve também considerar o plano discursivo, já que a construção insubordinada pode estar relacionada a outros tópicos já mencionados ou turnos de fala. A essa expansão de escopo, Mithun (2008) dá o nome de extensão da dependência funcional ou “dependency extension”.

O trabalho de Mithun (2008) reconhece que vários casos de construções insubordinadas nas línguas estudadas por ela podem, de fato, ser explicadas pelas propostas de Evans (2007). Entretanto, para alguns casos, a proposta de Evans (2007) não é suficiente para contemplar o que ocorre nos usos atestados. Nas palavras de Mithun (2008):

[...] A maioria das construções das línguas Navajo e Yup'ik discutidas anteriormente não é facilmente explicada por uma abordagem de elipse, por várias razões. Uma delas é que a maioria delas se originou como construções adverbiais (adjuntas) em vez de completivas, como aquelas discutidas por Evans. Uma segunda diz respeito às suas funções. As funções das construções insubordinadas de Evans estão geralmente restritas ao domínio da frase marcada em *si* e à matriz que falta. Os marcadores Navajo =go, o participial autônomo Yup'ik =lria e o Barbareño Chumash ≈al- marcam material fora da linha principal de eventos em um trecho narrativo; eles relacionam

frases a um contexto discursivo ou pragmático mais amplo. (Mithun, 2008, p. 107. Tradução própria⁹)

A autora também aponta que essas orações independentes apresentam uma prosódia que indica completude e, outras porções textuais que podem vir após o uso da insubordinada apresentam uma prosódia de início, de recomeço. Com base em todas as informações apresentadas, Mithun (2008) encerra seu texto propondo uma reflexão para que linguistas passem a olhar as construções para além da sintaxe, pois algumas conclusões podem ser diferentes quando se leva o contexto discursivo também em consideração. “Uma consciência dos processos de extensão além dos limites da frase pode nos alertar para estruturas que de outra forma poderíamos perder”. (Mithun, 2008, p. 113. Tradução nossa¹⁰)

Essa colocação é de extrema relevância para outros trabalhos que serão apresentados a partir de agora, bem como para as análises e discussões desta dissertação. Dentre os trabalhos em que a relação de dependência é encarada para além da sintaxe, pode-se mencionar o estudo de D’Hertefelt e Verstraete (2013).

Em consonância com as propostas de Mithun (2008), D’Hertefelt e Verstraete (2013) reconhecem a importância do trabalho de Evans (2007), ao mesmo tempo em que admitem que nem todos os casos em que há uma oração com marcas de subordinação ocorrendo de maneira independente podem ser explicados pela proposta da elipse de uma oração subordinada, que vai adquirindo independência através do tempo, como aponta a proposta de Evans (2007).

Os autores trabalham com dois tipos de orações insubordinadas no sueco e no dinamarquês, a saber, as expressivas e as elaborativas. Em seu estudo, D’Hertefelt e Verstraete (2014) concluem que a primeira pode ser compreendida dentro das propostas de Evans (2007), enquanto a segunda, assim como apontado por Mithun (2008), é dependente de seu contexto pragmático e não está completamente independente. Além disso, a explicação para a origem dessas construções não pode ser muito bem explicada diacronicamente como para as outras. Os autores consideram que

[...] construções expressivas são compatíveis com a hipótese de desenvolvimento de insubordinação de Evans, ou seja, parece provável que essas construções tenham se

⁹ “[...] most of the Navajo and Yup’ik constructions discussed earlier are not easily explained by an ellipsis account either, for several reasons. One is that most of them originated as adverbial (adjunct) constructions rather than complements like those discussed by Evans. A second pertains to their functions. The functions of Evans’s insubordinate constructions are generally confined to the domain of the marked sentence itself and the missing matrix. The Navajo and Yup’ik markers operate over larger stretches of discourse. (Mithun, 2008, p. 107).

¹⁰ An awareness of processes of extension beyond the boundaries of the sentence can alert us to structures we might otherwise miss. (Mithun, 2008, p. 113).

desenvolvido por meio da elipse da oração principal. Construções elaborativas, por outro lado, não são compatíveis com essa hipótese, mas provavelmente se desenvolveram por meio de mudanças na dependência. (D’Hertefelt e Verstraete, 2014, p. 100. Tradução própria.¹¹)

Essa mudança na dependência mencionada pelos autores se relaciona com as propostas de Mithun (2008), em que a dependência deixa de estar no nível sintático e passa a ocorrer no nível pragmático. A fim de ilustrar essas duas situações colocadas em comparação pelos autores, abaixo se apresenta dois exemplos retirados do trabalho original. Em (8) há uma construção expressiva e em (9) uma elaborativa. O primeiro é em dinamarquês e o segundo em sueco.

(8) [Jeg synes det er forbavsende]
I think. PRS it be.PRS amazing
At noget så katastrofalt kan ende så godt..
COMP something so catastrophic can. PRS end.INF so well
‘[I can’t believe] that something so catastrophic can end so well.’
“[Eu não acredito] que algo tão catastrófico pode terminar tão bem”.
(DANISH, IC)
(D’Hertefelt e Verstraete, 2014, p. 90. Tradução própria)

(9) A: men detta e ju faktiskt bara ETT av tv+ / ja åtminstone TVå
tänkbara sätt att uppfatta kultur /
B: m:
C: m:
A: att / e:h du ser det alltså som normer för //
COMP eh you see.PRS it so as norm.PL for
mänskligt beteende va / men du kan ju också uppfatta kultur
human conduct TAG
som / beteendet självt va
‘A: but this actually is only one out of tw- / yes at least two conceivable
ways to interpret culture /
B: mm
C: mm
A: that / eh so you see it as norms for // human conduct right / but
you can also interpret it as / the conduct itself right
(SWEDISH, GSLC)

¹¹ expressive constructions are compatible with Evans’ developmental hypothesis for insubordination, i.e. it seems likely that these constructions developed via ellipsis of the main clause. Elaborative constructions, on the other hand, are not compatible with this hypothesis, but more likely developed via shifts in dependency (D’HERTEFELT E VERSTRAETE, 2014, p. 100)

*"A: mas isso na verdade é apenas uma de duas / sim, pelo menos duas maneiras concebíveis de interpretar cultura / B: mm C: mm A: **que / eh então você vê isso como normas para // a conduta humana, certo?** / mas você também pode interpretá-la como / a própria conduta, certo?"*
(D'Hertefelt e Verstraete, 2014, p. 99. Tradução própria)

Como é possível observar nos exemplos acima, a ocorrência em (8), assim como a sua própria denominação antecipa, expressa um comentário ou uma percepção quanto a uma situação. Para D'Hertefelt e Verstraete (2014), esse tipo de construção pode ser bem explicado pela hipótese de Evans (2007). O exemplo em (9), por sua vez, elabora uma temática já presente anteriormente no contexto pragmático, já que retoma as ideias presentes em um turno anterior e as elabora, não sendo compreendida pela proposta de Evans (2007).

Os trabalhos mencionados até aqui são alguns dos que versam sobre o tema e foram discutidos por darem as bases daquilo que se desenvolve neste estudo. Além disso, ainda que muitas ideias possam se relacionar entre línguas, sabe-se que diversos fenômenos linguísticos podem se apresentar de maneiras diferentes entre variadas línguas. Tornando a descrição um pouco mais específica, direcionando a atenção para trabalhos sobre o português, temos em Hirata-Vale (2015) uma proposta de descrição das construções condicionais subordinadas no PB e no português europeu (PE).

Dentre as conclusões da autora, pode-se mencionar que as construções subordinadas não apresentam grandes diferenças entre o PB e o PE, excetuando-se os casos específicos do PE, como "se calhar" e "se faz favor". Além disso, Hirata-Vale (2015) aponta que as construções subordinadas vão perdendo gradativamente o sentido condicional/hipotético e passam a codificar outros valores, os quais são determinados pragmaticamente. Desse modo, em termos de sentido, as construções condicionais subordinadas passam, portanto, a codificar funções relacionadas a sentidos de (não) polidez, como: permissão, pedidos, ofertas, ameaças.

Outras informações relevantes encontradas pela autora se relacionam ao afastamento das subordinadas quando comparadas ao uso das condicionais subordinadas. Em outras palavras, partindo das conclusões de Sweetser (1990) em que a autora propõe três domínios cognitivos para a interpretação das condicionais (*conteúdo*, *epistêmico* e *atos de fala*), Hirata-Vale (2015) conclui que as subordinadas apenas mantêm o *epistêmico* e o de *atos de fala*, considerando que o domínio cognitivo de *conteúdo* é perdido ao se reconhecer que não há mais a relação de causa-consequência, típica das construções condicionais prototípicas.

Por fim, em termos formais, Hirata-Vale (2015) propõe a existência de um *cline* de fixidez das construções condicionais subordinadas. Para a autora, o cline parte das ocorrências

mais espontâneas, até aquelas mais construcionalizadas e independentes. Nessa concepção, o grau de independência aumenta da esquerda para a direita e pode ser esquematicamente visualizado por meio do seguinte diagrama:

CCIs espontâneas > CCIs construcionais > CCIs formulaicas

Através do trabalho da autora, discute-se a proposta de que as construções condicionais insubordinadas (CCIs) espontâneas, aquelas localizadas à esquerda do *cline* representado acima, são as menos independentes. Significa dizer que essas CCIs só podem ser interpretadas quando são consideradas levando o contexto discursivo em que estão inseridas também em consideração. A princípio, qualquer oração principal pode ser resgatada na interpretação, tendo em vista que as CCIs espontâneas não apresentam nenhuma estrutura fixa, além da conjunção *se*. Por serem espontâneas, essas CCIs são fortemente dependentes do contexto de uso para que sejam interpretadas corretamente, como em (4):

- (4) LULA – Eu penso que o povo brasileiro está percebendo que é mais fácil falar do que fazer. É verdade que o ENEM não mede a qualidade do ensino fundamental, mas ele mede a qualidade das pessoas que estão fazendo a prova. E São Paulo ficou em oitavo lugar. Segundo, é um problema para o Brasil, porque **se no Estado mais rico as coisas não acontecem assim...** (PB/Corpus Brasileiro *apud* Hirata-Vale, 2015)

Em uma posição intermediária no *cline* de Hirata-Vale (2015), encontram-se as CCIs construcionais. As construções entendidas como construcionais são mais independentes e apresentam padrões morfossintáticos que vão além da conjunção *se*. Esses padrões morfossintáticos limitam a reconstrução de possíveis orações principais, que agora são condicionadas por certos padrões. Dentre eles, o emprego de certos tempo e modo verbais, bem como o uso de expressões fixas, como o “ao menos”, objeto deste estudo e daquele em Comarim e Hirata-Vale (2023), por exemplo. Abaixo um exemplo de CCI construcional.

- (5) - Em Lisboa, meu padrinho disse-me hoje...
- Quê? Em Lisboa? Então tu não vieste de cima, da Beira, a aproveitar a viagem de volta?
- Não, tia - confessei, deixando cair a voz.
- Eu fui até Lisboa... Mas apareci de surpresa lá em casa, vi o que nunca tinha visto, e fugi para cá, no primeiro comboio. **Se ao menos tivesse ido pelo ar com uma bomba!** Minha tia olhava-me fixamente, compreendendo tudo nas minhas reticências, nos soluços que eu, por fim consegui soltar,

escondendo os olhos no ombro dela. (PE/CORPUS DO PORTUGUÊS apud Hirata-Vale, 2015)

Finalmente, no último nível proposto por Hirata-Vale (2015), classifica-se as CCIs formulaicas, as mais independentes e que, segundo a autora, tendem a expressar um comentário ou uma avaliação do falante, como em (6). Nessa etapa do *cline*, as CCIs já são fixas e cristalizadas com determinada estrutura. O exemplo abaixo representa tal uso:

(6) Lembro que uma vez me levaram pra: mostrar como eles faziam aqueles tipozinhos, **se eu não me engano** - de chumbo - é chumbo né? - depois organiza aquilo tudinho - é: - já vem depois de corrigido aquilo é corrigido. (PB/CORPUS DO PORTUGUÊS apud HIRATA-VALE, 2015)

Decorrente dos estudos de Hirata-Vale (2015), algumas outras pesquisas foram desenvolvidas buscando propor descrições ainda mais específicas sobre esse uso e mobilizando o arcabouço teórico da Gramática de Construções.

Coradini (2022), sobre o português, propõe uma análise exaustiva das construções condicionais insubordinadas na diacronia. Para isso, a autora avalia os processos de formação dessas construções e, além disso, verifica quais subtipos são atestados em português e como agrupá-los em rede, seguindo o modelo teórico da Gramática de Construções.

Indo ao encontro das propostas discutidas até aqui, Coradini (2022) atesta a validade das duas principais hipóteses descritas, ou seja, ela verifica a pertinência da proposta de Evans (2007) que se volta para a elipse da oração principal, bem como reconhece a importância das propostas que se valem de análises sincrônicas e que avaliam a relação de dependência para além da sintaxe. Nas palavras da autora:

No caso das construções condicionais, essa trajetória aponta para a perda da condicionalidade, de modo que as construções, com o passar do tempo, desempenham funções relacionadas à organização do discurso. Os dados sugerem também que as condicionais insubordinadas podem emergir tanto por meio da elipse em orações principais, corroborando a hipótese de Evans (2007), quanto por meio de processos como neanálise e analogização, em casos de construções altamente convencionalizadas que, no entanto, parecem não ter estágios menos avançados de especialização na diacronia. (Coradini, 2022, p. 150)

A autora também reconhece que, no português, essas construções são recorrentemente empregadas para projetar cenários hipotéticos avaliados como desejáveis, segundo ela expressas pelas condicionais deônticas de desejo e as de raciocínio, e para organizar o discurso, por meio das construções metatextuais. Como resultado, Coradini (2022) reconhece os desafios

de se propor um agrupamento e classificação, dado o caráter altamente plural e complexo dessas orações quanto à forma e à função, porém propõe um agrupamento em rede, nos moldes da Gramática de Construções, que engloba os usos atestados por ela.

Em consonância com as propostas de Coradini (2022) que reconhece a pluralidade formal e funcional dessas construções, Alves (2022) analisou as CCIs adversativas e se volta a um novo subtipo de CCIs. Por meio dessas análises, conclui que as CCIs adversativas se diferenciam das orações subordinadas e apresentam características formais e funcionais próprias.

Dentre as características formais específicas, a autora aponta que as CCIs adversativas apresentam o verbo comumente no indicativo, diferentemente das construções subordinadas prototípicas e, também, diferente do que se argumenta nesta pesquisa sobre as CCIs com [SE AO MENOS X] e se discutirá adiante. Desse modo, ressalta-se a elaboração de um arcabouço teórico coeso, pautado na perspectiva teórica da Gramática de Construções e buscando descrever os usos das CCIs no PB e no PE, tomando como ponto de partida o trabalho de Hirata-Vale (2015) e, de maneira mais ampla, os demais trabalhos que descrevem esse tipo de construção em outras línguas.

Finalmente, na próxima seção se propõe uma discussão mais aprofundada das CCIs com [SE AO MENOS X] em outras línguas e, mais recentemente, os estudos sobre essa construção no PB. Essas conclusões, aliadas àquelas descritas neste capítulo, forneceram as diretrizes fundamentais para nortear o desenvolvimento deste trabalho e as descrições propostas aqui.

O próximo capítulo será organizado em três seções. Na primeira serão discutidos trabalhos que se ocupam, de maneira geral, das CCIs com [SE AO MENOS X] em diversas línguas. Na segunda seção, uma atenção especial será dedicada ao trabalho de D'Hertefeldt (2015) que, pela primeira vez, trata dessas construções visando propor uma categorização dos subtipos próprios da construção, a qual será empregada neste trabalho. Por fim, na seção final, os trabalhos desenvolvidos por Comarim e Hirata-Vale (2023) e Comarim (2023) serão apresentados e permitirão abordar o estado atual e o que já se sabe sobre as CCIs com [SE AO MENOS X].

4. [SE AO MENOS X] INSUBORDINADA EM PORTUGUÊS E OUTRAS LÍNGUAS

Nesta seção, pretende-se realizar um percurso teórico sobre trabalhos centrais que discutem o uso das construções in subordinadas do tipo [SE AO MENOS X]. Essa trajetória passará pelo estudo da construção em diversas línguas e culminará nos trabalhos desenvolvidos sobre o português brasileiro até aqui. A opção por adotar essa ordem de constituição do capítulo visa a especificar cada vez mais o que tem sido feito, até alcançar os trabalhos mais diretamente relacionados a este.

Em todos os trabalhos que serão descritos aqui há um consenso de que essas construções se afastam do sentido de condicionalidade, que seria esperado por conta da sua estrutura com marcas de subordinação condicional, ao mesmo tempo em que há a emergência da semântica de desejo. Por essa razão, os trabalhos investigam essa construção como mecanismo de expressão de desejos e, portanto, em todos eles se parte dessa noção e da descrição de como o desejo é expresso.

Pensando nas diferenças, talvez a mais significativa seja a percepção de que os itens lexicais que compõem a construção podem sofrer ligeiras modificações a depender da língua em estudo. Mais especificamente, Grosz (2012) relata que, em algumas línguas, a construção é composta pelos itens lexicais “if” e “only”, e esse padrão é traduzido para os itens lexicais correspondentes em cada língua. Entretanto, em outras línguas esse padrão é expresso por “if” e “at least” (com é o caso do PB).

O trabalho de Grosz (2012) é um estudo comparativo que se propõe, entre outras questões, a mostrar a existência e as semelhanças entre essas construções, que podem se constituir de itens lexicais diferentes nas línguas, mas que funcionam do mesmo modo na expressão de desejos. O trabalho de Grosz (2012) será mais amplamente discutido adiante, pois optou-se por adotar uma ordem cronológica dos estudos sobre as in subordinadas do tipo [SE AO MENOS X].

Antes de iniciar a discussão, vai-se mencionar brevemente todos os trabalhos sobre a construção in subordinada com [SE AO MENOS X] e que foram mapeados por Grosz (2012) e nesta dissertação nas investigações sobre o tema. Como será possível notar na tabela abaixo, além de ocorrer em muitas línguas, essa construção também já foi descrita diversas vezes, tomando como ponto de partida diferentes aspectos do seu uso.

Tabela 1 - Trabalhos sobre as construções insubordinadas do tipo [SE AO MENOS X] em diversas línguas

Língua em análise	Trabalhos encontrados
Inglês	Stirling (1999); Declerck e Reed (2001); Panther e Thornburg (2003); Dancygier e Sweetser (2005); Grosz (2012); D’Hertefelt (2015)
Alemão	Buscha (1975); Weuster (1983); Oppenrieder (1989); Thurmair (1989); Grosz (2012); D’Hertefelt (2015)
Neerlandês	Boogart e Verheij (2013); Grosz (2012); D’Hertefelt (2015)
Sueco	Teleman, Hellberg, Andersson (2010); Lindström Ms.; Laury, Lindholm e Lindström (2013); D’Hertefelt (2015)
Dinamarquês	D’Hertefelt (2015)
Islandês	D’Hertefelt (2015)
Francês	Aptekman (2008)
Português	Comarim e Hirata-Vale (2023)

Fonte: Elaboração Própria.

Ao observar a tabela acima, rapidamente chega-se a algumas conclusões que merecem atenção. A primeira diz respeito à predominância dos estudos sobre as línguas germânicas. Uma das hipóteses para a recorrência de trabalhos sobre essa família linguística reside em algo que se encontra já mencionado na seção sobre trabalhos de insubordinação, ou seja, a inversão na sintaxe da oração subordinada que, evidentemente, é uma marca muito característica e que chama a atenção quando essa estrutura não aparece acompanhada da oração subordinada. Essa característica de algumas das línguas germânicas pode ser muito recorrente e pode atrair o interesse de diversos pesquisadores. Além disso, outra hipótese pode ser a produtividade dessas construções nas línguas germânicas.

Apesar da grande recorrência de estudos sobre a construção nessa família linguística, é necessário ressaltar que, como mencionado acima, não se trata de uma exclusividade dessas línguas, como demonstrado por Grosz (2012) para línguas além das descritas na tabela, como

o italiano, o russo, o hebraico, o finlandês, o coreano e outras mencionadas ao longo do trabalho do autor.

a. **Se solo/soltanto** Gianni fosse ricco! Italiano

if only Gianni be.SUBJ rich

‘If only Gianni were rich!’

“**Se ao menos Gianni fosse rico!**”

b. **Jesli** by ja **tol’ko** byl bogatym! Russo

if I only be.PAST rich.inst

‘If only I were rich!’

“**Se ao menos eu fosse rico!**”

c. **ilu/lu rak** hayiti ashir! Hebraico

if only be.PAST.1SG rich

‘If only I were rich!’

“**Se ao menos eu fosse rico!**”

d. **Jos vain** olisin rikas Finlandês

if only be.COND.1SG rich

‘If only I were rich!’

“**Se ao menos eu fosse rico!**”

e. John-i puca-i-ki-**man** ha-ess-te-**ramyun** Coreano

John-NOM rich.person-be-NMLZ-only do-PAST-PAST-if

‘If only I were rich!’

“**Se ao menos eu fosse rico!**”

Adaptado de Grosz (2012)

Observando os exemplos acima, pode-se perceber a grande variedade de línguas e recorrência dos usos das construções in subordinadas do tipo [SE AO MENOS X], além de ressaltar os padrões morfossintáticos que se repetem através das línguas. Os estudos sobre esses

padrões e usos são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa que ora se realiza. Partindo da tabela construída acima, alguns dos trabalhos serão descritos e será possível traçar uma trajetória teórica sobre essa construção.

Começando por Stirling (1999), a autora adota a nomenclatura de “isolated if-clause optatives”. Stirling (1999) conclui que todas as ocorrências do *corpus* em análise por ela apresentam o verbo no passado e, além disso, as propostas dela estão em consonância com os demais trabalhos sobre essa construção, pois reconhecem que elas são usadas para expressar um desejo do falante, o qual é intensificado pelo uso do advérbio “only”.

Nessa linha de investigação sobre o emprego do advérbio, Stirling (1999) também realiza uma experiência interessante ao colocar em contraste as construções insubordinadas com “if” em que há a presença do “only” com aquelas que o advérbio não aparece. Com base nisso, ela investiga a mudança semântica decorrente do emprego ou não do advérbio.

Partindo dos dados obtidos, ela conclui que construções como (1) e (2) compartilham o sentido de expressão de desejo e o caráter optativo, porém elas não são equivalentes, tendo em vista que a adição do “only” em (1) implica na significação de que o falante (ou o ouvinte) não pode fazer nada para realizar o desejo expresso. Ou seja, o uso do advérbio ressalta a incapacidade de interferência de agentes externos para que aquilo que é expresso como desejável se torne real.

(1) **If only Miss Hawkins would get a job...** (FLA p. 195, apud Stirling, 1999)

(2) MR D.NICHOLLS: [...] But that’s where it’s failing, you know. **If there was someone there to say, “Well, we’ve got your kiddv here, look he’s on the streets.”** (Trans p.149, apud Stirling, 1999)

Resumidamente, a autora defende que na interpretação de (1), o falante (e/ou o ouvinte) não pode fazer nada para que Miss Hawkins consiga um emprego, portanto está além de sua capacidade, porém em (2), existe a possibilidade de que haja alguém para dizer a frase desejada, talvez o falante só não tenha encontrado essa pessoa ainda. O emprego pode até funcionar como um pedido polido para que alguém faça aquilo que está expresso como desejável.

Ainda que não se trate da investigação diretamente proposta por este trabalho, parece possível afirmar que ocorrências semelhantes funcionem da mesma maneira para o PB, como se pode observar em (1b) e (2b), em que os exemplos acima são empregados em português.

(1b) Se ao menos Miss Hawkins conseguisse um trabalho...

(2b) "[...] Mas é aí que está falhando, sabe. Se houvesse alguém lá para dizer: 'Olha, temos o seu filho aqui, veja, ele está nas ruas.'"

Em (1b), assim como ocorre para o inglês, a capacidade de intervenção do falante para que o desejo seja realizado parece mais distante do que se observa em (2b), pois o uso parece expressar um desejo mais realizável.

Já Declerck e Reed (2001), em seu livro sobre construções condicionais, tratam das construções insubordinadas com “if only” em um capítulo dedicado às condicionais sintaticamente incompletas. A ocorrência em (3) é usada pelos autores para ilustrar o tipo de construção mencionado:

(3) If only she would listen to me! (Declerck e Reed, 2001: 385)

Os autores reconhecem que há um afastamento do sentido condicional para que tais construções passem a veicular um desejo. Com base nisso, chamam as insubordinadas com “if only” de desejos contrafactuais (*counterfactual wishes*), nomenclatura também adotada por D’Hertefelt (2015), em destaque em seção subsequente.

Em Panther e Thornburg (2003), de maneira semelhante ao que foi estudado por Stirling (1999), compararam construções insubordinadas que apresentam e não apresentam o advérbio “only”. A conclusão a que chegam nessa comparação é de que nos dois casos há a expressão de desejos, mas quando o advérbio não está presente, o desejo é mais fraco e cancelável, como exemplificado por (4) e (5).

(4) ‘That girl’s nothing but a load of trouble, I’m warning you.’ ‘Kitty’s all right,’ Bone contradicted flatly. ‘It’s her boy-friend that’s the trouble. If we could get rid of him...’ Harry nodded his grizzled head like an old hound. [LOB.L1, *apud* PANTHER & THORNBURG, 2003]

(5) “But meanwhile, I must find her. If only I had a clue where to look for her.” “Has it occurred to you that when you told her about us it was such a shock to her that she has run away.” [LOB.P1, *apud* PANTHER & THORNBURG, 2003]

Para afirmar que um desejo é cancelável, Panther e Thornburg (2003) realizaram experimentos em que as orações eram reescritas de modo a cancelar o conteúdo de desejo expresso por elas. Quando a reformulação foi aplicada a orações do modelo “if only”, a nova ocorrência se tornava agramatical, permitindo a conclusão de que o desejo era mais forte e não-cancelável se comparado com orações sem o advérbio. Exemplos de testes estão apresentados nas ocorrências (4’) e (5’) respectivamente:

(4’) Cancelability: If we could get rid of him but I’m not saying I *wish* we could get rid of him – I’m just entertaining the thought. (Panther e Thornburg, 2003, p. 138. Grifo dos autores)

(5’) Cancelability: # **If only** I had a clue where to look for her, but I don’t wish I had a clue where to look for her. (Panther e Thornburg, 2003, p. 138)

Sobre os usos acima, ambos parecem funcionar de modo semelhante para o português, de modo que o emprego do “ao menos” indica que uma possível reformulação em que o desejo é negado resulte em uma sentença anômala (4b), algo que não ocorre em (4a).

(4a) Cancelabilidade: Se nós pudéssemos nos livrar dele — mas não estou dizendo que eu gostaria que pudéssemos nos livrar dele — só estou considerando a ideia.

(4b) Cancelabilidade: # **Se ao menos** eu tivesse uma pista de onde procurá-la, mas eu não desejo ter uma pista de onde procurá-la.

Finalmente, uma outra conclusão dos autores é a de que o conteúdo da oração em (5) não é factual, ou seja, não corresponde à realidade. Em contrapartida, trata-se de um desejo que potencialmente pode vir a se tornar real, não há nada que impeça a sua realização futura. Panther e Thornburg (2003) concluem, porém, que algumas ocorrências encabeçadas por “if only” expressam desejos relacionados a eventos no passado que não podem ser revertidos. A realização do desejo não ocorreu no passado e não poderá ocorrer no futuro. (6) e (7) exemplificam tais usos:

(6) Tom, she thought. If only I could have asked Tom's advice. But now it's too late for that. [LOB.L1, *apud* PANTHER & THORNBURG, 2003, p. 139]

(7) Watching him go, unable to speak, she felt that part of her was leaving with him. She couldn't hate him... If only he would have confided in her, given some explanation. Now there was nothing – not even friendship. [LOB.P1, *apud* PANTHER & THORNBURG, 2003, p. 139]

Por serem desejos que não foram realizados, e também não poderão se tornar reais em um momento futuro, esses desejos expressam, segundo os autores, a ausência de satisfação emocional, carregando emoções negativas associadas a desejos não realizados ou realizáveis, tais como arrependimento, amargura, raiva e outros. Boa parte dessas conclusões dos autores também aparecem em outros trabalhos sobre a construção e são amplamente explorados por D'Hertefelt (2015).

Enquanto os autores acima direcionaram seus estudos à presença ou ausência do advérbio “only”, no trabalho de Dancygier e Sweetser (2005) as investigações se voltaram para a contribuição da conjunção “if” na consolidação da semântica da construção. O arcabouço teórico adotado pelas autoras para observar o uso da construção é o da Linguística Cognitiva ao mobilizarem a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994; Fauconnier e Sweetser, 1996; Ferrari e Sweetser, 2012; Fauconnier, 1997).

No trabalho, as autoras começam diferenciando as construções que são encabeçadas com “only if” e “if only”. Em princípio, essa distinção reflete uma mudança de escopo do advérbio, em que no primeiro caso, o “only” tem escopo sobre toda a oração condicional, enquanto no segundo caso o escopo do “only” atua apenas sobre o “if”. Nas construções com “only if” há uma restrição dos cenários possíveis para que o conteúdo expresso pela condicional seja satisfeito.

Além de distinguir essas duas orações, as autoras também diferenciam as orações subordinadas e insubordinadas que começam com “if only”. Para as autoras, essas duas construções com “if only” têm propriedades construcionais específicas de forma e significado: a subordinada é chamada de “if-only two-clause conditional wish construction” e a insubordinada de “single-clause if-only wish construction”. É interessante notar que as autoras já destacam no nome da oração o seu emprego para expressão de desejos.

Além disso, elas propõem uma interessante reflexão quanto à semântica da construção insubordinada que é herdada da construção subordinada, como no exemplo seguinte:

(8) If only I could have frozen him I'd have circled him like a statue in a museum, taking my time, noting his posture and listing the items he carried. (AG.TB.281 apud Dancygier e Sweetser, 2005)

Dancygier e Sweetser (2005) iniciam por mencionar que esse uso claramente apresenta a semântica de desejo, não sendo uma condicional simples. Para funcionar desse modo, as construções com “if only” apresentam o verbo como indicador da postura epistêmica negativa do falante, de acordo com o que é defendido em Fillmore (1990). A postura epistêmica negativa é uma atitude do falante em relação ao conhecimento ou à veracidade de uma informação, marcada por valores como dúvida e incerteza da responsabilidade sobre o conteúdo do que está sendo dito.

As autoras comentam que o uso de verbos indicativos de postura epistêmica negativa já é, de certa forma, suficiente para expressar o valor de desejo, ou seja, essa semântica não é exclusivamente gerada pelo uso de “if only”. A construção “if only” seleciona verbos que sejam coerentes semanticamente e que sejam condizentes com o que ele expressa, portanto esse uso só funciona bem com o conjunto todo sendo compatível e, em casos como (9), alguns tipos verbais tornam a oração pragmaticamente anômala, exemplificado por (9’).

(9) If only I had a brain, I'd be able to think better. (Dancygier & Sweetser, 2005, p. 213)

(9’) #If only I have a brain, I'll be able to think better. (Dancygier & Sweetser, 2005, p. 213)

Pensando no caso do português, uma maneira de observar o emprego da construção [SE AO MENOS X] como uma construção já construcionalizada e usada na expressão de desejo pode ser uma experiência de inversão das partes que compõem a parte fixa da construção, ou seja “ao menos se”. Nesse caso, ainda que seja um uso possível no PB, perde-se o sentido de expressão de desejo e passa-se a observar a expressão de escalaridade. Além disso, a oração principal parece voltar a ser indispensável.

(10) **Ao menos se** eu tivesse guardado o arquivo, não teria perdido tantas horas de trabalho para refazê-lo.

(10b) #Ao menos se eu tivesse guardado o arquivo...

Para além da postura epistêmica negativa, Dancygier e Sweetser (2005) afirmam que tais construções apresentam uma postura emocional positiva, ou seja, trata-se de uma atitude de interesse positivo do falante em relação ao cenário criado pelo desejo, a preferência por aquela possibilidade, aquele cenário que é expresso com valores de hipoteticidade. O espaço mental gerado pela expressão do desejo é o cenário preferido do falante.

Para as construções em que a oração principal não aparece, isto é, as insubordinadas, Dancygier e Sweetser (2005) não consideram que sejam construções condicionais, mesmo que compartilhem algumas ligações com a subordinada, afinal herdaram a postura emocional positiva e o requerimento de construções com marcas formais de postura epistêmica negativa. As autoras consideram que tais orações expressam desejos e não são exatamente condicionais.

Além disso, os desejos são contrafactuais, pois não refletem a realidade e, também, entende-se que os desejos são interpretados como impossíveis pelos falantes. Sobre a oração principal que está ausente, as autoras também consideram que existem diferentes graus nas possibilidades de reconstrução da oração principal e quanto mais implícito o conteúdo expresso por ela, mais a oração insubordinada se afasta do seu sentido condicional e mais se aproxima da expressão de desejo. Um exemplo mencionado no texto é retomado em (11).

(11) If only he would stop drinking! (Dancygier & Sweetser, 2005, p. 218)

Sobre esses sentidos que são herdados da oração subordinada, as autoras afirmam que

Essa construção mono-oracional carrega consigo o significado convencional da postura emocional positiva do falante e da postura epistêmica negativa, embora tenha perdido uma função composicional convencional do *if* de estabelecer um espaço mental como pano de fundo para consideração de algum Q. Se tal Q pudesse ser postulado, estaria apenas implícito. (Dancygier & Sweetser, 2005, p. 238, 239, tradução nossa)¹²

Aptekman (2008) realiza uma investigação semelhante sobre o francês, na qual a autora coloca em contraste a construção “*si seulement*” e “*seulement si*”. Em ocorrências como a

¹² “This monoclausal construction carries with it the conventional meaning of speaker’s positive emotional stance and negative epistemic stance, while having lost a conventional compositional *if*-function of setting up a mental space as a background for consideration of some Q. If such a Q could be postulated at all, it would only be implied” (Dancygier & Sweetser, 2005, p. 238, 239)

representada em (12), a autora conclui que nos casos em que “si seulement” exprime um desejo, a presença da oração principal não é necessária e é frequentemente suprimida.

(12) **Si seulement** j'en avais vu ! (M. Genevoix, Ceux de 14 *apud* Aptekman, 2008)

Para Aptekman (2008), nos casos em que o “si seulement” é utilizado para expressar um desejo, as construções apresentam o verbo no pretérito imperfeito e o valor do desejo é então reforçado por um valor da distância epistêmica, que indica que esse desejo corresponde a uma situação que parece ser difícil de alcançar, ou longe da realidade atual. Desse modo, o trabalho da autora se relaciona com muitos outros discutidos até aqui sobre as línguas germânicas.

Já Grosz (2012) inicia sua investigação em busca da origem do significado de desejo que é expresso por essa construção e questiona se a origem dessa semântica é convencional ou composicional. Além disso, ele propõe questões que já foram discutidas em alguns outros trabalhos apresentados aqui, como em relação ao emprego do advérbio e aspectos formais da sintaxe das orações que ele diferencia como “independent if-optative” (in subordinada) e “optative conditional” (subordinada). Outro tópico presente no trabalho de Grosz (2012) versa sobre as optativas com “that”, porém essa discussão foge do escopo desta pesquisa e não será discutida aqui.

Em consonância com Dancygier e Sweetser (2005) e Aptekman (2008), o autor também reconhece a postura avaliativa positiva em relação ao que é dito, algo que ele verifica realizando testes como os ilustrados abaixo, semelhantes aos testes de Panther e Thornburg (2003):

(13) *Context: I love snowboarding, and I want to go snowboarding as often as possible.*

a. If it snowed tonight, we would go snowboarding tomorrow...

(but I really don't want it to snow, because I hate shoveling the sidewalks).

b. **If only** it snowed tonight, we would go snowboarding tomorrow ...
(#but I really don't want it to snow, because I hate shoveling the sidewalks).

Tradução:

Contexto: Eu adoro praticar snowboard e quero fazer isso o máximo que puder.

a. Se nevasse esta noite, nós faríamos snowboard amanhã... (mas eu realmente não quero que neve, porque eu odeio limpar as calçadas).

b. **Se ao menos** nevasse esta noite, nós faríamos snowboard amanhã... (#mas eu realmente não quero que neve, porque eu odeio limpar as calçadas).

(Adaptado de Grosz, 2012, p. 23 - grifo nosso)

Grosz (2012) busca argumentar, então, que “if only” não é uma expressão idiomática exclusiva do inglês, mostrando que tal construção aparece em várias línguas. Para corroborar seu ponto, o autor apresenta três dados. O primeiro diz respeito à composicionalidade da construção, pois se fosse uma expressão idiomática, o autor indica que o uso do “only” não seria tão flexível, em que se esperaria que os dois elementos “if” e “only” ocorressem com uma maior proximidade na maioria das ocorrências.

O segundo ponto levantado pelo autor é de que construções semelhantes são usadas em outras línguas, como apresentado no início desta seção e que, apesar de mudanças sutis, utilizam elementos semelhantes para veicular a ideia de optatividade, defendida por ele.

O seu terceiro argumento diz respeito aos elementos que compõem essa construção em línguas diferentes. Para Grosz (2012), em algumas línguas, ainda que seja veiculada a noção de optatividade, não se usa sempre os correspondentes imediatos a “if” e “only”, por exemplo, de forma que certas línguas usam os correspondentes a “if” e “at least”, como é o caso do português brasileiro.

Os exemplos retirados de Grosz (2012) são de línguas que veiculam o sentido optativo, mas utilizam itens lexicais diferentes:

Grego Moderno

a. **An mono o John iche akusi tin Mary!*

if only the John.nom had.3sg listened the Mary.acc

?*‘If **only** John had listened to Mary!’

b. *An toulachiston o John iche akusi tin Mary!*

if at.least the John.nom had.3sg listened the Mary.acc

‘If John had **at least** listened to Mary!’

Espanhol Europeu

- a. **Si solo Juan hubiera escuchado a María!*
if only Juan had.subj.past listened to Mary
*‘If **only** John had listened to Mary!’
- b. *Si Juan hubiera al menos escuchado a María!*
if Juan had.subj.past at least listened to Mary
‘If John had **at least** listened to Mary!’

Português Brasileiro

- a. **Se só/ apenas o João tivesse ouvido a Maria!*
if only only the John had listened.to the Mary
*‘If **only** John had listened to Mary!’
- b. *Se ao menos o João tivesse ouvido a Maria!*
if at.the least the John had listened.to the Mary
‘If John had **at least** listened to Mary!’

Catalão

- a. **Si (en Joan) només/ solament hagués escoltat (a) la Maria!*
if the John only only had.subj listened to the Mary
*‘If **only** John had listened to Mary!’
- b. *Si (#en Joan) almenys hagués escoltat (a) la Maria!*
if the John at.least had.subj listened to the Mary
‘If he/ #John had **at least** listened to Mary!’

(Adaptado de Grosz, 2012, p. 36-37)

Ao observar os exemplos acima, é possível ressaltar, novamente, a variedade de línguas em que a construção ocorre, apesar de algumas mudanças nos itens lexicais que a compõem. Além disso, Grosz (2012) também indica que para além das línguas que utilizam o “if” e o “only” e das línguas que utilizam o “if” e o “at least” um terceiro grupo emprega as duas possibilidades, resultando em uma pequena mudança de sentido entre elas.

Ao pensar em outras línguas, cabe mencionar o que já se investigou sobre a construção em português. Comarim e Hirata-Vale (2023) iniciaram a investigação a partir da hipótese de

que quando utilizadas de maneira insubordinada, essas construções passariam a veicular a expressão de um desejo, tendo, portanto, o esmaecimento do sentido condicional.

Para investigar essa hipótese, as autoras propuseram analisar as insubordinadas através dos parâmetros de condicionalidade de Dancygier (1998), buscando encontrar se há, de fato, um esmaecimento do sentido condicional e se ainda existe alguma relação entre essas construções e o sentido condicional. Comarim e Hirata-Vale (2023) supunham que os parâmetros não seriam integralmente reproduzidos nas construções insubordinadas com [SE AO MENOS X], dada a mudança semântica atestada em todos os trabalhos citados anteriormente. As autoras investigaram, então, quais parâmetros se mantêm, quais se perdem e como isso colabora para o afastamento do sentido condicional.

Resumidamente, as conclusões do trabalho de Comarim e Hirata-Vale (2023) indicaram que apenas dois parâmetros seriam mantidos, sendo eles a **não-assertividade** e a construção de **espaços mentais hipotéticos**. A não-assertividade corresponde ao que se espera do uso da postura epistêmica negativa (Fillmore, 1990; Dancygier e Sweetser, 2005; Ferrari, 2016) e pela falta de comprometimento do falante com o conteúdo exposto, já que, assim como verificado por Dancygier e Sweetser (2005), o desejo não foi completamente realizado e, portanto, não se trata de uma afirmação assertiva.

Quanto à construção de espaços mentais hipotéticos, ainda que a estrutura dos espaços mentais não seja a mesma das construções condicionais subordinadas, observa-se a construção de um espaço hipotético em que se considera tudo aquilo que é exposto como desejável pela construção que, se cumprida, resultará em um cenário hipotético preferível pelo falante. Essa conclusão se relaciona à já mencionada postura emocional positiva, como argumentado por Dancygier e Sweetser (2005).

Para Comarim e Hirata-Vale (2023), os demais parâmetros são perdidos ou, ao menos, não são expressos da maneira como Dancygier (1998) propõe. Significa, por exemplo, que para o parâmetro da causalidade, ainda que não seja possível estabelecer uma relação em que o cumprimento da subordinada implica, necessariamente, no conteúdo da principal, como proposto por Dancygier (1998), a estrutura da construção seleciona algumas possibilidades de situações ocasionadas pelo cumprimento do desejo, enquanto outras são completamente descartadas, graças ao conhecimento de mundo, como em (14) e as orações que representam possíveis situações ocasionadas pelo desejo em (14a) e (14b).

(14) Aqui em Brasília, os motoristas já se acostumaram a parar na faixa ao ver algum pedestre se aproximando da faixa. **Se ao menos esse costume se espalhasse...** (CORPUS DO PORTUGUÊS/ PB)

(14a) **Se ao menos** esse costume se espalhasse [haveria uma diminuição no número de atropelamentos.] (Comarim e Hirata-Vale, 2023)

E um uso improvável¹³:

(14b) #**Se ao menos** esse costume se espalhasse [haveria um grande aumento no número de atropelamentos.] (Comarim e Hirata-Vale, 2023)

Diante disso, parece ser possível concluir que, apesar de não haver uma relação de causalidade nitidamente expressa, há indicações que permitem interpretações daquilo que pode ser tomado como decorrente do cumprimento do desejo, seja através do contexto discursivo prévio, seja através de um conhecimento de mundo compartilhado, pois é improvável que alguém deseje o aumento no número de atropelamentos, decorrente de os motoristas respeitarem a faixa de pedestres, ainda que seja gramaticalmente plausível.

Por fim, para Comarim e Hirata-Vale (2023), os outros parâmetros, *sequencialidade* e *predição*, são completamente perdidos, já que a sequencialidade não pode ser analisada em aspectos formais, ou seja, quanto à anteposição ou posposição da oração subordinada, uma vez que não há duas orações para serem organizadas formalmente.

Por outro lado, se se considerar uma possível sequência de eventos, o cumprimento da condição acarretaria a realização do conteúdo da oração principal de maneira sequencial, porém a semântica de desejos que se apresentam como fora do controle do falante impede a interpretação de algo que, necessariamente, se seguiria à eventual realização do desejo. O mesmo ocorre para o parâmetro da *predição*, já que por serem desejos muitas vezes impossíveis e, portanto, muito hipotéticos, não parece ser possível afirmar que há uma predição de algo que certamente iria ocorrer, caso o desejo fosse satisfeito.

Nesta seção, buscou-se apresentar alguns dos trabalhos que se ocuparam em descrever, através de diversos pontos de partida, as construções insubordinadas do tipo [SE AO MENOS X] em várias línguas, inclusive em português.

¹³ O exemplo em (14b) trata-se de um emprego pragmaticamente anômalo, mas sua semântica segue sendo possível. Desse modo, a anomalia é estritamente pragmática, não semântica.

Por meio desse percurso, esperou-se que fosse possível ter uma noção mais clara das características sintáticas e semântico/pragmáticas da construção, permitindo desenvolver a discussão proposta neste trabalho. A seguir, apresenta-se uma subseção que trata especificamente de um dos trabalhos sobre a construção, a saber o de D’Hertefelt (2015). Como se verá, o trabalho da autora guiará o desenvolvimento desta pesquisa e, portanto, será discutido em uma seção separada.

4.1 TRABALHO DE D’HERTEFELT (2015)

O trabalho de D’Hertefelt (2015) sobre línguas germânicas, como inglês, alemão, dinamarquês, sueco, islandês e neerlandês tem como foco de estudo as orações completivas independentes e as orações condicionais independentes. Ao estudar essas duas categorias, ela busca mapear os significados e como eles são expressos, ao mesmo tempo que propõe questões sobre a natureza da insubordinação.

A autora aponta que o uso das insubordinadas não é excepcional, mas sim um fenômeno amplamente atestado, algo que se relaciona, por exemplo, à variedade de línguas que as construções do tipo [SE AO MENOS X] ocorrem, demonstrado na tabela 1 presente na seção anterior e nas discussões de Grosz (2012), e à variedade de estudos que se dedicam a elas.

D’Hertefelt (2015) investiga a semântica das construções insubordinadas que, segundo ela, exercem, de maneira geral, funções modais, de negociação entre falante e ouvinte e de organização do discurso. O trabalho da autora não é dedicado exclusivamente às construções do tipo [SE AO MENOS X], porém esse tipo de uso é ricamente descrito através de parâmetros extremamente úteis e pertinentes para esta dissertação.

A tese da autora é dividida em duas partes: a primeira, com dois capítulos em que propõe tipologias construcionais para as insubordinadas completivas e para as condicionais. Já na segunda parte, a autora propõe uma discussão para definir se todas as construções estudadas por ela podem ser consideradas insubordinadas, afinal existem diferentes graus de independência. Após definir quais são as insubordinadas, ela direciona o foco do estudo para elas.

Quanto às insubordinadas condicionais, a autora aponta a existência de seis categorias semânticas básicas, as quais podem expressar diferentes significados. Dentre as seis possibilidades, o interesse desta dissertação reside nas consideradas deônticas, pois segundo a autora são as construções empregadas para avaliar a desejabilidade de uma situação potencial

e a autora classifica as construções insubordinadas do tipo [SE AO MENOS X] como pertencentes a essa categoria.

Sucintamente, as seis categorias semânticas encontradas pela autora podem ser exemplificadas pela tabela abaixo, sistematizadas para esta dissertação:

Tabela 2 - Sumarização das seis categorias semânticas propostas por D’Hertefelt (2015) para as condicionais insubordinadas nas línguas germânicas. Produção própria.

Deôntica (<i>Deontic</i>)	Situação potencial avaliada pela sua desejabilidade
Avaliativa (<i>Evaluative</i>)	Avaliação de uma situação (“state of affairs”)
Assertiva (<i>Assertive</i>)	Confirmar uma situação
Argumentativa (<i>Argumentative</i>)	Justificar algo dito anteriormente
Raciocínio (<i>Reasoning</i>)	Convite para imaginar uma situação
Modificadora (<i>Post-modifying</i>)	Condição extra para algo que foi dito anteriormente

Fonte: Elaboração Própria.

Nos exemplos abaixo reproduz-se as ocorrências presentes no trabalho de D’Hertefelt (2015) para discutir cada um desses usos: deôntica (15), avaliativa (16), assertiva (17), argumentativa (18), raciocínio (19) e modificadora (20). Além disso, destaca-se a língua e o *corpus* em que a autora coletou os exemplos que estão reproduzidos abaixo.

ALEMÃO (IC)

(15) Ich denke, so ähnlich hofften die Menschen damals auch:
‘I think in those days people had similar hopes:

Wenn er nur bald kommt,
COND he PRT fast come.PRS.IND

If only he comes soon,
der Heilsbringer, der verheißene Sohn Davids, der Messias, der Menschensohn, der Weltverbesserer, von dem wir unser ganzes Glück erhoffen.

the redeemer, David’s promised son, the Messiah, the Son of Man, the world reformer, of whom we expect our whole happiness.’

(<http://www.kanzelgruss.de/index.php?seite=predigt&id=1322>, 21/10/2014)

ALEMÃO (Pasch et al. 2003: 400)

(16) Da komt Peter.
‘There comes Peter.

Wenn ich den schon SEhe.
COND I DEM PRT see.PRS.IND

Ugh, **just seeing him makes me sick.** [lit.: If I just sEE him.]
(D’Hertefelt, 2015, p. 74)

ISLANDÊS (IC)

(17) Jú, ef það skyldi ekki vera Steingrímur J. Sigfússon
yes COND DEM shall.PST.SBJV NEG be.INF NAME
sjálfur sem flutti ræðuna!
self REL give.PST.IND speech
‘Yes, if it wasn’t Steingrímur Sigfússon himself who gave the talk!’
(<http://islandsfengur.blog.is/blog/islandsfengur/?month=12;year=2009;offset=29>
, 21/10/2014 apud D’Hertefelt, 2015, p. 74).

SUECO (GSLC)

(18) A: sen / sen tar jag nog jeanskjol- även om den är rätt varm så är
den
tålig
‘then / then I’ll also take my jeans skirt even though it’s quite warm it’s
sturdy
B: mm
mm
A: **om det nu är så smutsigt på båtarna som Inge sade**
COND DEM PRT be.PRS so filthy on boats REL NAME say.PST
if it’s as filthy on the boats as Inge said
B: mm
mm
A: å så tar jag med mej den där tunna kjolen också
and then I’ll also take that thin skirt with me (D’Hertefelt, 2015, p. 75).

ALEMÃO (IC)

(19) Zahnlückes Lachen bricht jäh ab, als der Kleine wieder fragt:
‘Toothgap’s laughter breaks off, as the Little one asks again:
„Und wenn er doch kommt?“
and COND he PRT come.PRS.IND
“And if he does come?”
„Dann nehmen wir ihn auseinander, Pfannkuchen.“
“Then we’ll take him apart, Pancake.”
(http://www.nuertinger-stattzeitung.de/extras/1_PeterText.htm,
17/11/2014 apud D’Hertefelt, 2015, p. 75).

SUECO (GSLC)

(20) A: mm jag tror i längden liksom så lönar det sig trots allt att satsa
på
miljön / för att
‘mm I believe eventually in spite of everything it pays off to invest in
the environment / because
B: m
mm
C: m
mm
B: ja absolut
yes absolutely
A: **om man gör det eh i god tid liksom**
COND one do.PRS DEM INTERJ in due time PRT

if one does it on time

C: definitivt
definitely'

In this example, the conditional (D'Hertefelt, 2015, p. 76)

Nos exemplos acima, pode-se perceber que as insubordinadas condicionais discutidas pela autora apresentam diferentes empregos e funções semânticas, as quais se relacionam com as definições propostas na Tabela 2.

Direcionando a atenção às construções deônticas, inicialmente, D'Hertefelt (2015) reconhece os diferentes nomes concedidos a essa construção, algo exemplificado na subseção anterior ao se discutir os diversos trabalhos que abordam a construção. Ao elaborar sobre os vários estudos, a autora menciona nomenclaturas como “optative”, “desiderative”, “desire” ou “wish” e as devidas referências em que se pode localizar tais nomes, muitas das quais já foram apresentadas na seção anterior.

De maneira geral, a autora opta por adotar a nomenclatura generalizante “uncontrolled deontic constructions” ou “construções deônticas não controladas”¹⁴. A justificativa de D'Hertefelt (2015) para adotar esse nome é o de que a situação à qual a oração se refere é vista como desejável, mas nem falante e nem interlocutor têm controle sobre a eventual realização da situação vista como desejável.

Nesta dissertação, optou-se por adotar o termo “deôntico” apenas quando este trabalho se referir à investigação de D'Hertefelt (2015), pois esse mesmo termo está profundamente enraizado na tradição linguística quanto ao seu uso para definir modais de obrigação e permissão, o que tem tornado a caracterização da construção por meio desse termo confusa e, muitas vezes, direcionando ao erro. Considerando tudo isso, neste trabalho, quando tratar dos resultados obtidos para o PB, optou-se por adotar o termo “construções desiderativas”.

Retomando a discussão de D'Hertefelt (2015), a autora menciona que, diferente de outras construções estudadas por ela, que nem sempre aparecem em todas as línguas estudadas, as construções deônticas não controladas são atestadas em todas as seis línguas germânicas sob investigação e podem ser pensadas em diferentes graus de possibilidades, indo desde construções possíveis, passando pelas improváveis e chegando nas impossíveis.

¹⁴ Sobre a nomenclatura “deôntica”, D'Hertefelt (2015) parte do trabalho de Verstraete e Van Linden (2011) em que os autores revisitam a definição de modalização deôntica e, após argumentação, concluem que a depender do contexto em que os modais aparecem, eles podem ir além da expressão de obrigação e permissão, as mais comumente lembradas sob esse rótulo, e passam a carregar o sentido de desejos modais. Nesse sentido, ressaltam que construções deônticas podem expressar desejos.

Diante dessas classificações, D’Hertefelt (2015) propõe que essas construções sejam divididas em três subtipos que se diferenciam quanto ao tempo do desejo e sua (im)possibilidade de realização. Para diferenciá-los, a autora se vale de marcas formais que serão discutidas para cada um deles.

Os **desejos potenciais** se referem a desejos direcionados ao passado, futuro ou presente. Eles se relacionam ao presente quando o falante ainda não tem ciência sobre a sua realização. Para as línguas germânicas estudadas pela autora, esses desejos podem ser marcados formalmente pelo emprego do verbo no presente do indicativo. Nas palavras de D’Hertefelt (2015)

Em suma, os desejos potenciais podem se referir a estados de coisas (SoAs) com realização no passado, presente e futuro. O que todos esses desejos têm em comum, no entanto, é que a verificação do SoA, ou seja, o conhecimento se o desejo do falante foi realizado ou não, está localizado no futuro. Em outras palavras, embora um desejo potencial possa se referir a algo que está acontecendo ou que já aconteceu, a construção sinaliza que, no momento da fala, o falante ainda não sabe se seu desejo foi, está ou será realizado. (D’Hertefelt, 2015, p. 80. Tradução própria.)¹⁵

Como exemplos pode-se citar as ocorrências em (21), que se refere a um desejo no presente, e a ocorrência em (22), que se refere a um desejo quanto a uma situação passada, em que o falante deseja que algo tenha acontecido antes do momento de fala.

ALEMÃO (IC)

(21) Wenn er nur bald kommt
COND he PRT fast come.PRS.IND
If only he comes soon
(<http://www.kanzelgruss.de/index.php?seite=predigt&id=1322>,
21/10/2014 apud D’Hertefelt, 2015, p. 79)

NEERLANDÊS (IC)

(22) [Twitter-conversation]
A: Ja hoor! Ik heb gestemd! Op wie? Jaaaaaaa..... ;-)
‘Sure! I voted! For whom? Weeeeeeeell ... [smiley]
B: Als dat maar goed gegaan is zonder bril!
COND DEM PRT well go.PPART be.PRS without glasses
If only that went well without glasses!’

¹⁵ “In sum, potential wishes can concern SoAs with past, present and future realization. What all these wishes have in common, however, is that the verification of the SoA, i.e. the knowledge if the speaker’s wish is realized or not, is located in the future. In other words, although a potential wish may concern something that is happening or has happened already, the construction signals that at the moment of speaking, the speaker does not yet know if their wish has been, is or will be realized.” (D’Hertefelt, 2015, p. 80)

(<https://twitter.com/PaulusVII/status/446327899025846272>,
18/11/2014 apud D’Hertefelt, 2015, p. 81)

Os **desejos irrealis**, por sua vez, são aqueles que, segundo a autora, dizem respeito a uma situação desejável, que não é impossível, mas é improvável de ser realizada. Para representar esse uso, costuma-se mobilizar o verbo em um tempo passado. D’Hertefelt (2015) define esse uso afirmando que

“(...) embora esses desejos sempre sinalizem que o falante tem motivos para supor que seu desejo não se concretizará, o SoA desejado ainda pode ser realizado no futuro (veja também Stirling 1999: 286), ao contrário dos desejos contrafactuais (...)” (D’Hertefelt, 2015, p. 84. Tradução própria)¹⁶

Como exemplo, a autora menciona ocorrências como (23) e (24) abaixo:

SUECO (IC)

(23) Ååååå, om det ändå vore sant!!!

INTERJ COND DEM PRT be.PST.SBJV true

‘Oh, if only it were true!!!’

(<https://www.youtube.com/watch?v=BJ5V5Qh2ifo>, 27/11/2014 apud D’HERTEFELT, 2015, p. 83)

NEERLANDÊS (IC)

(24) [comment on a picture of a dice with only sixes]

Oh, als dat toch eens zou kunnen hè:

INTERJ COND DEM PRT PRT would be.possible.INF TAG

‘Oh, if only that were possible:

op voorhand weten dat je hoe dan ook zes gaat gooien!

to know in advance that you’ll throw a six anyhow!’

(https://twitter.com/Freya_NL/status/464408627978444800,
22/10/2014 apud D’HERTEFELT, 2015, p. 83)

Por fim, o último subtipo descrito por D’Hertefelt (2015) diz respeito aos **desejos contrafactuais**. Nessas construções, o falante veicula o desejo de que algo tivesse acontecido em algum ponto do passado, mas ao mesmo tempo indica que tal desejo não pode mais ser realizado. Para o inglês, esse tipo de construção requer o uso do verbo no passado combinado com um verbo no particípio passado. Para o alemão e islandês, entretanto, esse subtipo é marcado pelo verbo no passado do subjuntivo.

¹⁶ “However, although these wishes always signal that the speaker has reason to assume that their wish will not come true, the desired SoA can still be realized in the future (see also Stirling 1999: 286), unlike with the counterfactual wishes (...)” (D’Hertefelt, 2015, p. 84)

A autora ainda considera que esse subtipo expressa o valor de arrependimento. Esse sentido, apesar de não ser veiculado por nenhum item lexical, pode ser inferido contextualmente. Os exemplos (25) e (26) abaixo ilustram esse tipo de construção.

INGLÊS (Stirling 1999: 286)

(25) *If only Kitty had not done everything without her!* (apud D’Hertefelt, 2015, p. 84)

SUECO (IC)

(26) Det måste kännas fruktansvärt att förlora sitt barn på det sättet.
‘It must feel terrible to lose one’s child in such a way.

Om han bara hade pratat med oss...

COND he PRT have.PST talk.PPART with us

Eller sökt hjälp...

or search.PPART help

If only he had talked to us... Or looked for help...’

(<http://www.familjeliv.se/forum/thread/22955710-ar-det-fler-an-jag-som-forlorat-sitt-syskon/5>, 27/10/2014, apud D’Hertefelt, 2015, p. 84)

A autora caracteriza esses usos da seguinte maneira:

Todas essas construções sinalizam o desejo do falante de que algo tivesse acontecido no passado, o que não pode mais ocorrer agora. Pragmatically, a combinação das características de desejabilidade e contrafactualidade produz uma dimensão adicional de arrependimento, o que levou alguns autores a classificarem os desejos contrafactuais como 'híbridos' de significados deônticos e avaliativos. (D’Hertefelt, 2015, p. 86. Tradução própria)¹⁷

Finalmente, tendo elencado os principais pontos da investigação e proposta tipológica de D’Hertefelt (2015), ressalta-se que esta pesquisa se pauta em tais parâmetros classificatórios para analisar as construções no português brasileiro, de modo a verificar se essa divisão em subtipos ocorre, quais as suas características e como podem ser marcados formalmente, a fim de diferenciá-los uns dos outros.

Nesta seção, buscou-se trabalhar com os estudos que se propuseram a descrever e propor classificações sobre as construções in subordinadas do tipo [SE AO MENOS X]. Por meio de

¹⁷ “All of these constructions signal the speaker’s wish that something had happened in the past which can no longer happen now. Pragmatically, the combination of the features of desirability and counterfactuality produces an additional dimension of regret, which has led some authors to classify counterfactual wishes as ‘hybrids’ of deontic and evaluative meanings.” (D’HERTEFELT, 2015, p. 86.)

trabalhos de referência, foi proposta uma trajetória teórica que passou pelos autores que mais se relacionam à pesquisa em desenvolvimento e, nesta última subseção, foram fornecidos mais detalhes sobre o trabalho de D’Hertefelt (2015), o qual será mobilizado para determinar as diretrizes de investigação desta pesquisa, como se discutirá adiante.

Por ora, encerra-se o capítulo majoritariamente teórico desta dissertação e parte-se, no capítulo seguinte, para discussões metodológicas, em que se apresentam quais foram os mecanismos adotados na investigação, como eles foram utilizados, qual *corpus* foi empregado para o desenvolvimento do trabalho e como ele foi construído.

5 METODOLOGIA

Esta seção será dividida em três momentos. Inicialmente, destaca-se o caráter descritivo e quali-quantitativo da pesquisa, afinal a proposta objetiva analisar um *corpus* de *tweets* em busca de padrões morfossintáticos na forma da construção insubordinada [SE AO MENOS X] que se reflitam nas diferentes semânticas dos subtipos encontrados, retomando a percepção de “construção” para a Gramática de Construções, que é

fundamentada na experiência humana incorporada e em processos cognitivos independentes da linguagem, e assume que a gramática é inerentemente significativa e que a linguagem consiste em pares forma-significado ou montagens de estruturas simbólicas (Broccias, 2013, p. 149. Tradução própria).¹⁸

Para tanto, pauta-se no trabalho de D’Hertefelt (2015), e propõe-se encontrar as formas particulares do PB para realizar toda a proposição dos subtipos e de como funcionam.

Serão descritas as etapas de coleta do *corpus* de Tweets, a obtenção dos dados, os recursos de anonimização das ocorrências (em respeito à LEI Nº 13.709, DE 14 DE AGOSTO DE 2018, popularmente conhecida como Lei Geral de Proteção de Dados, ou LGPD), a anotação morfossintática, o uso de recursos computacionais como o programa R, o AntConc (Anthony, 2024) e o pacote *collostructions* (Flach, 2017).

Além disso, menciona-se como foi feita a separação das 1262 ocorrências entre os subtipos e quais critérios foram adotados para realizar tal separação. A partir desse tratamento dos dados obtidos e selecionados até aqui, passa-se a descrever o andamento da pesquisa e como foi realizado o manejo dos dados para, no final, culminar nas conclusões e na proposta de descrição das construções insubordinadas com [SE AO MENOS X] no PB, seus subtipos e as marcas formais que os diferenciam, propostas gerais desta dissertação.

Na sequência foi discutida a teoria da Análise Colostrucional e sua pertinência para os objetivos almejados nesta pesquisa. Decorrente da quantidade de dados e dos mecanismos de análise que seriam mais bem aproveitados neste trabalho, discutiu-se, também, análises de frequência absoluta e *clusters* semânticos obtidos por meio delas.

Como se discutirá, esperava-se, com a Análise Colostrucional, verificar se a semântica dos verbos adotados em cada subtipo corresponderia à semântica geral da construção, já que,

¹⁸ grounded in embodied human experience and language-independent cognitive processes, and it assumes grammar to be inherently meaningful, and that language consists of form-meaning pairings or assemblies of symbolic structures (Broccias, 2013, p. 149).

de acordo com Hilpert (2014), “um verbo só é aceitável em dada construção, se os argumentos forem compatíveis com os papéis especificados por ela”. Entretanto, como se demonstrará, o número de dados pôde ser mais bem aproveitado por outras análises, ainda que se tenha optado por manter todas elas.

É importante considerar que, em 2022, com a compra do Twitter por Elon Musk que, posteriormente, em julho de 2023, mudou o nome para “X”, a rede social vem passando por bloqueios e retomadas no seu funcionamento, demonstrando uma extrema instabilidade na observação de dados que estejam unicamente disponíveis *online* e no X. Além disso, as medidas de privacidade da rede social foram também alteradas, dificultando o acesso aos dados para pesquisas com ocorrências do Twitter (ou X). Essa informação se relaciona com a queda do *site* utilizado para coletas, como se discutirá a seguir. Assim, o contexto de uso das ocorrências em análise passou a ser restrito, considerando as possibilidades esperadas quando esta pesquisa foi proposta.

Brevemente, destaca-se que por meio das coletas realizadas no período de agosto até novembro de 2021, cada *tweet* vinha acompanhado de um link que direcionava ao uso real na rede social, permitindo observar informações que iam além do conteúdo textual, algo muito relevante para pesquisas de cunho funcionalista. Entretanto, com a mudança do Twitter para X, todos os links sofreram modificações e, portanto, pararam de funcionar. Além disso, considerando as oscilações na disponibilidade de acesso à rede social, destaca-se a dificuldade em mantê-la como uma fonte segura para observação dos dados a longo prazo.

Nesse sentido, visando manter uma observação uniforme dos dados, optou-se por restringir a análise apenas aos dados que podem ser analisados pautados nas coletas realizadas e no *corpus* construído e armazenado *offline*. Os dados disponíveis são suficientes e satisfatórios, já que garantem o andamento da pesquisa de maneira estável, independente da instabilidade presente na rede social e na efemeridade das postagens.

5.1 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

O primeiro desafio encontrado para a realização da análise aqui proposta era a obtenção de um *corpus* amplo, que pudesse conter uma variedade de usos e que englobasse diferentes possibilidades de expressão das construções insubordinadas com [SE AO MENOS X].

É evidente que não se pode garantir que determinado *corpus* irá contemplar todas as possíveis ocorrências de uma construção, já que outras variáveis podem se apresentar e afetar

quais delas irão aparecer no *corpus*. Em outras palavras, o *corpus* é um recorte, portanto não é possível afirmar que tudo que está presente nele exaure as possibilidades de produção linguística para aquela construção.

Tendo isso em vista, sabe-se, porém, que as ocorrências mais frequentes, muito provavelmente, estarão presentes no *corpus*, informação relevante para pesquisas desenvolvidas dentro da proposta teórica da Gramática de Construções, já que ter conhecimento sobre a produtividade e sobre a frequência de uso de uma construção é algo previsto nas propostas de Goldberg (2006), pois permite investigar quais usos são mais prototípicos e/ou produtivos dentre as possibilidades licenciadas por uma construção em uso.

A expansão do *corpus* também foi um desafio para o trabalho de Comarim (2023), porque, naquele momento, buscava-se investigar quais verbos eram atraídos pela construção insubordinada com [SE AO MENOS X] e, para que esses dados fossem bem explorados, era relevante que se trabalhasse com o maior número possível de ocorrências diversas da construção. No contexto daquela pesquisa, construiu-se um *corpus* de *tweets* abrangente o suficiente para aquela pesquisa e, agora, nesta dissertação de Mestrado, parte do *corpus* está sendo reutilizada no desenvolvimento da análise.

A escolha por trabalhar com um *corpus* constituído de ocorrências provenientes do Twitter se deu pelas seguintes razões:

- I. O Twitter era uma das redes sociais mais populares no contexto de realização da pesquisa de Comarim (2023), portanto a quantidade de textos produzidos diariamente era extremamente alta;
- II. A rede social era reconhecida por sua informalidade e, muitas vezes, por ser usada para desabafos breves e pessoais, algo que se relaciona com os contextos de uso da construção, como exposto anteriormente com os estudos sobre a construção em outras línguas;
- III. Facilidade no uso de recursos computacionais para obtenção de muitas ocorrências de forma rápida e precisa.

A partir da decisão de trabalhar com o Twitter, apesar de a coleta ser facilitada e de ser possível acessar uma grande quantidade de dados atualizados diariamente, novos desafios passaram a entrar em cena no desenvolvimento da pesquisa, como: i. a limpeza do *corpus*, ii. as identificações de pessoas reais no mundo, iii. os recursos extralinguísticos (memes, imagens,

links, vídeos e *gifs*) que podem aparecer complementando o conteúdo puramente textual e que podem causar problemas na análise e nos *parsers* utilizados e iv. uma linguagem altamente informal. Tendo em vista todos esses aspectos que atravessam a construção de um *corpus* de Twitter, nesta seção se discute como se deu esse trabalho com as ocorrências em análise nesta dissertação.

5.1.1. A coleta

Como discutido, as ocorrências analisadas aqui são provenientes da coleta de *tweets*, a qual foi realizada por meio do site Vicinitas.¹⁹ Atualmente, o site não se encontra disponível, porém, quando era possível visitá-lo, as informações eram de que havia sido criado com a proposta de acompanhar e analisar *tweets* históricos e em tempo real de campanhas de mídias sociais e marcas na rede social Twitter. Com a venda do Twitter e posterior transformação para a rede social X, os recursos do site Vicinitas foram limitados e, no momento da escrita desta dissertação, já não estão disponíveis.

Os *tweets* analisados foram coletados entre agosto e novembro de 2021 para o trabalho de Comarim (2023). Naquele momento, o site dispunha de uma ferramenta gratuita que permitia exportar *tweets* que apresentassem determinada *hashtag*, palavra-chave, ou outra informação para uma planilha no Microsoft Office Excel, passando a estar disponível *offline*. Para realizar tal coleta, bastava fazer o login com uma conta ativa no Twitter e pesquisar a palavra-chave de interesse entre aspas, no caso desta pesquisa: “se ao menos”.

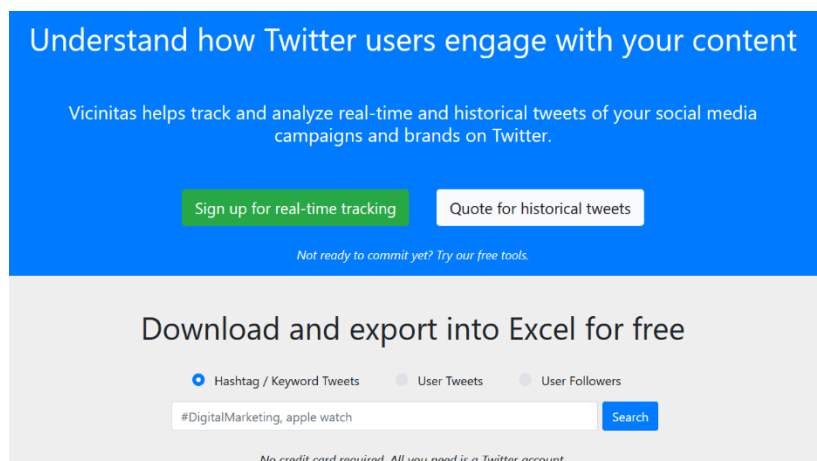
Através do recurso presente no site “Way Back Machine”²⁰, que permite visualizar algumas páginas de sites antigos e que já não estão mais disponíveis, foi possível recuperar algumas imagens do site para que se desenvolvesse melhor as explicações presentes neste texto.

Primeiramente, reproduz-se a página inicial do site no momento da coleta (Figura 2)

¹⁹ O site Vicinitas podia ser acessado através do seguinte link, mas atualmente o domínio já não apresenta nenhuma informação do site < <https://www.vicinitas.io/>>.

²⁰ O site Way Back Machine pode ser acessado pelo link: <archive.org/web>

Figura 2 - Página inicial do site Vicinitas em 2021. Produção própria por meio do site “Way Back Machine”



Fonte: Elaboração Própria.

O site era organizado e mantido por instituições educacionais de várias partes do mundo, como a Universidade da Pensilvânia, a Universidade de Maryland, a Universidade de São Petesburgo e outras. Como apresentado acima e como é possível verificar pela Figura 2, bastava ter uma conta ativa no Twitter e pesquisar pela palavra-chave de interesse para a investigação, que o site retornaria uma planilha no Microsoft Office Excel com todas as informações dos *tweets*.

Na tabela abaixo, apresenta-se as datas das coletas e quantos *tweets* com a construção insubordinada [SE AO MENOS X] foram obtidos em cada uma delas.

Tabela 3 - Data das coletas de tweets pelo site Vicinitas e quantas ocorrências insubordinadas foram obtidas em cada uma. Produção própria.

NÚMERO DA COLETA	DATA	OCORRÊNCIAS
1	01/08/2021	343
2	11/08/2021	402
3	21/08/2021	484
4	31/08/2021	399
5	10/09/2021	442
6	20/09/2021	430
7	01/10/2021	469
8	10/10/2021	390
9	21/10/2021	351
10	03/11/2021	336
11	09/11/2021	215

Fonte: Elaboração Própria.

O *corpus* total conta com 4231 ocorrências e 4260 aparições da construção insubordinada com [SE AO MENOS X]. A diferença se dá porque algumas ocorrências apresentam a construção repetidas vezes em uma mesma frase, como em (1).

(1) “User” **Se ao menos** tivéssemos um Ricardo Valente...
se ao menos houvesse outra escolha... (CORPUS DE TWEETS)

Em termos de *tokens*, quando observado pelo software AntConc (Anthony, 2024), o resultado da contagem aponta 86874 tokens. Para obter esse número, basta abrir o software e, na aba “Word”, pressionar a opção “Start” sem adicionar nenhum item a ser pesquisado. O número de *tokens* estará disponível no canto esquerdo da janela.

Toda obtenção de dados se iniciou com a busca pela construção no site Vicinitas e, em seguida, tendo como *output* todas as ocorrências de *tweets* que continham a palavra-chave de interesse e que tivessem sido produzidos nos dez últimos dias que antecediam a busca. Com os resultados, o *site* gerava um arquivo com informações como o texto do *tweet* e outros metadados.

Figura 3 - Resultado de uma das coletas obtidas pelo site Vicinitas em 2021. Produção própria.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
Tweet Id	Text	Name	Screen Name	UTC	Created At	Favorites	Retweets	Language	Client	Tweet Type	URLs	Hashtags	Mentions	Media Type	Media URLs
1	442198251808	se ao menos se eu fosse rica	Clari	clari_tvw	2021-08-01T23: Sun Aug 01 23:	2	0	pt		<a href="http://	Tweet		0	0	
2	442198188248	se ao menos fosse da Língua inglesa, que é Breno S	brmandra	brmandra	2021-08-01T23: Sun Aug 01 23:	5	0	pt		<a href="http://	Tweet	https://twitter.com/brmandra	0	0	
3	442198000331	@alwayshikamaru Ai me matei de procurar Well From SP	sparsivw145	sparsivw145	2021-08-01T23: Sun Aug 01 23:	0	0	pt		<a href="http://	Reply		0	1	
4	442197957548	Só queria saber se em algum momento sentiu Land	msdjalora	msdjalora	2021-08-01T23: Sun Aug 01 23:	0	0	pt		<a href="http://	Tweet		0	0	
5	442197562486	RT @ Julizce08: Calor só me feriu	bot calor	bot calor	2021-08-01T23: Sun Aug 01 23:	0	0	pt		<a href="https://	Retweet		0	1	
6	442197525191	@clararpr Calor só me feriu se eu usar algum Luit	Julizce08	Julizce08	2021-08-01T23: Sun Aug 01 23:	1	1	pt		<a href="http://	Reply		0	1	
7	442196870878	Se ao menos fosse "URGENTE: Mataram Bol A vida é crônica	JulioOrato	JulioOrato	2021-08-01T22: Sun Aug 01 22:	0	0	pt		<a href="http://	Reply		0	1	
8	442196452752	@andre_serre: Se ao menos ele conhecesse C.L.B.	BoraClaudia	BoraClaudia	2021-08-01T22: Sun Aug 01 22:	0	0	pt		<a href="https://	Reply		0	1	
9	442196325995	Tá mas o Jael já não estava apto pra jogar? Só falei to leve a	osedearecida	osedearecida	2021-08-01T22: Sun Aug 01 22:	0	0	pt		<a href="https://	Tweet		0	0	
10	442196274981	por isso a dança é gravada — Se ao menos I lost in the time	Julitow	Julitow	2021-08-01T22: Sun Aug 01 22:	0	0	pt		<a href="https://	Tweet	https://curious.com	0	0	
11	442195811898	Eu não me importaria de viver sozinho o tal do poste	099_kusta	099_kusta	2021-08-01T22: Sun Aug 01 22:	1	0	pt		<a href="https://	Tweet		0	0	
12	442194861441	@ECBahia Queima um ativo do clube, se ao Edson Almeida	seuGonho	seuGonho	2021-08-01T21: Sun Aug 01 21:	0	0	pt		<a href="http://	Reply		0	1	
13	442194848241	@pivision se ao menos nao dessem opinio	bracamilla	bracamilla	2021-08-01T21: Sun Aug 01 21:	0	0	pt		<a href="http://	Reply		0	1	
14	442194334050	se ao menos eu tivesse o seu carinho eu não Ludmila	lud_eabriele9	lud_eabriele9	2021-08-01T21: Sun Aug 01 21:	1	0	pt		<a href="http://	Tweet		0	0	
15	442194328585	@DarioPerfectus Se ao menos nessa tentati Ana Lucia	Analuia Aloib	Analuia Aloib	2021-08-01T21: Sun Aug 01 21:	0	0	pt		<a href="http://	Reply		0	1	
16	442194184172	@isziouie @ashfeerst @taynsflavour Bom si Gabs illi	louehfacts	louehfacts	2021-08-01T21: Sun Aug 01 21:	0	0	pt		<a href="http://	Reply		0	3	
17	442194184172	@PaulBatista @PicininiRenato Então já não kaithc #VADIN	latchhw	latchhw	2021-08-01T21: Sun Aug 01 21:	1	0	pt		<a href="http://	Reply		0	2	
18	442193969593	@hermagalhães @antoniofrata Se ao mer: Johnny & Cia	johnny_amaido	johnny_amaido	2021-08-01T21: Sun Aug 01 21:	3	0	pt		<a href="http://	Reply		0	2	
19	442193969593	@BernardoMF @BernardoMF correto sua a Mas vc é do grupo Globo q é hashtag fecha:													
20	442193779088	Se ao menos colocasse ele na roda e simple Mas é vergonhosamente pougado e oi mal: Arthur Lacerda	ArthurLacerda	ArthurLacerda	2021-08-01T20: Sun Aug 01 20:	1	0	pt		<a href="http://	Reply		0	2	
21	442193730668	Se ao menos aprendêssemos todos a comui cat	catchambel	catchambel	2021-08-01T20: Sun Aug 01 20:	0	0	pt		<a href="https://	Tweet		0	0	
22	442193666872	@SantosOprevo Bustos e Rafael, tem que Et o Caio, Mar	gabiojm	gabiojm	2021-08-01T20: Sun Aug 01 20:	0	0	pt		<a href="http://	Reply		0	1	
23	442193426612	@DesejoDeMatar Se ao menos a troca fosse Renan	RenanRB5	RenanRB5	2021-08-01T20: Sun Aug 01 20:	1	0	pt		<a href="https://	Reply		0	1	photo
24	442193221572	@EdTdeSouza Se ao menos fosse humor de Pedro Rodr	osprodrigues	osprodrigues	2021-08-01T20: Sun Aug 01 20:	0	0	pt		<a href="http://	Reply		0	1	https://pbs.twimg.com
25	442193221572	@LSouza795 @spacekatsubunny O problem Naitan?	brthnauer2	brthnauer2	2021-08-01T20: Sun Aug 01 20:	0	0	pt		<a href="http://	Reply		0	2	

Fonte: Elaboração Própria.

O resultado da busca apresentava algumas informações como:

1. **Tweet Id:** Um número de referência clicável que permitia acessar o *tweet* na rede social Twitter com apenas um clique e verificar o seu contexto de uso, como interações e mídias.
2. **Text:** O conteúdo textual do *tweet*, maior interesse da pesquisa de Comarim (2023) e desta pesquisa.

3. **Name:** Nome escolhido e apresentado na rede social pela pessoa que produziu o *tweet*. Esse nome poderia ser repetido na rede social, pois era apenas uma referência.
4. **Screen Name:** Nome de usuário de quem produziu o *tweet*. Esse nome era único em toda a rede e era usado para fazer *login* na conta. Também se trata de uma referência clicável que permite o acesso ao perfil de quem produziu o *tweet* investigado.
5. **UTC:** Fuso horário de onde a pessoa produziu o *tweet*.
6. **Created At:** Data e horário exatos em que o *tweet* foi publicado.
7. **Favorites:** Quantas vezes o *tweet* foi favoritado até a data da coleta e elaboração da planilha.
8. **Retweets²¹:** Quantas vezes o *tweet* foi compartilhado (*retweetado*) até a data da coleta e elaboração da planilha.
9. **Language:** Língua em que o *tweet* foi escrito. No caso da busca realizada para esta pesquisa, todos os dados estão em português (pt).
10. **Client:** Indicação de qual sistema operacional foi utilizado para produzir o *tweet*, como Android, iOS, Twitter for Web e outros.
11. **Tweet Type:** Indicava qual era a natureza do *tweet*, podendo ser um *tweet* original (Tweet), uma resposta a outro *tweet* (Reply) ou um *Retweet*.
12. **URLs:** Em caso de um *link* aparecer no *tweet*, ele era indicado nesta coluna.
13. **Hashtags:** Quando o usuário colocava uma *hashtag* (#) em seu *tweet*, ela era contabilizada, já que muitas *hashtags* poderiam aparecer em um mesmo *tweet*.
14. **Mentions:** Era possível mencionar outros usuários do Twitter apenas colocando o símbolo de @ antes do nome de usuário da pessoa que se desejava mencionar. No caso dessa coluna, contabilizava-se quantas pessoas haviam sido mencionadas no *tweet*.
15. **Media Type:** tipo de mídia veiculada junto com o *tweet*, podendo ser uma foto (photo) ou um vídeo (video).
16. **Media URLs:** *link* que possibilitava acessar individualmente a mídia presente no *tweet* e indicada na coluna anterior da tabela.

De todas as informações explicitadas acima, em todas as pesquisas realizadas com esse *corpus*, utilizou-se, majoritariamente, o texto do *tweet* e o *link* que levava para o contexto de publicação original, que poderia colaborar para a análise.

²¹ Retweet: Função presente na rede social Twitter, o *retweet* significava compartilhar um *tweet* de outra conta para os seus seguidores. Pode-se resumir sua função como um botão de compartilhar. As pessoas utilizavam, também, a sigla RT para indicar que o que estavam publicando era proveniente de uma outra conta.

A partir dos textos dos *tweets*, foi realizada uma seleção manual das ocorrências insubordinadas. Os dados coletados continham a palavra-chave “se ao menos”, mas em alguns casos poderiam se tratar do seu uso subordinado, algo que não era o interesse de pesquisa.

Considerando essa informação, os *tweets* precisaram ser manualmente separados, visando a elaboração de um *corpus* constituído exclusivamente de ocorrências insubordinadas. Essa etapa não poderia ser mecanizada, tendo em vista que todas as ocorrências insubordinadas não apresentam a oração principal, mas para além disso, sua estrutura pode variar, dificultando o uso de um *software* que faça a separação automaticamente.

Partindo de todas essas informações sobre a construção do *corpus*, para esta dissertação, adotou-se um *corpus* limitado, menor que o *corpus* total de 4231 ocorrências. Essa decisão foi motivada pela percepção de que, por se tratar de uma pesquisa realizada majoritariamente a partir de análises manuais, a adoção de um *corpus* muito amplo poderia resultar em uma análise menos detida de cada ocorrência em si, talvez ocasionando em dados descritos de maneira superficial.

Para a construção do *corpus* reduzido, a data de coleta não é um fator determinante para a investigação em desenvolvimento, portanto os dados analisados foram retirados de 4 coletas diferentes e que foram realizadas em meses diferentes, dentre os quatro meses em que o processo das coletas foi desenvolvido. Essa decisão não tem um impacto muito sério na análise, mas optou-se por fazê-la para garantir que nenhum contexto isolado pudesse influenciar em um uso excessivo da construção em determinadas coletas.

Desse modo, o novo *corpus* culminou em 1262 ocorrências, que foram obtidas e selecionadas a partir das etapas descritas acima. Para o desenvolvimento das propostas apresentadas na seção seguinte, as 1262 ocorrências foram separadas de acordo com as distinções morfossintáticas que serão discutidas adiante e que, se hipotetiza, correspondem às diferenças semânticas presentes nas construções insubordinadas [SE AO MENOS X] no PB. A quantidade total de *tokens* está em 5073.

Entende-se *tokens* como ocorrências individuais de palavras ou unidades textuais em um *corpus*, ou seja, cada item separado após o processo de segmentação, já as ocorrências são as porções textuais que contêm a construção. Geralmente cada *tweet* corresponde a uma ocorrência, pois o uso da construção costuma ocorrer uma vez por *tweet*, mas em alguns casos é possível perceber que construção aparece mais de uma vez, sendo um *tweet* e duas ocorrências, como em (2):

(2) **Se ao menos** ele quisesse tentar também, **se ao menos** eu soubesse que não sou a única com borboletas no estômago... (CORPUS DE TWEETS)

Em (2) observa-se um único tweet, porém ele representa duas ocorrências da construção. Quanto aos tokens, 23 foram contabilizados, considerando-se a pontuação.

Como mencionado, essas ocorrências foram analisadas manualmente para serem separadas morfossintaticamente e, em seguida, semanticamente. Cada uma das categorias corresponde a maneiras diferentes de se utilizar as construções insubordinadas [SE AO MENOS X]. O ponto de partida foi uma análise da estrutura morfossintática, partindo para uma análise semântica das implicações geradas pelos diferentes padrões morfossintáticos e, como discutido acima, a categorização proposta por D’Hertefelt (2015) serviu como norte para as sutilezas semânticas que permitem separar os subtipos.

Os dados analisados já permitiram identificar padrões recorrentes e específicos do PB. Para ir além, analisou-se manualmente a realizabilidade de cada ocorrência, ou seja, quando a situação descrita pode ser realizada eventualmente, atribuiu-se o número 1 e quando era completamente impossível de ser realizada, atribuiu-se o número 0. Esse tratamento dos dados será mais amplamente desenvolvido adiante quando os resultados forem discutidos.

Analisaram-se, também, três traços semânticos que poderiam ser expressos pela construção ou que eram o principal sentido veiculado em cada ocorrência. Reconhece-se que pode haver uma sobreposição entre eles e, portanto, menciona-se que foi marcado apenas o traço semântico principal, podendo variar entre: [crítica], [desejo] e [lamentação]. As razões que motivaram essa distinção ficarão mais claras e a explicação mais detalhada à medida que forem desenvolvidas as análises nas seções seguintes.

Antes de finalizar esta seção, cabe mencionar duas decisões metodológicas que foram tomadas na etapa de construção do *corpus* em análise. A primeira diz respeito à anonimização dos *tweets* e a segunda diz respeito à supressão de *links* veiculados dentro do *tweet*.

Quanto à remoção dos nomes de usuário presentes em alguns *tweets*, pautou-se na Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), a qual garante, dentre outras coisas, o respeito à privacidade, inclusive nos meios digitais. Partindo dessa ideia e, apesar do entendimento de que a pessoa optou por externalizar algo de maneira pública e que, portanto, não seria um problema e nem uma violação dos seus direitos utilizar os respectivos *tweets* para este estudo, entende-se, também, que alguns *tweets* expressam conteúdos muito pessoais, confissões e ataques a

pessoas públicas, que podem ser recuperadas pelos seus respectivos nomes de usuário ou serem identificadas para além do universo propiciado pela rede social em investigação.

Considerou-se pertinente, desse modo, que as identidades das pessoas mencionadas nos *tweets* fosse anonimizada, mantendo-se apenas uma referência de que naquela posição sintática havia a menção de algum outro usuário da rede. Por considerar que em muitos casos era relevante a informação de que havia uma alusão a outra pessoa, mas considerando que a identidade da pessoa não costuma oferecer grandes contribuições para esta análise, todos os nomes de usuário foram substituídos pela marcação “User” sem prejuízos para o desenvolvimento da pesquisa.

Quanto aos *links* que comumente também são expressos nos *tweets*, todos eles foram suprimidos e substituídos pela *tag* “link”, indicando que havia um endereço eletrônico naquela posição, mas ele não será reproduzido. Essa decisão se deu por conta do tratamento dado às ocorrências por meio de mecanismos computacionais, que muitas vezes acaba sendo prejudicado por conta das estruturas atípicas de *links*. Emojis e hashtags não pareceram causar interferência na classificação e, portanto, foram mantidos. Emojis são, inclusive, essenciais na análise de alguns usos irônicos da construção subordinada com [SE AO MENOS X], a ser discutida adiante.

Tendo sido explicada a forma de construção do *corpus*, as razões para restrição no número de dados analisados e das decisões metodológicas adotadas para o melhor andamento da pesquisa, na próxima subseção será discutida a Análise Colostrucional e a Análise de *Clusters*.

5.1.2. Análise Colostrucional e Análise de Clusters

Inicialmente, este trabalho se propunha a realizar uma Análise Colostrucional e posterior Análise de *Clusters* para determinar quais verbos eram atraídos por cada subtipo encontrado no *corpus*, hipotetizando que, por meio dos verbos atraídos, seria possível observar a quais domínios semânticos cada um dos subtipos se relacionava e, conseqüentemente, possibilitando uma descrição das diferenças semânticas entre cada um. Entretanto, ao se lidar com os dados, percebeu-se que a quantidade de ocorrências atestada para cada subtipo era discrepante, como pode ser observado na Tabela 4:

Tabela 4 - Distribuição dos subtipos e a respectiva quantidade de ocorrências

SUBTIPO	QUANTIDADE ABSOLUTA	EXEMPLO
[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + infinitivo	106	<i>Se ao menos eu soubesse desenhar !</i>
[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + gerúndio	23	<i>Se ao menos tivesse vindo pra cá por uma Amazon ou a Netflix</i>
[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo	996	<i>Se ao menos tivessem argumentos</i>
[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + particípio	137	<i>Se ao menos eu tivesse acordado pra vida na semana passada . . .</i>
TOTAL	1262	

Fonte: Elaboração Própria.

No caso do **[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + gerúndio**, por exemplo, observou-se apenas 23 ocorrências, enquanto o padrão morfossintático **[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo** apresentou 996 ocorrências, uma quantidade de ocorrências mais de 40 vezes maior do que o primeiro. Essa situação acaba por inviabilizar a aplicação da Análise Colostrucional, pois o número limitado de ocorrências e a discrepância entre a quantidade de ocorrências não consegue fornecer, por meio da análise mencionada, o melhor aproveitamento dos resultados.

A amostra de 23 ocorrências, por exemplo, para os objetivos da análise, não se apresenta como uma quantidade suficientemente representativa, pois são poucas ocorrências analisadas para que as conclusões possam ser generalizadas, visando uma caracterização da construção e seu uso.

Já as 996 ocorrências, correspondentes ao padrão mais produtivo do *corpus*, reconhece-se que, ainda assim, não se trata de um número suficientemente grande a ponto de minimizar a possibilidade de um enviesamento dos dados, ainda que não intencional, como discutido por Bybee (2010) e Eddington e Bybee (2006).

Diante do exposto, partindo de Bybee (2010), em que a autora sugere que, alternativamente à Análise Colostrucional, a análise de frequência absoluta pode ser empregada para avaliações do tipo, optou-se por realizá-la, buscando um melhor aproveitamento dos dados. Visando, porém, cumprir a proposta inicial de realização da Análise Colostrucional, ela será executada e seus resultados serão apresentados.

Como mencionado anteriormente, muitos trabalhos de cunho funcionalista pautam suas análises em dados empíricos provenientes do uso real da língua por seus falantes, como é o caso deste trabalho. Nesse sentido, o manuseio de um *corpus* é recorrente para subsidiar pesquisas funcionalistas e fornecer os dados analisados por pesquisadores de tal vertente.

Além disso, para a Gramática de Construções Cognitiva, a análise de dados da produtividade das construções, da relação entre formas recorrentes e o significado típico de uma construção são de extrema importância, sendo a frequência uma marca característica da proposta de Goldberg (2006). Nesse sentido, encontra-se na Análise Colostrucional um interessante aproveitamento desse tipo de dado que, posteriormente, pode ser empregado para análises semânticas (como a Análise de *Clusters*). Sobre o arcabouço teórico da Análise Colostrucional, Gries e Stefanowitsch (2010) afirmam que

O referencial teórico é fornecido por teorias construcionais da gramática, ou seja, teorias que consideram as estruturas gramaticais de diversos graus de complexidade e esquematização (morfemas, palavras, expressões idiomáticas lexicalmente parcialmente preenchidas, construções de estrutura argumental etc.) como sinais linguísticos, ou seja, como elementos linguísticos significativos por si mesmos. (Gries e Stefanowitsch, 2010, p. 74. Tradução própria.)²²

A Análise Colostrucional, conforme descreve Hilpert (2014), é um conjunto de métodos da Linguística de *Corpus* que permite examinar se a coocorrência de itens lexicais com determinadas construções ocorre com mais ou menos frequência do que seria esperado ao acaso. Essa análise possibilita identificar se uma construção tende a atrair ou repelir certos itens lexicais, o que viabiliza análises qualitativas fundamentadas em dados estatísticos e até mesmo a Análise de *Clusters*. Assim, o principal objetivo da Análise Colostrucional é identificar quais itens lexicais são considerados 'típicos' em uma construção específica, utilizando um conjunto de três métodos inter-relacionados, que são:

- i. *Collexeme analysis* (Stefanowitsch e Gries, 2003): usado para investigar quais itens lexicais são típicos em dado *slot* de uma determinada construção.

²² "The theoretical framework is provided by constructional theories of grammar, i.e., theories which view grammatical structures of various degrees of complexity and schematicity (morphemes, words, partially lexically filled idioms, argument structure constructions etc.) as linguistic signs, i.e., as meaningful linguistic elements in their own right." (Gries e Stefanowitsch, 2010, p. 74)

- ii. *Distinctive collexeme analysis* (Gries e Stefanowitsch, 2004a): relevante para construções que aparentam ser sinônimas, este método compara os itens lexicais que cada uma delas seleciona.
- iii. *Covarying-collexeme analysis* (Gries e Stefanowitsch, 2004b; Stefanowitsch e Gries, 2005): revela dependências entre itens que ocupam *slots* diferentes em uma mesma construção. Este método permite encontrar ligações entre itens lexicais diferentes, mas que coocorrem dentro da construção.

Para a Análise Colostrucional, se um lexema aparece mais vezes com a construção do que a quantidade indicada pela frequência esperada, se diz que ele é atraído. Se ocorre menos vezes do que o esperado, é repellido. Quanto mais superior (ou inferior) for o número de ocorrências em relação à frequência esperada, maior (ou menor) será a Força Colostrucional.

Bybee (2010), entretanto, aponta situações em que a Análise Colostrucional pode não funcionar tão bem, já que o equilíbrio de ocorrências na constituição do corpus pode ser crucial para a análise estatística decorrente dele. Não pretende-se uma avaliação crítica do artigo, mas pautando-se nas conclusões da autora e ao notar que o *corpus* trabalhado aqui apresenta ocorrências mais limitadas para alguns padrões (como as 23 ocorrências), enquanto os mais recorrentes, ainda assim, não apresentam um número elevado de ocorrências (máximo de 996), entende-se que a possibilidade de os resultados provenientes de uma Análise Colostrucional serem enviesados e, além disso, não refletirem conclusões reais, são altas.

A Análise Colostrucional é relevante e apresenta resultados muito interessantes, porém para o *corpus* em estudo aqui e para o que se busca investigar, ela não parece surtir os melhores resultados e pode, inclusive, induzir a conclusões erradas. Optou-se por realizá-la ainda assim, visando cumprir a proposta de pesquisa, mas o foco irá recair em uma análise de frequência de ocorrências, pois no caso deste trabalho, fornecerá conclusões mais seguras, tal qual discutido em Bybee (2010).

A razão para que se observe quais verbos são recorrentes para cada subtipo parte da hipótese levantada no início desta dissertação, na qual espera-se que os verbos mais recorrentes sejam condizentes com a semântica de cada um dos subtipos.

Para a realização da análise colexêmica, foi empregado o programa R, que se trata de uma linguagem computacional voltada para pesquisas de teor estatístico e muito utilizada em

estudos de ciência de dados. Para esta pesquisa, utilizou-se o RStudio, um *software* de interface mais amigável e largamente utilizado por usuários do R.

Para realizar uma Análise Colostrucional, pode-se adotar o *script* desenvolvido por Gries & Stefanowitsch (2014), ou o pacote programado por Flach (2017)²³. Ambos os recursos realizam os três tipos de análise descritos abaixo, permitindo que os dados sejam condizentes com o que se busca dentro das possibilidades da Análise Colostrucional e os *inputs* fornecidos pelo *corpus*.

Em posse dos dados necessários para a realização da análise, calcula-se a frequência esperada e se verifica se o verbo aparece mais ou menos vezes com a construção do que se esperaria ao acaso. Se a frequência observada for maior que a frequência esperada, então é possível afirmar que o verbo é atraído pela construção. Caso a frequência observada seja menor que a frequência esperada, então o verbo é repellido pela construção.

Por fim, deve-se realizar uma análise estatística que dirá qual a força de atração ou repulsão entre o verbo e a construção, ou se a coocorrência é estatisticamente significativa. Dentre as medidas possíveis, utilizou-se a medida *Log likelihood*²⁴.

Para esta investigação, os verbos do padrão em análise foram colocados em uma planilha do Microsoft Office Excel, aliado ao número de vezes que cada um ocorreu junto à construção e ao número total de ocorrências do verbo no *corpus*.

A tabela deve ser aberta no *software* RStudio no formato *dataframe* para que o pacote *Collostructions* (Flach, 2017) possa interpretar os dados contidos nela. Outros pacotes também precisam ser usados neste processo de análise, como os pacotes *tidyverse*²⁵ e *readr*. Para a execução da análise colexêmica, as seguintes linhas de comando precisam ser executadas no RStudio:

²³ O pacote *Collostructions* desenvolvido por Flach (2017), que permite a realização dos três tipos de análise contidos na família de análises colostrucionais, pode ser encontrado e baixado diretamente do site da autora: <<https://sfla.ch/collostructions/>>.

²⁴ Segundo Hilpert (2014), em análises colostrucionais é comum que se utilize a análise estatística chamada Fisher's Exact Test, porém optou-se por utilizar a medida *Log likelihood* que, além de considerar a frequência das ocorrências, é a medida comumente utilizada em scripts do programa R quando se realiza a análise colexêmica.

²⁵ Os pacotes *tidyverse* e *readr* mencionados podem ser encontrados para *download* no repositório do CRAN (*The Comprehensive R Archive Network*).

Figura 4 - Linhas de comando necessárias para a execução da análise colexêmica com o pacote Collostructions (Flach, 2017)

```
1 library(tidyverse)
2 library(readr)
3 library(collostructions)
4 nome.objeto <- read_csv("endereço.arquivo.csv",
5                       col_types = cols(verbo = col_factor(),
6                                       const = col_integer(),
7                                       corpus = col_integer())
8
9
10 view(nome.objeto)
11 str(nome.objeto)
12
13 collex(nome.objeto, corpsize)
14
15 resultado <- collex(nome.objeto, numero.tokens)
16
17 write.csv(resultado,
18           file = "endereço.para.salvar/nome.arquivo.csv",
19           row.names = F)
20
```

Fonte: Elaboração Própria.

Nas três primeiras linhas, os pacotes utilizados são carregados na sessão do RStudio, nas próximas quatro linhas, a tabela, que foi originalmente construída no Microsoft Office Excel, é carregada dentro do RStudio como um *dataframe*, o que é então verificado nas duas linhas que se seguem, para garantir que nenhum dado foi corrompido no processo.

A linha 13 realiza, de fato, a análise colexêmica. Como resultado da análise, o RStudio deve apresentar os resultados da seguinte maneira na janela console:

Figura 5 - Modelo de resultado da análise colexêmica com o pacote Collostructions (Flach, 2017)

	COLLEX	CORP.	FREQ	OBS	EXP	ASSOC	COLL.	STR.	LOGL	SIGNIF
1	pudessemos	11	11	8.7	attr			5.33374	*	
2	soubesse	10	10	7.9	attr			4.83418	*	
3	tivéssemos	6	6	4.7	attr			2.86601	ns	
4	pudessem	5	5	4.0	attr			2.38130	ns	
5	falássemos	2	2	1.6	attr			0.94420	ns	
6	percebessem	2	2	1.6	attr			0.94420	ns	
7	mandasse	2	2	1.6	attr			0.94420	ns	
8	compreendesse	1	1	0.8	attr			0.47073	ns	
9	escapassemos	1	1	0.8	attr			0.47073	ns	
10	olhasse	1	1	0.8	attr			0.47073	ns	

Fonte: Elaboração Própria. 2023.

Na linha 15, os dados são armazenados em um objeto dentro do RStudio. Esse mecanismo permite que os dados sejam resgatados com facilidade, necessitando apenas escrever o nome do objeto para que o RStudio processe todo o conjunto de dados contido sob aquele nome. Isso é importante para a execução das últimas linhas de comando (linhas 17, 18 e 19), por meio das quais os resultados da análise são exportados em uma tabela do Microsoft Office Excel para serem observados fora do RStudio.

Nota-se, na Figura 4 acima, que os resultados contêm o verbo, a frequência absoluta no *corpus*, a frequência observada, a frequência esperada, qual o tipo de associação (atração ou repulsão), a força de atração medida em *Log likelihood* e a significância dos resultados.

A partir daí, é possível afirmar que a análise quantitativa está finalizada e se inicia a análise qualitativa, em que se propõe interpretar os dados obtidos através da análise colexêmica (ou Colostrucional).

Como apontado por Gries e Stefanowitsch (2010), após realizar uma das três possibilidades da Análise Colostrucional,

[...] normalmente, baseamos nossa interpretação dos resultados apenas nos vinte ou trinta colexemas significativos mais relevantes, classificando-os em grupos semânticos (mais ou menos) coerentes com base em critérios de intuição ou senso comum; essa classificação desempenha um papel fundamental em nossa discussão sobre os diferentes subsentidos da construção em questão, incluindo a questão de qual deles deve ser considerado central.²⁶ (Gries e Stefanowitsch, 2010, p. 77. Tradução própria.)

No artigo em que a citação acima aparece, os autores buscam soluções para lidar com o fato de que normalmente as análises de *clusters* semânticos ocorrem manualmente, dependendo da introspecção do linguista. Por essa razão, são realizadas por meio de agrupamentos baseados em senso comum ou no conhecimento do pesquisador. Visando tornar os *clusters* semânticos mais objetivos, os autores propõem mecanismos computacionais que podem ser bem-sucedidos na tentativa de mecanizar essa atividade.

Na Análise de *Clusters* semânticos nos dados desta pesquisa, recorreu-se à FrameNet Brasil no momento de caracterizar cada um dos *clusters*, já que os dados disponibilizados na FrameNet Brasil contêm classificações para os tipos verbais, interesse desta pesquisa.

Optando, assim como em Eddington e Bybee (2006), em adotar a análise de frequência de ocorrências, pelas razões de representatividade do corpus já discutidas acima, propõe-se, a partir dos verbos mais frequentes, a construção de nuvens de palavras em que itens lexicais de um mesmo grupo são associados, tornando a visualização da descrição proposta mais esquemática e imagética.

Como nota adicional, menciona-se que os métodos adotados para produzir tais esquemas de nuvens de palavras estão descritos no Anexo 1 desta dissertação. Inicialmente foi

²⁶ “[...] we typically base our interpretation of the results on just the top twenty or top thirty significant collexemes, classifying them into semantically (more or less) coherent groups on the basis of intuition or common-sense criteria; this classification then plays a pivotal role in our discussion of the different subsenses of the construction in question, including the issue which of these is to be regarded as central.” (Gries e Stefanowitsch, 2010, p. 77)

utilizada a linguagem de programação Python²⁷, através do Google Colab²⁸ e um *script* próprio, desenvolvido para gerar as representações em discussão. O *script* está apresentado, dividido em partes, e com comentários que colaboram para a compreensão do que foi priorizado na representação, quando foi desenvolvido.

Considera-se pertinente apresentar como os gráficos foram produzidos, pois parâmetros de análise diferentes podem gerar representações distintas, portanto parece relevante que esteja claro como foram criadas as representações que vão pautar a discussão adiante. O *script* foi o mesmo adotado em todos os momentos da dissertação em que o mesmo tipo de representação gráfica foi produzido.

Por fim, nesta seção, procurou-se apresentar, brevemente, as etapas executadas ao longo da pesquisa, as quais serviram para construir o *corpus* de estudo sobre as insubordinadas com [SE AO MENOS X], os desafios encontrados, os dados obtidos, a separação e as ferramentas de investigação que serão mobilizadas e os obstáculos a serem superados, como a percepção de que a Análise Colostrucional não seria tão bem aproveitada neste trabalho. Também foram descritas as etapas e os mecanismos empregados para a realização de cada uma delas e através de quais parâmetros construiu-se as nuvens de palavras. A partir da próxima seção, vão-se discutir os resultados obtidos e como eles contribuem para a descrição da construção em estudo.

²⁷ Python é uma linguagem de programação de alto nível, conhecida pela sua simplicidade e legibilidade. Ela é amplamente utilizada para desenvolvimento de software, análise de dados, automação, inteligência artificial, aprendizado de máquina, entre outras aplicações.

²⁸Google Colab (ou Google Colaboratory) é uma plataforma baseada na web que permite escrever e executar código Python em notebooks interativos.

6 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, a partir do arcabouço teórico adotado, a saber, a Gramática de Construções Cognitiva, dos dados obtidos a partir do *corpus* coletado por meio das etapas descritas na seção de metodologia, e considerando as propostas de análise a serem adotadas nesta pesquisa, como a categorização de D’Hertefelt (2015) e outras, propõe-se uma caracterização das construções insubordinadas com [SE AO MENOS X].

Para atingir os objetivos almejados nesta dissertação de Mestrado, esta etapa de discussão dos resultados obtidos será dividida em subseções. Na primeira, serão discutidos os padrões morfossintáticos encontrados e, por meio dessa descrição, pretende-se obter dados objetivos da forma. Para as demais seções, esses dados da forma serão observados quanto à construção do significado e, diante disso, será possível investigar se há uma correlação entre os subtipos propostos por D’Hertefelt (2015) e o que foi encontrado para o PB, bem como novas expressões de sentido, como os usos de desejos irônicos.

6.1 DESCRIÇÃO FORMAL E DISTRIBUCIONAL DA CONSTRUÇÃO INSUBORDINADA COM [SE AO MENOS X]

Nesta seção propõe-se a definição dos critérios para a classificação das diferentes ocorrências entre os vários usos da construção insubordinada [SE AO MENOS X] e quais subtipos foram mapeados.

A motivação para a observação desses subtipos e dessas nuances morfossintáticas e semânticas deriva do trabalho de D’Hertefelt (2015) sobre as línguas germânicas que, ao propor os subtipos discutidos na seção 4.1, associou cada um deles a padrões formais distintos, os quais, para este trabalho, se hipotetizou não serem exatamente os mesmos. Essa hipótese surgiu do trabalho de Comarim (2023), pois os dados em investigação naquele momento já indicavam que o uso do verbo ocorria sempre no imperfeito do subjuntivo, diferentemente de D’Hertefelt (2015), que descreveu usos com verbos no presente, por exemplo.

Neste trabalho, foi realizada uma busca para além do *corpus*, a fim de procurar evidências de usos da construção insubordinada [SE AO MENOS X] em associação com verbos em outros tempos e modos verbais, como no futuro do subjuntivo, diferentes daqueles atestados nos dados em investigação. Nessa empreitada, pareceu possível que falantes usem essas ocorrências, porém em um número muito menor, ou seja, trata-se de um uso muito mais raro e

que, para o PB, sugere apresentar uma produtividade muito menor que outros padrões mais recorrentes.

(1) Um robô para andar pela casa observando seu hábitos de consumo. **Se ao menos aproveitar para aspirar o chão...**

O exemplo em (1)²⁹ apresenta uma ocorrência atestada fora do *corpus* em análise, obtida em uma busca intencionada a encontrar esse tipo de uso em que o verbo aparece no futuro do subjuntivo, e não no imperfeito do subjuntivo. D’Hertefelt (2015) encontrou o emprego do presente para línguas como o inglês, como exemplificado em seção anterior, enquanto Stirling (1999), ao trabalhar com a mesma língua, afirmou não ter encontrado nenhuma ocorrência.

Assim como o que se percebe entre o trabalho de Stirling (1999) e D’Hertefelt (2015), ainda que pareça se tratar de um uso possível, o *corpus* em análise aqui não captou esse tipo de ocorrência. O esclarecimento e o reconhecimento de que o uso parece ser possível, apesar de menos comum, pretendem apenas demonstrar que o *corpus* não contemplou construções com essa estrutura ao longo das coletas, porém pesquisas posteriores precisariam ser desenvolvidas para compreender as razões para que seu uso seja escasso.

Partindo, agora, para as construções que serão descritas e que fazem parte do *corpus*, em termos formais, as construções foram classificadas quanto aos padrões que apareciam após a parte fixa da construção, a saber, o [SE AO MENOS X]. Nesse sentido, passa-se a pensar em uma estrutura do tipo [SE AO MENOS X] em que X pode ser preenchido por diferentes tipos verbais e padrões morfossintáticos.

Outro esclarecimento precisa ser prestado aqui. É possível, também, que alguns itens lexicais ocorram em diferentes posições morfossintáticas da construção subordinada com [SE AO MENOS X], como “*Se eu ao menos tivesse tempo*” ou “*Se estivesse ao menos estudando*”. Novamente, se reconhece a possibilidade desses padrões menos comuns, mas ressalta-se que nenhum uso do tipo será discutido neste trabalho.

A razão para isso se dá pela forma de coleta dos dados, em que se fornecia uma palavra-chave a ser encontrada. Para contemplar essas demais possibilidades, seria necessário realizar buscas manuais com cada padrão possível, sendo uma quantidade enorme de buscas. Além

²⁹ Ressalta-se que no uso em (1), bem como em outros que serão discutidos, os desvios de concordância verbal foram mantidos.

disso, o português ainda carece de um grande *corpus* anotado que permita buscas do tipo de maneira automática.

Feitos os esclarecimentos iniciais, a opção por iniciar a pesquisa pela análise formal se justifica pelas seguintes razões:

1. O trabalho de Comarim (2023) já havia reconhecido a existência de diferentes padrões para além do [SE AO MENOS X], em que muitos padrões ocupavam esse espaço X, porém ainda não se sabia quais eram eles e como eles se estruturavam;
2. Em D’Hertefelt (2015), a autora aponta uma ligação entre forma e significado, algo que também se investiga agora. Portanto, pareceu coerente que a primeira parte da pesquisa fosse observar se todas as ocorrências com uma mesma estrutura possuíam uma semântica relacionada;
3. Essa distinção irá permitir o cumprimento da primeira proposta da pesquisa, ou seja, desenvolver uma descrição morfossintática dos usos;
4. Finalmente, dados como a estrutura sintática e quais verbos ocupam cada um dos *slots* verbais da construção constituem os dados basilares para o desenvolvimento das demais análises relacionadas à semântica e à pragmática da construção.
5. Diante de todos esses dados morfossintáticos e semânticos, a classificação dos subtipos propostos por D’Hertefelt (2015) pode ser mais facilmente aplicada, pois terá início em uma seleção prévia que já classifica certos usos.

Olhando para os dados em análise, foi possível perceber que em alguns casos, como em (2), há um pronome antes do verbo. Nesse sentido, assim como o que se discutiu acima, evidencia-se a composicionalidade da construção e, portanto, quando se menciona o *slot* verbal, se reconhece que nem sempre ele estará necessariamente na primeira posição após o [SE AO MENOS]. O que se pretende, portanto, é a descrição dos padrões fixos, como a construção e o *slot* verbal, pois usos como (2) demonstram a composicionalidade da sintaxe da oração para determinados itens lexicais, mas dizem respeito a itens que não são fixos e que, portanto, nem sempre aparecem, como em (3):

(2) Se ao menos *eu tivesse* indo pra escola pra vender brigadeiro 🍪
EU QUERO DINHEIRO (CORPUS DE TWEETS)

(3) “User” Se ao menos **pudesse** fazer diferente kkkkkk (CORPUS DE TWEETS)

As ocorrências insubordinadas com [SE AO MENOS X] apresentam componentes que devem estar presentes em todos os usos, como os verbos, e partes que, conforme demonstrado em (2) e (3), aparecem com frequência, mas não são obrigatórias, como os pronomes. A ambiguidade que pode surgir na ausência de uma marcação explícita do pronome acaba sendo resolvida, em alguns casos, pela desinência verbal, que indica a pessoa do sujeito e elimina a ambiguidade quanto a quem se refere o verbo. Em (3) não se sabe indicar, com base apenas no contexto disponível, se a pessoa que poderia fazer diferente é a/o autor/a do *tweet* ou um terceiro.

Em alguns casos, a ambiguidade só pode ser desfeita através do contexto discursivo, porém em outros, como em (3), ela persiste. Ainda assim, não parece impor prejuízos ao entendimento do uso da construção quanto à expressão de desejo, restando apenas a dúvida sobre em quem recai esse desejo.

Nas 1262 ocorrências estudadas do *corpus*, encontraram-se os seguintes padrões morfossintáticos associados à construção:

Tabela 5 - Quantidade de ocorrências de cada padrão morfossintático encontrado no *corpus* de [SE AO MENOS X]

PADRÃO MORFOSSINTÁTICO	OCORRÊNCIAS	EXEMPLO DO CORPUS
[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + infinitivo	106	Se ao menos eu pudesse viajar
[SE AO MENOS] +imperfeito do subjuntivo + gerúndio	23	De volta à sopinha de legumes com frango. Se ao menos eu tivesse emagrecendo...
[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo	996	Se ao menos soubesse...
[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + particípio	137	Se ao menos eu tivesse verificado tudo antes :(
TOTAL 1262		

A classificação formal das ocorrências do *corpus* foi realizada manualmente. Em um primeiro momento, diversos arquivos foram abertos simultaneamente e a cada novo padrão encontrado, uma nova lista era iniciada. Desse modo, após avaliar todas as ocorrências, o *corpus* original passou a ser dividido em quatro *subcorpora* com diferentes marcações formais.

A percepção de que alguns usos expressavam ironia, ou seja, não eram desejos reais, chamou a atenção. Esses usos foram também copiados em um arquivo à parte, para que pudessem ser analisados em relação aos demais, em busca de características que pudessem servir de gatilho para o sentido irônico e, conseqüentemente, diferenciá-los dos empregos não irônicos. Os usos irônicos ainda foram contabilizados quanto aos seus padrões formais, pois eles se enquadravam em padrões já atestados nos subgrupos acima. A discussão quanto à expressão da ironia será desenvolvida em outra seção.

A partir de agora, cada padrão morfossintático será discutido quanto aos dados formais. O que se descreve abaixo são as muitas possibilidades de preenchimento do X em [SE AO MENOS X].

Começando pelo uso menos recorrente, ou seja, pela estrutura [SE AO MENOS] + **imperfeito do subjuntivo + gerúndio**, das 1262 ocorrências analisadas, 23 ocorrências apresentavam esse padrão morfossintático. Dessas ocorrências, 20 apresentaram o verbo ESTAR como o verbo no imperfeito do subjuntivo. Os verbos IR, SER e PERDER também apareceram no imperfeito do subjuntivo em uma ocorrência cada.

Considerando esses dados, é possível notar a predominância do verbo ESTAR, o qual corresponde a aproximadamente 86,95% das ocorrências nesse padrão, sendo característico em uma relação de auxiliaridade.

Com o imperfeito do subjuntivo, o verbo ESTAR é utilizado junto ao **gerúndio** para formar uma perífrase verbal que expressa ações contínuas ou em andamento em um contexto hipotético ou de incerteza no passado. Esse tempo verbal é geralmente usado para situações que dependem de uma condição ou de algo que não ocorreu, mas poderia ter ocorrido.

Esse dado permite esquematizar esse uso através da seguinte estrutura:

[SE AO MENOS] + [V1 imperfeito do subjuntivo] + [V2 gerúndio]

Ou, através de uma nomenclatura do tempo verbal que nomeia tais padrões na literatura:

[SE AO MENOS] + [pretérito imperfeito do subjuntivo composto]

Para o preenchimento do *slot* V2 parece não haver um padrão especificamente marcado, pois nas 23 ocorrências foram atestados os usos de 22 verbos diferentes, sendo o verbo IR o único que se repete.

Outra informação interessante é de que em boa parte dos usos (8 casos dos 20 em que o verbo ESTAR aparece) percebe-se que a grafia está errada, como em (4). Isso pode ser atribuído à informalidade no uso das redes sociais e, portanto, na recorrência de grafias que se aproximam ao que se produz na língua falada. Nesses casos, os verbos, apesar de apresentarem a forma do verbo TER, dada à sua forma escrita incorreta, foram anotados como ESTAR para fins de investigação.

(4) Que saco se ao menos eu ja ***tivesse trabalhando*** (CORPUS DE TWEETS)

Com esses dados, conseguiu-se uma descrição mais ampla dos usos em que o gerúndio é empregado e mostrou-se que, apesar de serem formalmente relacionáveis, a polissemia do verbo ESTAR licencia semânticas ligeiramente distintas, mesmo que todas correspondam ao uso de um tempo verbal composto representativo de continuidade de um evento.

Ainda pensando em tempos verbais compostos, outro padrão formal encontrado entre os usos da CCI com [SE AO MENOS X] é o padrão:

[SE AO MENOS] + [V1 imperfeito do subjuntivo] + [V2 participio]

No padrão encontrado, em que há a presença de um verbo no participípio, observa-se uma relação de auxiliaridade que implica o uso de verbos auxiliares para formar, novamente, tempos compostos. Desse modo, o padrão será mais bem representado por:

[SE AO MENOS] + [V1 auxiliar] + [V2 principal participio]

Ou, de maneira semelhante ao que se realizou para o padrão morfossintático anterior, pode-se realizar a adoção da nomenclatura do tempo composto em questão:

[SE AO MENOS] + [Pretérito Mais-que-perfeito do Subjuntivo]

Nesse contexto, o verbo TER é o mais recorrente, pois, ao ser combinado com o particípio, ajuda a formar estruturas verbais como o pretérito perfeito composto e outras formas compostas. Especificamente, nos casos encontrados, o Pretérito Mais-que-perfeito do Subjuntivo é o tempo verbal predominante, sendo construído pela combinação do verbo TER no imperfeito do subjuntivo (como "tivesse") com o particípio do verbo principal (exemplo: "tivesse feito").

O uso desse tempo verbal expressa uma ação hipotética ou anterior a outra ação também no passado, em um contexto de incerteza ou condição. Assim, o verbo TER exerce uma função crucial, indicando que a ação do verbo principal foi completada ou teria sido completada sob determinadas circunstâncias no passado.

(5) Eu me culpava pelo que tinha acontecido. Como um refrão, repetia para mim mesmo: **Se ao menos tivesse acreditado nele...** Mas eu não tinha acreditado, nem ninguém, e agora entendia como ele devia ter se sentido, porque ninguém acreditava em mim. (CORPUS DE TWEETS)

Além de TER, os verbos HAVER e SER também aparecem preenchendo o *slot* de verbo auxiliar. Corroborando o padrão morfossintático proposto, para além da enorme recorrência do verbo TER, pode-se partir de Ilari e Basso (2014), ao discutir sobre os verbos considerados característicos na marcação das perífrases verbais, sendo esses, inclusive, alguns dos mais prototípicos quando se pensa em auxiliaridade.

Esses verbos, porém, ainda considerando o estudo dos autores, não são os únicos, pois todos os padrões encontrados ao longo deste capítulo aparecem na tabela proposta por eles como indicativos de perífrases verbais. Nesse sentido, é interessante perceber que os padrões licenciados pela construção insubordinada com [SE AO MENOS X] no PB incluem, além de verbos em seu sentido pleno, algumas perífrases verbais representativas de tempos compostos, como o uso do ESTAR + GERÚNDIO, descrito anteriormente e, agora, TER + PARTICÍPIO.

A terceira estrutura morfossintática que apareceu nesse estudo é representativa de situações em que o primeiro verbo não está completamente esvaziado semanticamente e pode ser esquematizado pelo padrão a seguir:

[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + infinitivo

Diferentemente dos outros tipos de construção, nesse padrão formal foi possível realizar testes e elaborar esquemas gráficos, como se discutirá na próxima seção, justamente por haver uma correlação entre V1 e V2 para além de um tempo verbal composto. Entretanto, os verbos que apareceram após o verbo auxiliar não se repetiam, impedindo qualquer tipo de associação quanto à preferência por verbos específicos. A fim de iniciar a discussão, indica-se, abaixo, o padrão mais esquemático desse uso:

[SE AO MENOS]+ [V1 imperfeito do subjuntivo] + [V2 infinitivo]

Não há um nome para esse uso, pois não se trata de um tempo verbal composto, como os anteriores, porém, de acordo com a discussão que será abordada a seguir, pensar em uma generalização dos usos pelo termo “perífrase de modalidade” parece aplicável ao que se apresenta aqui.

Esse padrão foi encontrado em 106 das 1262 ocorrências do *corpus*. Dessas 106 ocorrências, 13 verbos diferentes ocuparam o *slot* V1. Dentre os 13 verbos que preencheram o *slot* V1, 3 verbos (SABER, CONSEGUIR e PODER) apareceram em 86 ocorrências (84,3%), demonstrando uma clara seleção de quais verbos podem ocupar o primeiro *slot* da construção quando o segundo verbo aparece no infinitivo, corroborando a proposta de perífrases de modalidade. A ocorrência (6) demonstra esse uso:

(6) Se ao menos *conseguisse dormir* (CORPUS DE TWEETS)

Agora, partindo para o padrão mais recorrente das CCIIs com [SE AO MENOS X], observa-se o emprego do imperfeito do subjuntivo, um padrão que esquematicamente pode ser representado por:

[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo

Nesse padrão, a variação dos verbos que coocorrem com a construção é bastante ampla. Nesse caso, diferentemente dos anteriores, em que o preenchimento verbal era bastante restrito,

foram encontrados 167 verbos diferentes preenchendo essa posição. Um exemplo pode ser o uso abaixo:

(7) “User” Se ao menos eu entendesse (CORPUS DE TWEETS)

Quanto à caracterização morfossintática, esse padrão, apesar de ser o mais recorrente, é o que apresenta a constituição mais objetiva, afinal se resume ao uso da construção e de um verbo no imperfeito do subjuntivo. Quanto ao verbo que pode preencher esse *slot*, não parece haver uma restrição clara, mas as preferências poderão ser percebidas por meio da análise de frequência, que será desenvolvida e discutida posteriormente. Por ora, se encerra a descrição morfossintática dos subtipos encontrados e parte-se para as outras etapas da pesquisa.

6.2 DESCRIÇÃO FUNCIONAL DOS PADRÕES ENCONTRADOS

Considerando a descrição formal e distribucional apresentada na seção 6.1, a partir de agora se propõe uma descrição funcional desses usos atestados em *corpora* e como esses diferentes empregos podem contribuir para um entendimento da semântica da construção. Por meio dessa análise, espera-se evidenciar as diferenças semânticas entre cada subtipo e, diante disso, propor uma categorização semelhante àquela desenvolvida por D’Hertefelt (2015). De maneira geral, propõe-se uma ampla descrição dos padrões formais e dos sentidos atrelados a eles.

Começando pelo padrão **[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + gerúndio**, descreveu-se, na seção 6.1, a predominância do verbo ESTAR, o qual corresponde a aproximadamente 86,95% das ocorrências nesse padrão. Além disso, apontou-se que não parecia haver um padrão nos verbos que ocupavam a posição de V2, já que 20 verbos diferentes apareceram em 23 ocorrências analisadas. Logo, parece não haver uma clara preferência por um verbo ou semântica expressa por um conjunto de verbos.

Esses dados fazem sentido, pois o verbo do *slot* V1 está esvaziado semanticamente, atuando apenas como auxiliar na construção dessa semântica de continuidade em um tempo passado, evidenciada pelo **pretérito imperfeito do subjuntivo composto**. Por atuar como auxiliar, não se pode falar em verbos que podem ou não ser atraídos pelo verbo ocupante da posição de V1, afinal ele atua apenas funcionalmente como componente desse tempo composto.

Além disso, sabe-se que o verbo ESTAR é polissêmico, de modo que é utilizado para veicular sentidos como estado emocional, espacial e continuidade, por exemplo. Com essas variáveis, pode-se classificar as ocorrências como pertencentes às três possibilidades.

Quanto à semântica de localização de pessoas ou coisas, pode ser citada a ocorrência em (8), em que o falante expressa o seu desejo e sua crítica para que alguém estivesse em determinado lugar (Cannes), desenvolvendo alguma atividade preferível (apresentando algum filme). Trata-se de um desejo em que o ESTAR exerce seu sentido espacial, já que Cannes é vista como preferível. Além disso, a oração seguinte iniciada com “mas não” intensifica a negação de que o cenário preferido corresponda à realidade.

(8) se ao menos estivesse em cannes apresentando algum filme
mas não, estava lá passeando com o namoradinho deputado que votou
pelo fundão diretamente de paris (CORPUS DE TWEETS)

Já a semântica mais recorrente do verbo ESTAR nesse subtipo diz respeito ao tempo contínuo, seja em relação a uma situação do passado (9) e (10) ou a uma situação presente (11). Em termos numéricos, 16 das 23 ocorrências se referem a um desejo de que algo fosse diferente em uma situação presente, enquanto quatro se referem a situações que revelam hábitos ou atividades repetitivas no passado. Para três ocorrências não foi possível uma definição, pois podem ser empregadas tanto para o presente como para o passado, uso exemplificado em (12) e (13).

(9) Se ao menos o “User” estivesse alertando ao povo isso todo dia
no último ano! Péssimo deputado! Não tem mais o meu voto111 (link)
(CORPUS DE TWEETS)

(10) Se ao menos tivesse organizando antessssss, me recuso acreditar
que vou estar em uma cidade e 3 dias depois Jan Blomqvist estará lá
por 80 reais



 (CORPUS DE TWEETS)

(11) “User” Não sei porque eu fico recebendo notificações de coisas assim!!! Se ao menos eu **tivesse seguindo** ou coisa parecida...
(CORPUS DE TWEETS)

(12) De volta à sopinha de legumes com frango. Se ao menos eu **tivesse emagrecendo...** (CORPUS DE TWEETS)

(13) “User” Se ao menos **tivessem falando** sobre Playstation 🖐️🖐️
(CORPUS DE TWEETS)

Como se percebe nos usos acima, em (9) o falante deseja que o deputado estivesse alertando ao povo diariamente no último ano, enquanto em (10) o falante gostaria de estar se organizando antes, ou seja, situações ocorridas no passado. Em (11), o falante expressa um desejo de estar seguindo esse tipo de conteúdo atualmente, para que a quantidade de notificações recebidas seja justificável. Em (12), o falante deseja emagrecer em decorrência da sua dieta atual e, por fim, em (13) é possível interpretar esse uso como algo que acontece no momento presente ou referente a um período passado. Em todas essas ocorrências, porém, há a expressão de continuidade.

Enquanto o padrão acima licencia a semântica de continuidade no momento presente, como em (12), o uso do padrão [SE AO MENOS] + [V1 imperfeito do subjuntivo] + [V2 particípio], por sua vez, se relaciona diretamente com o passado, tornando a semântica de incapacidade em tornar o desejo real, bem como a lamentação que o acompanha pela falta de possibilidade de mudança, muito mais evidentes, graças ao uso do **Pretérito Mais-que-perfeito do Subjuntivo**.

De modo geral, o significado principal da construção, diz respeito à expressão de situações que não foram realizadas no passado, mas que o falante gostaria que fossem reais. Esse tipo de marcação é muito significativo e característico na construção desse sentido.

Alguns exemplos do padrão descrito acima estão apresentados nas ocorrências (14) e (15).

(14) **Se ao menos o goleiro tivesse defendido aquele último pênalti...** (CORPUS DE TWEETS)

(15) “User” **Se ao menos ele tivesse passado no exame da OAB...**
(CORPUS DE TWEETS)

Por meio das ocorrências acima, pode-se perceber que em todas elas o falante veicula uma lamentação quanto à expectativa de que algo tivesse acontecido de maneira diferente no passado, porém não aconteceu. Diante disso, o falante expressa seu descontentamento e sua crítica com a forma que as coisas aconteceram e deixa claro que prefere o cenário hipotético, que não condiz com a realidade. O emprego da perífrase com o verbo TER no imperfeito do subjuntivo como auxiliar e o verbo principal no particípio representa, justamente, esse tipo de sentido.

De maneira particular, os verbos que ocupam a posição do *slot* de V2 são semanticamente variados, mas, ao mesmo tempo, alguns verbos são significativamente mais recorrentes, como o verbo SER (em primeiro lugar), mas com outros verbos também muito comuns, como FAZER, GANHAR e AVISAR. Alguns exemplos desses usos são:

(16) Se ao menos tivesse sido convocado para o Euro (vídeo de futebol) (CORPUS DE TWEETS)

(17) "Se ao menos eu tivesse feito algo.....
mas não, não fiz nada 😊” (CORPUS DE TWEETS)

(18) “User” se ao menos eu tivesse ganhado 1 real por RT que
aquele negocio teve
Tenho um azar, foda se! Ao menos tenho este para me orientar por enquanto mas perdi as fts todas 😞 (CORPUS DE TWEETS)

(19) Se ao menos alguém tivesse avisado (link) (CORPUS DE TWEETS)

Novamente, assim como atestado para os exemplos anteriores, em todas as ocorrências representa-se uma lamentação e uma crítica quanto a uma situação passada, a qual não pode ser revertida. Esse padrão é o que pode mais facilmente ser diferenciado dos demais, pois a marcação de passado é muito clara.

Ainda dentro do padrão morfossintático [SE AO MENOS] + [V1 imperfeito do subjuntivo] + [V2 particípio] há apenas cinco ocorrências que correspondem ao emprego da voz passiva

analítica. Nesses casos em que se tem o preenchimento do V1 pelo verbo SER no imperfeito do subjuntivo e do V2 por outro verbo no particípio passado, o valor semântico já não remete a um cenário irreversível, trata-se, portanto, de um recurso estilístico para evidenciar a ação e não o agente, como em (20):

(20) “User” se ao menos eu fosse paga 😊😊 (CORPUS DE TWEETS)

No exemplo acima, o emprego da passiva analítica omite quem seria o pagante, mas coloca em destaque o desejo pelo pagamento. Não se sabe quem efetuariá a ação, mas sabe-se que ela é fortemente desejada pela pessoa que produziu o *tweet*.

De maneira semelhante, para o uso de [SE AO MENOS] + **imperfeito do subjuntivo** + **infinitivo**, a irreversibilidade do passado, ou até a referência a algo que já ocorreu, não são categóricas. Para esse padrão, como se vê nos exemplos, é possível expressar seu desejo sobre o passado, ou sobre o presente.

(21) Se ao menos conseguisse dormir (CORPUS DE TWEETS)

(22) Se ao menos eu soubesse desenhar ! (CORPUS DE TWEETS)

(23) “User” Puxa, que trabalhadeira. Se ao menos pudessemos fazer o mesmo na estrada... (CORPUS DE TWEETS)

No exemplo em (21), o falante deseja ser capaz de dormir, em (22) o desejo é de que ele tenha habilidades de desenho, e em (23) o falante deseja que algo também pudesse ser feito na estrada. Os primeiros dois exemplos são de frases extremamente recorrentes e que podem ser compreendidas dispensando um contexto maior. Em (23), por sua vez, o entendimento mais amplo fica comprometido por não se saber exatamente o que o falante gostaria que fosse possível fazer na estrada, porém a estrutura e a semântica de desejo são facilmente recuperáveis.

Na seção em que se descreveu formalmente esse uso, evidenciou-se que dentre os 13 verbos que preencheram o *slot* V1, 3 verbos (SABER, CONSEGUIR e PODER) apareceram em 86 ocorrências (84,3%). Para além dessa clara atração dos verbos SABER, PODER e

CONSEGUIR, as semânticas dos verbos são relacionáveis, afinal refletem o sentido de *capacidade*, em termos de “ser capaz de” e são verbos de modalidade.

A perífrase verbal com verbos como SABER, PODER e CONSEGUIR no imperfeito do subjuntivo aliados a um segundo verbo no infinitivo expressa a ideia de impossibilidade, falta de habilidade ou de conhecimento necessário à realização de uma ação. Esses verbos funcionam como auxiliares, conferindo um significado específico à ação expressa pelo verbo principal, que permanece no infinitivo. A combinação desses verbos com o infinitivo resulta em diferentes nuances de sentido, como se discutiu.

Além disso, assim como proposto por Gries e Stefanowistch (2010), optou-se por recorrer à FrameNet do Brasil para verificar se os três verbos estavam, de fato, relacionados. Como resultado, percebe-se que os três verbos fazem parte do Frame Semântico *Capacidade_ação*. Esses verbos, por estarem no imperfeito do subjuntivo, se associam rapidamente às conclusões dos estudos sobre a construção, discutidas nas seções anteriores, e que afirmam que a semântica geral da construção expressa desejos que fogem do controle do falante. A ausência de capacidade, expressa pelos verbos de capacidade no imperfeito do subjuntivo, se relaciona exatamente a esse sentido.

A fim de descrever os dados obtidos, para além dos três verbos em destaque nesta discussão, cabe mencionar que os outros verbos encontrados preenchendo o *slot* V1 no padrão [SE AO MENOS] + [V1 imperfeito do subjuntivo] + [V2 infinitivo] foram os seguintes:

Tabela 6 - Verbos que preenchem o slot V1 no padrão [SE AO MENOS] [V1 imperfeito do subjuntivo] + [V2 infinitivo]

VERBO	FREQUÊNCIA ABSOLUTA
PODER	51
CONSEGUIR	23
SABER	15
IR	4
FAZER	3
QUERER	2
ADIANSTAR	1
APRENDER	1
BUSCAR	1
ESPERAR	1
PARAR	1
VIR	1
VOLTAR	1

Fonte: Elaboração Própria.

Para além dessas informações, pode ser interessante observar quais verbos aparecem depois dos três verbos mais recorrentes. Sabe-se que são verbos que representam ações, mas cabe observar se há um outro padrão além desse entre os tipos de ação atraídos por cada um, ou seja, se são os mesmos verbos ou se eles diferem entre si.

Para essa investigação, após a contagem manual de quais verbos apareciam no *slot* V2 da construção, mobilizando recursos computacionais, foram construídos *clusters* verbais em que o verbo presente no *slot* V1 aparecia centralizado e o verbo presente no *slot* V2 aparecia ligado a ele em uma nuvem. Verbos mais recorrentes são representados mais próximos do centro e os menos recorrentes ficam mais próximos das extremidades.

Começando pelo verbo PODER, o mais frequente dentro do padrão descrito neste capítulo, as ocorrências em (24), (25) e (26) são representativas desse emprego. O verbo PODER no imperfeito do subjuntivo, seguido de um verbo no infinitivo expressa incapacidade, ausência de permissão ou de possibilidade para realizar uma ação. Dependendo do contexto, pode indicar algo que é fisicamente impossível de ser feito, que não é permitido ou que alguém não tem a habilidade necessária para fazer.

(24) Bem quando vou sair aparecem 747382 espinhas na minha cara e uma justamente na testa! **se ao menos a máscara pudesse tampar** 🗣️ (CORPUS DE TWEETS)

(25) "Se ao menos pudesse parar sem me condenar a mais pressão d por conta dos prazos.. 😊🤔 (link) (CORPUS DE TWEETS)

(26) Se ao menos eu pudesse viajar (CORPUS DE TWEETS)

Nos exemplos acima, em (24), o falante veicula seu descontentamento com o aparecimento de espinha e faz uso da construção insubordinada com [SE AO MENOS X] para expressar seu desejo de que a máscara fosse capaz de cobri-la. Em (25), o falante deseja ser capaz de parar sem se cobrar por conta dos prazos e, finalmente, em (26), o falante deseja viajar, mas não tem possibilidade de fazê-lo.

O diagrama dos verbos relacionados a PODER pode ser observado na figura 4, na qual a distribuição de verbos parece estar bem diversa, não sendo possível verificar muitas relações de atração altamente marcadas, exceto pelo verbo FAZER, que está nitidamente mais próximo

(28) “User” Concordo. Se ao menos **conseguíssemos convencer** o OS. (CORPUS DE TWEETS)

(29) Se ao menos eu **conseguisse manter** a consistência (CORPUS DE TWEETS)

(30) Não aguento mais esse aperto no coração sem fim, só queria que parasse, se ao menos eu **conseguisse me distrair...** (CORPUS DE TWEETS)

Em (28), o falante gostaria de ser capaz de convencer o OS, e em (29), o falante deseja ser capaz de manter a consistência em algo. Por fim, em (31), o falante desabafa sobre algo que sente e expressa seu desejo de que pudesse se distrair.

O diagrama dos *clusters* verbais não apresenta muitas relações de atração significativas, ou seja, que marquem categoricamente a preferência por certos verbos de ação. Os dados que podem ser retirados da imagem são de que apenas os verbos DORMIR, ENCONTRAR, MANTER e DEIXAR estão ligeiramente mais próximos do centro. A figura em 5 reproduz esse diagrama obtido na análise.

Como era esperado pelas hipóteses, as distinções não são claramente marcadas para todos os subtipos e em todas as situações em que a construção aparece, porém, com esse tipo de investigação, torna-se possível observar certas tendências que fornecem indicações quanto aos empregos e aos usos da construção.

Figura 5 - Cluster verbal de CONSEGUIR



Fonte: Elaboração Própria.

A análise dos dados parece indicar, como mencionado acima, que os verbos que coocorrem com CONSEGUIR parecem ser de natureza mais genérica.

Finalmente, o último verbo a ser explorado nesta seção é SABER. Exemplos do uso da construção com o verbo SABER estão representados em (31), (32) e (33). Quando o verbo SABER no imperfeito do subjuntivo é usado seguido de um verbo no infinitivo, ele indica falta de conhecimento ou de habilidade para realizar algo. Este uso sugere que a pessoa não tem o conhecimento necessário para executar uma ação ou que ainda não aprendeu a fazer algo.

Ainda menos marcado que o verbo CONSEGUIR, o verbo SABER só teve a repetição do verbo FAZER, que ocorreu duas vezes. Além disso, dos três verbos analisados nesta seção, ele foi o que apareceu menos vezes.

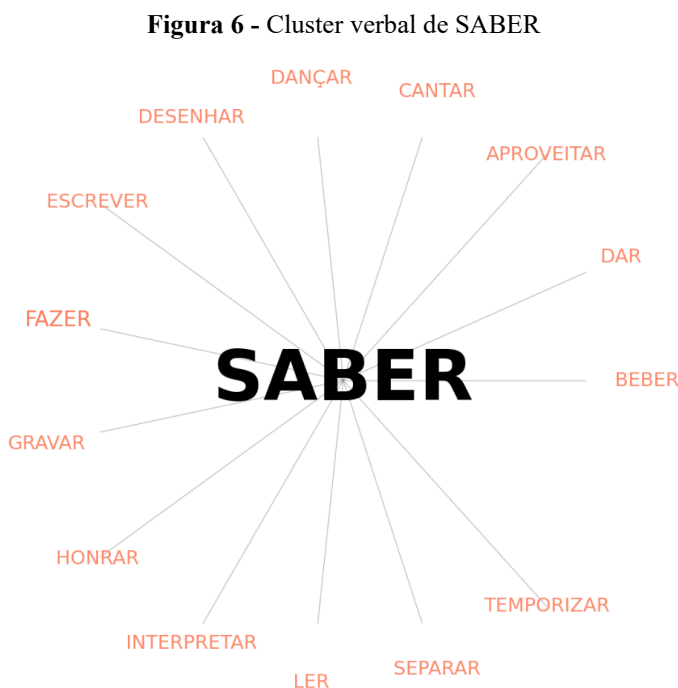
(31) “User” “User” Aquele grupo era altas emoções mesmo, se ao menos eu **soubesse dar** valor para as coisas naquela época... (CORPUS DE TWEETS)

(32) “User” se ao menos **soubessem aproveitar...** mas nem elu nem ninguém da equipe pensa com a cabeça mais (CORPUS DE TWEETS)

(33) “User” “User” Se ao menos ele **soubesse ler**. (CORPUS DE TWEETS)

A representação gráfica das palavras que estão relacionadas ao verbo SABER não contribui muito para uma discussão, afinal, assim como nos casos anteriores, não há uma clara preferência por certos verbos

Em contrapartida, coerentemente com a semântica esperada, o verbo SABER parece estar relacionado a verbos que representam atividades e habilidades que podem ser aprendidas e adquiridas, ou seja, algo que um falante ou outra pessoa pode passar a saber, pode adquirir o conhecimento em um futuro. Na figura a seguir, evidencia-se os verbos que coocorreram com o verbo SABER.



Fonte: Elaboração Própria.

Interessante mencionar que, ao juntar os verbos que coocorrem com os verbos analisados nesta subseção, apenas sete se repetem em mais de um diagrama (ASSISTIR, ENCONTRAR, FAZER, DAR, LER, PARAR e SER). Em termos de verbos diferentes, foram 66 verbos distintos que apareceram ao somar os três diagramas criados. Essa informação permite inferir que há uma seleção e uma preferência de qual verbo irá preencher o *slot* V2, a depender de qual verbo está em V1, mas com os dados analisados até aqui, não foi possível

explicitar qual seria esse padrão. Essa inferência é possível, pois são poucos os verbos que aparecem em mais de um diagrama, apesar de serem verbos de um mesmo *Frame Semântico*.

Finalizando esta discussão, foi possível observar que três verbos (SABER, PODER e CONSEGUIR) compreendem uma parcela significativa desse padrão da construção insubordinada com [SE AO MENOS X]. Percebeu-se que esses três verbos fazem parte do *Frame Semântico* de Capacidade_ção, de acordo com a FrameNet Brasil e, além disso, são verbos de modalidade.

Buscou-se desenvolver uma análise de como cada um deles se relacionava com os verbos que apareciam no infinitivo no *slot* V2. Como resultado, obteve-se que os verbos que coocorrem com SABER, PODER e CONSEGUIR são diferentes entre si e não foi possível mapear uma aproximação muito evidente para além do fato de que são predominantemente verbos que expressam ações e, no caso de SABER, há habilidades que podem ser aprendidas ou adquiridas.

Em outros momentos desta subseção, apresentou-se a descrição de outros padrões morfossintáticos que envolviam a constituição de tempos verbais compostos. Essa descrição mostrou que a construção tende a selecionar padrões específicos e, dentro desses padrões, em alguns casos, certos verbos são mais marcantes. A seguir, vai-se discutir o padrão mais recorrente do *corpus* e, além disso, propõe-se a exploração desses dados por meio de uma análise colexêmica, com as ressalvas já mencionadas em outros momentos deste trabalho.

6.3 ANÁLISE COLEXÊMICA DO PADRÃO [SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo

Nesta seção, está descrita a análise colexêmica empregada ao padrão [SE AO MENOS] + **imperfeito do subjuntivo**. Como mencionado anteriormente, este padrão, o mais recorrente, foi o único que apresentou dados suficientes para a realização desse tipo de análise. Ressalta-se, entretanto, como já discutido, que ao trabalhar com os dados concretos e a quantidade de dados obtidos, concluiu-se que a Análise Colostrucional não seria a mais recomendada para a exploração que se pretende, entretanto, por fazer parte da proposta inicial da pesquisa, a análise foi mantida. As ocorrências (34), (35) e (36) representam o padrão a ser investigado e sobre o qual será desenvolvida a análise.

(34) “User” Mano azideia pior que pepsi é horrroso, **se ao menos tivesse mais opção de refrigerantes de coca** (CORPUS DE TWEETS)

(35) Se ao menos não fosse essa a fonte... (CORPUS DE TWEETS)

(36) “User” Se ao menos eu entendesse (CORPUS DE TWEETS)

Em (34), o autor do *tweet* está comentando sobre a bebida Pepsi, começando por "azideia" [as ideias], uma gíria possivelmente empregada negativamente, qualificando o sabor da Pepsi como “horroroso”. A pessoa, então, usa a construção insubordinada com [SE AO MENOS X] para expressar um desejo de que houvesse mais opções de refrigerantes no estilo da Coca-Cola, sugerindo que preferiria tal bebida em vez de Pepsi.

Já em (35), o falante expressa uma insatisfação ou arrependimento relacionado à "fonte". Aqui, "fonte" pode se referir a uma fonte de informação (como um *site*, artigo ou dado) ou até mesmo ao tipo de fonte tipográfica usada em algum contexto visual. A pessoa parece lamentar que a fonte específica seja a escolhida, sugerindo que outra opção seria preferível. O uso da insubordinada com [SE AO MENOS X] indica uma crítica com desejo de mudança ou arrependimento.

Por fim, em (36), a frase sugere frustração ou confusão. A pessoa está expressando, por meio do uso da construção com [SE AO MENOS X], o desejo de entender algo, possivelmente uma situação ou informação que está fora do seu alcance. O uso de [SE AO MENOS X] transmite um sentimento de que o cenário diferente da realidade é preferível, ou seja, se ela fosse capaz de entender, as coisas seriam mais claras ou fáceis para ela.

Ao realizar uma análise colexêmica, nos moldes descritos na seção de metodologia, e através do *script* exposto no Anexo 2 deste trabalho, chega-se à seguinte tabela com os vinte verbos mais atraídos pela construção:

Tabela 7 - Vinte verbos mais atraídos pelo padrão [SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo obtidos através de uma análise colexêmica simples

#	COLLEX	CORP.FREQ	OBS	EXP	ASSOC	COLL.STR.LOGL	SIGNIF
1	TER	473	196	93	attr	132,204	*****
2	SER	746	258	146,7	attr	109,7191	*****
3	SABER	160	89	31,5	attr	105,1586	*****
4	HAYER	59	46	11,6	attr	94,60306	*****
5	DAR	59	33	11,6	attr	38,34733	*****
6	EXISTIR	28	20	5,5	attr	35,3178	*****
7	ESTAR	63	25	12,4	attr	13,52429	***
8	MANDAR	3	3	0,6	attr	9,7649	**
9	MORAR	4	3	0,8	attr	5,70304	*

10	LER	4	3	0,8	attr	5,70304	*
11	FUNCIONAR	15	7	2,9	attr	5,56441	*
12	GANHAR	22	9	4,3	attr	5,22674	*
13	COLOCAR	13	6	2,6	attr	4,65104	*
14	ENTENDER	24	9	4,7	attr	4,11033	*
15	CHOVER	5	3	1	attr	3,90852	*
16	CONHECER	11	5	2,2	attr	3,74236	ns
17	PERMITIR	1	1	0,2	attr	3,25334	ns
18	NEVAR	1	1	0,2	attr	3,25334	ns
19	ENDIVIDAR	1	1	0,2	attr	3,25334	ns
20	COLABORAR	1	1	0,2	attr	3,25334	ns

Fonte: Elaboração Própria.

Na primeira coluna (#), está a posição em que o verbo se encontra, sendo 1 o mais atraído. Em “CORP.FREQ”, a quantidade de vezes que o verbo aparece no *corpus*, independente da conjugação. Já em “OBS”, a quantidade de vezes que o verbo coocorre com a construção em seu sentido pleno. Ao mobilizar a quantidade de vezes que o verbo aparece no *corpus*, calcula-se quantas vezes se esperaria, ao acaso, que ele coocorresse com a construção, dado presente em “EXP”.

Quando a quantidade de aparições (OBS) é maior que a quantidade esperada (EXP), ocorre uma relação de atração, e o contrário gera uma relação de repulsão. Essas relações são descritas na coluna “ASSOC”. A força de atração, medida em *loglikelihood*, aparece em “COLL.STR.LOGL”. Por fim, a significância desses resultados é medida em “SIGNIF” e quanto maior o *corpus* e mais dados são analisados, maior a significância dos resultados.

A Análise Colostrucional deixa de ser a melhor escolha para a investigação proposta, pois o *corpus* não é suficientemente grande e, portanto, os dados não são representativos da totalidade da língua. Da linha 17 até a linha 20, por exemplo, todos os verbos ocorrem uma única vez com a construção e uma vez no *corpus*. Por essa razão, são interpretados como atraídos, porque todas as ocorrências apresentadas no *corpus* foram com a construção. Bybee (2010), entretanto, discute justamente esse ponto, pois no decorrer do *corpus* é possível observar verbos que apareceram uma quantidade maior de vezes com a construção, mas ao relacionar a frequência de tais verbos no *corpus* com a frequência total de aparições, nota-se um número menor do que a frequência esperada e, portanto, conclui-se que são repelidos, de acordo com a proposta adotada.

Questões que podem ser levantadas incluem aquelas que indagam se a constituição do *corpus* não seria propícia para a diminuição de ocorrências de um determinado item lexical e que, contrariando os resultados, a alta frequência com que, ainda assim, aparecem com a

construção seria um indício da força de atração e uma marca de quão típicos eles são nesse ambiente, ainda que no restante do *corpus* eles ocorram menos vezes do que se esperaria.

Acredita-se, entretanto, que em cenários com um número maior de ocorrências, nos quais os dados são amplos e compreendem uma variedade de gêneros textuais, diminui-se a probabilidade de dados enviesados pelo uso de um *corpus* específico e, desse modo, os resultados obtidos por meio da Análise Colostrucional passam a ser relevantes e confiáveis.

Nesse sentido, os dados apresentados acima não permitem observar uma quantidade exaustiva de dados e de informações que remetam ao uso real e, portanto, buscando manter a integridade científica desta pesquisa, optou-se por apresentar uma alternativa de análise, com as devidas justificativas que explicam a mudança no projeto inicial, momento em que não se tinha uma visão clara de como seria o *corpus* final e que se considerava que a Análise Colostrucional forneceria os resultados mais relevantes.

Seguindo a proposta de Bybee (2010), abaixo apresenta-se uma tabela com a frequência geral de verbos mais recorrentes com a construção para o padrão em descrição nesta seção.

Tabela 8 - Vinte verbos mais frequentes no padrão [SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo

VERBO	FREQUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO	FREQUÊNCIA NO CORPUS
SER	258	746
TER	196	473
SABER	89	160
HAVER	46	59
DAR	33	59
ESTAR	25	63
EXISTIR	20	28
FAZER	17	149
FALAR	11	81
ENTENDER	9	24
GANHAR	9	22
USAR	7	27
FUNCIÓNAR	7	15
IR	6	138
FICAR	6	64
COLOCAR	6	13
CONSEGUIR	5	48
DEIXAR	5	25
PAGAR	5	24
VALER	5	13
CONHECER	5	11

Fonte: Elaboração Própria.

À primeira vista, talvez uma das informações que mais parece chamar a atenção é a recorrência dos verbos mais frequentes, muitos dos quais já haviam aparecido nas discussões sobre outros padrões morfossintáticos da construção e na análise colexêmica apresentada. Esse dado pode ser um indicativo de que, apesar de variações no método adotado, os verbos mais recorrentes da construção são, de modo geral, os mesmos. Isso pode levar à conclusão de que a construção se apresenta dentro de um domínio semântico que geralmente atrai certos verbos, especialmente aqueles relacionados a: capacidade, permissão e conhecimento, pois esses dados são consistentes em todos os cenários apresentados até aqui.

Uma segunda informação que pode ser observada é que, ao analisar a semântica de lamentação presente na construção, em que o falante expressa o desejo de que uma determinada situação fosse real, embora não seja, os verbos mais fortemente associados a essa construção, quando empregados no imperfeito do subjuntivo, são, de maneira clara e característica, indicativos desse sentimento de lamentação, como nos exemplos (37), (38), (39), (40) e (41):

(37) “User” Se ao menos eu tivesse sono (CORPUS DE TWEETS)

(38) Eu tenho print de todos os textos, todos os tweet e todas declarações q vc fez **se ao menos algo ali fosse verdadeiro** (CORPUS DE TWEETS)

(39) Se ao menos el* soubesse como isso me dx mal (CORPUS DE TWEETS)

(40) Aí olha eu queria tanto entender essa exclusão familiar... **se ao menos houvesse um motivo** ❤️ (CORPUS DE TWEETS)

(41) “User” Se ao menos a carteirinha do conselho me desse ½ entrada... (CORPUS DE TWEETS)

Para os exemplos acima, se verifica usos dos cinco verbos mais frequentes, de acordo com a tabela 8. Em todos eles, as semânticas de lamentação e de desejo de que algo fosse diferente emergem fortemente, deixando, em segundo plano, a semântica condicional, como discutido em Comarim e Hirata-Vale (2023).

Em (37), o falante deseja ter sono, enquanto em (38), o falante deseja que algo feito no passado, por outra pessoa, fosse verdadeiro. Em (39), o falante espera que alguém saiba como algo o deixa mal. Em (40) há a expectativa de que houvesse um motivo para a exclusão familiar e, por fim, em (41), a pessoa gostaria que a carteirinha do conselho garantisse o desconto da meia-entrada.

Os verbos TER e SER são recorrentes para formar cenários hipotéticos referentes a estados de *ser* ou de *posse*. Já o verbo SABER expressa o desejo ou dúvida sobre um *conhecimento*, ou seja, o falante pode até ter esse conhecimento, mas o uso do imperfeito do subjuntivo reflete a ausência ou falta de consciência de que esse conhecimento já existe. O verbo HAVER pode significar a ausência de algo, por exemplo em (40). Finalmente, o verbo DAR pode expressar a não ocorrência de situações ou ações que envolvem a concessão de algo (41).

A tabela 8 evidencia que os verbos constantes nas três primeiras posições apresentam uma recorrência muito alta no *corpus*, sendo responsáveis por 43% dos exemplos desse padrão morfossintático no *corpus*. Em outras palavras, ainda que 167 verbos tenham preenchido esse *slot*, TER, SER e SABER estão em quase metade do *corpus*. Aliada às demais descrições realizadas neste trabalho, parece seguro afirmar que esses verbos são muito característicos da construção, apresentando uma alta produtividade também em seu sentido pleno.

A semântica de desejos que escapam ao controle do falante, combinada à lamentação de que a realidade poderia ser diferente, uma característica já tratada em diversos estudos sobre a construção, parece ser bem explícita nesses verbos. Quando utilizados no imperfeito do subjuntivo, eles expressam a ideia de que alguém *não possui* algo, *não é* algo ou *não sabe* algo, mas *deseja* que as circunstâncias fossem diferentes.

Adiante, novas análises serão exploradas e, por meio delas, será possível observar como os verbos que são frequentes nas discussões apresentadas até aqui são plausíveis diante das semânticas em discussão.

Com as análises descritas nesta seção, foi possível observar como aspectos formais estão alinhados a semânticas levemente diferentes entre os subtipos, porém sempre mantendo a semântica geral do uso da construção com [SE AO MENOS X]. Esses usos serão relacionados ao trabalho de D’Hertefeldt (2015) a fim de averiguar a aplicação das propostas da autora ao português brasileiro. Além disso, vai-se discutir que as semânticas dos subtipos descritos por ela não são os únicos.

Na próxima seção, será realizada a verificação da validade do pareamento entre esses padrões morfossintáticos e as semânticas que eles evocam, com relação aos subtipos já propostos na literatura. Além disso, será feita a descrição de usos que se distanciam de muitos dos pontos considerados centrais para a construção. Os usos irônicos, que também serão discutidos a seguir, referem-se a situações que já são reais, mas em que o falante expressa seu desejo como se não tivesse consciência de que se trata de uma realidade, apesar de ter plena ciência de que são desejos já concretizados.

6.4 CLASSIFICAÇÃO DOS PADRÕES CONSTRUCIONAIS

6.4.1 Verificação da validade da descrição de D’Hertefelt (2015) para o português brasileiro

D’Hertefelt (2015), em seu trabalho descrito na seção 4.1, propõe que as construções insubordinadas do tipo [SE AO MENOS X], para as línguas germânicas, sejam classificadas em três subtipos: *irrealis*, potencial e contrafactual.

Como discutido, essa divisão se baseia em distinções tanto na forma quanto no significado da construção. A autora argumenta que as construções do subtipo **potencial** refletem desejos que já são reais (mas que o falante desconhece) ou que podem se concretizar em um futuro próximo. Esse subtipo é morfossintaticamente marcado pelo uso do presente do indicativo. O subtipo *irrealis* expressa desejos que poderiam se tornar realidade, embora sejam improváveis. Ele é formalmente indicado pelo uso do verbo no passado. Por fim, o subtipo **contrafactual** refere-se a desejos impossíveis de se realizar, sendo, portanto, expressos pelo verbo no passado combinado com outro verbo no particípio passado.

D’Hertefelt (2015) ressalta em seu trabalho que nem todos os subtipos são encontrados em todas as línguas analisadas e, buscando verificar a validade dessa classificação para o português brasileiro, foi realizada uma análise formal e distribucional dos usos encontrados no *corpus* adotado aqui. Na tabela seguinte, apresentam-se os padrões morfossintáticos encontrados por D’Hertefelt (2015) e os do PB:

Tabela 9 - Padrões morfossintáticos encontrados com o estudo de D’Hertefelt (2015) e no PB

Padrões encontrados por D’Hertefelt (2015) para línguas germânicas	Padrões encontrados por este estudo para o PB
[IF ONLY] + present (indicative)	[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + infinitivo
[IF ONLY] + past	[SE AO MENOS] + pretérito imperfeito do subjuntivo composto
[IF ONLY] + past perfect	[SE AO MENOS] + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo
	[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo
	[SE AO MENOS] + voz passiva analítica

Fonte: Elaboração Própria.

A observação da tabela permite concluir que, para o PB, cinco padrões morfossintáticos foram atestados, enquanto no trabalho de D’Hertefelt (2015) evidenciou-se a presença dos três padrões. Além disso, para o português brasileiro, o uso do imperfeito do subjuntivo está presente em todas as ocorrências, enquanto D’Hertefelt (2015) apresenta usos como:

(42) If only he **comes** home. (D’Hertefelt, 2015; p. 80)

O exemplo acima, categorizado como **potencial** pela autora, reflete uma situação que pode se tornar real ou que já é real (sem o conhecimento do falante). Esse uso, entretanto, não ocorre no PB, ao menos não no *corpus* em análise, como se discutiu em outro momento.

A recorrência do imperfeito do subjuntivo é coerente com a semântica que se argumenta ser expressa pela construção, afinal, o imperfeito do subjuntivo é usado para expressar um grau de incerteza, subjetividade ou possibilidade em relação a um fato ou ação. Ao contrário do indicativo, que expressa fatos ou certezas, o subjuntivo indica algo que depende de uma condição, é desejado, ou é irreal. Isso o torna essencial em situações de hipóteses, condições, desejos e ações não realizadas.

As diferenças entre os padrões morfossintáticos não indicam, necessariamente, que para o PB não sejam encontrados os subtipos mencionados por D’Hertefelt (2015), mas sim que eles podem estar marcados por outras configurações, dentre aquelas elencadas acima e outras que não foram captadas pelo *corpus* e, provavelmente, são menos produtivas no PB.

A partir dos dados do *corpus*, realizou-se uma análise que buscou averiguar quais dos subtipos podem ser encontrados no PB e como eles são marcados formalmente. Os critérios de avaliação foram: **i)** o desejo já pode ter sido realizado, mesmo que o falante não saiba; **ii)** o desejo é improvável, mas não há indícios de que seja impossível e **iii)** o desejo é fisicamente impossível. Cada critério foi pensado para delimitar melhor as ocorrências dentro dos subtipos.

Por se tratar de uma classificação complexa e que em muitos casos a diferenciação entre os subtipos é muito sutil, adotou-se o termo “fisicamente impossível” como um critério usado para determinar as construções contrafactuais. Isso se deu pois, em alguns casos, um uso pode ser considerado impossível por muitas pessoas, mas na verdade ele é improvável, afinal nada impede, de fato, a sua realização.

Para isso, pode-se pensar em um determinado falante X que desenha extremamente mal e exprime a construção “Se ao menos eu soubesse desenhar...”, ocorrência que apareceu diversas vezes no *corpus*. Nesse caso, pode parecer impossível que X aprenda a desenhar, afinal ele desenha muito mal. Entretanto, não há nada, *a priori*, que impeça a aquisição desse conhecimento através de aulas e dedicação. Considera-se, portanto, que a realização é improvável, mas não impossível.

Pensando novamente na mesma situação e no mesmo falante X com dificuldades de desenho, porém em um outro cenário em que ele comenta “Se ao menos eu tivesse aprendido a desenhar quando era criança...”. Nesse segundo uso, não se trata mais de um desejo realizável, pois o tempo já passou, o falante não aprendeu a desenhar naquele momento e, portanto, não poderá, fisicamente, voltar no tempo e aprender essa habilidade naquele momento específico. A lamentação e o desejo de que as coisas fossem diferentes residem, desse modo, em pontos diferentes. No primeiro exemplo, o falante lamenta não saber desenhar, enquanto no segundo exemplo, ele lamenta não ter aprendido a desenhar naquele período de sua vida.

Com base nos dados da análise apresentados, a frequência do uso do imperfeito do subjuntivo no *corpus* leva à hipótese de que não há ocorrências que permitam classificar usos como **potenciais**, conforme definido por D'Hertefelt (2015). O emprego do imperfeito do subjuntivo implica a interpretação de um desejo que se distorce da realidade, indicando algo não realizado e refletindo um cenário idealizado pelo falante, mas não real.

Por outro lado, parece ser possível pensar que as ocorrências no PB se dividem entre aquelas que expressam desejos *irrealis* (43), (44) e (45), e **contrafactuais** (46).

(43) “User” Se ao menos fosse bonito (CORPUS DE TWEETS)

(44) Que saco se ao menos eu ja tivesse trabalhando (CORPUS DE TWEETS)

(45) “User” “User” Se ao menos soubesse fazer contas (CORPUS DE TWEETS)

(46) Se ao menos tivesse ouvido quem me avisou sobre ti... (CORPUS DE TWEETS)

Em todas as frases, o uso do subjuntivo destaca a irrealidade ou a impossibilidade de concretizar o que é desejado, criticado ou lamentado, seja no presente ou no passado. No caso de (43), (44) e (45), o pretérito imperfeito do subjuntivo é empregado para transmitir um desejo ou crítica de algo que não corresponde à realidade atual, indicando a preferência e a expectativa de que as condições fossem diferentes (ser bonito; estar trabalhando ou saber fazer contas). Já em (46), o uso do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo reflete arrependimentos ou situações passadas não concretizadas, em que a ação não aconteceu e agora não pode ser alterada.

Ainda que a tendência forneça indicativos que apontem para a generalização de que o uso do **pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo** seja uma marca dos usos **contrafactuais** no PB, e os demais usos sejam indicativos dos *irrealis*, variando apenas no tempo a que se refere o desejo (presente, passado ou uma ideia de continuidade), ocorrências com o verbo PODER, colocam em análise a modalidade deôntica e tornam, para alguns casos, a interpretação do desejo como impossível fisicamente, ainda que o padrão seja **[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + infinitivo**, como em (47):

(47) **Ah se ao menos alguém pudesse te avisar pra ficar na cama quietinha hoje, curtir o dia e o fim de semana com o Léo**, não consigo acreditar sabe, não dá (link) (CORPUS DE TWEETS)

A ocorrência acima, comentando sobre a morte da cantora sertaneja Marília Mendonça, expressa um desejo de voltar ao passado, mas o faz empregando o verbo **PODER** imperfeito do subjuntivo + **infinitivo**.

De modo semelhante, também não parece ser possível generalizar o uso do padrão [SE AO MENOS] + [V1 imperfeito do subjuntivo] + [V2 participio] como categórico do subtipo **contrafactual**, pois quando essa estrutura geral representa o uso da voz passiva analítica, a interpretação de que se trata de um desejo fisicamente impossível de ser realizado se perde, como é o caso do exemplo em (20), retomado aqui como (48):

(48) “User” se ao menos eu fosse paga 😬😬 (CORPUS DE TWEETS)

No exemplo acima, a pessoa por trás do *tweet* deseja ser paga por algo. Diferentemente de quando o verbo utilizado é o TER, em que o desejo passa a se referir necessariamente ao passado, tornando-o irreversível e com carga semântica de lamentação, no caso acima é possível que o desejo se torne realidade em algum momento, pois não há nada que impeça um eventual pagamento da pessoa. Nesse caso, tem-se o uso do padrão [SE AO MENOS] + voz passiva analítica, configurando um desejo improvável e, portanto, *irrealis*.

Desse modo, uma sumarização possível de todos os empregos encontrados para o PB e como eles se relacionam em termos de realizabilidade dos desejos pode ser observada na Tabela 10:

Tabela 10 - Relação entre os padrões morfosintáticos, os subtipos e exemplos desses usos para o PB

SUBTIPO	PADRÃO MORFOSSINTÁTICO	EXEMPLO
<i>irrealis</i>	[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + infinitivo	“User” “User” Se ao menos soubesse fazer contas
	[SE AO MENOS] + pretérito imperfeito do subjuntivo composto	Que saco se ao menos eu ja tivesse trabalhando
	[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo	“User” Se ao menos fosse bonito
	[SE AO MENOS] + voz passiva analítica	“User” Educação Ambiental 🌍 Se ao menos fosse uma semente plantada cada vez que ouvisse isso"
contrafactual	[SE AO MENOS] + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo	Se ao menos tivesse ouvido quem me avisou sobre ti...

	<p>[SE AO MENOS] + PODER</p> <p>imperfeito do subjuntivo + infinitivo</p>	<p>Ah se ao menos alguém pudesse te avisar pra ficar na cama quietinha hoje, curtir o dia e o fim de semana com o Léo, não consigo acreditar sabe, não dá</p>
--	---	---

Fonte: Elaboração Própria.

As indicações presentes na tabela, bem como os exemplos replicados ao lado para facilitar a verificação, demonstram que todos os desejos se relacionam a uma situação que não condiz com a realidade. Além disso, os desejos parecem se dividir entre improváveis (*irrealis*) e impossíveis (contrafactuais).

Há que se ressaltar, entretanto, que o verbo PODER, quando aparece em um padrão associado a desejos improváveis ([SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + infinitivo), transforma o sentido para impossível.

Na próxima subseção, propõe-se uma discussão que mostrará como os dados descritos até aqui podem ser correlacionados por meio de análises estatísticas.

6.4.2 Investigações de correlações entre padrões morfossintáticos, realizabilidade e traços semânticos

Nesta seção, partindo das conclusões da seção anterior, pretende-se analisar as possíveis correlações estabelecidas entre os padrões morfossintáticos, a realizabilidade e os traços semânticos. Para que tal análise fosse desenvolvida, procedeu-se da seguinte maneira:

- I) O *corpus* completo foi numerado, sem as ocorrências irônicas;
- II) Essa numeração foi transposta para uma planilha no Microsoft Office Excel e, então, duas outras colunas foram adicionadas: a primeira relativa à realizabilidade e a segunda aos traços semânticos;
- III) A classificação quanto à realizabilidade foi feita de modo binário. Adotou-se 1 para as ocorrências possíveis de serem realizadas e 0 para as completamente impossíveis;
- IV) Para a classificação de traços semânticos foram adotados apenas três traços que se considerou serem centrais para uma possível categorização do objeto estudado, sendo eles: desejo, crítica e lamentação.

A opção pela análise da realizabilidade se deu pelo fato de se almejar a elaboração de um gráfico contemplando cada um dos quatro padrões morfossintáticos, de modo em que

quanto mais próximo o valor estivesse de 1, mais realizável eram os desejos expressos por esse padrão e, conseqüentemente, quanto mais próximos de 0, mais impossíveis. Para isso considerou-se, também, que mesmo dentro de um subtipo específico, o grau de realizabilidade pode variar.

Já em relação ao outro critério, ao adotar os traços semânticos [desejo], [crítica] e [lamentação], buscou-se sintetizar traços semânticos gerais que estavam expressos em cada uso da construção. Reconhece-se, porém, que esses traços semânticos não são excludentes, pois em determinadas situações a ocorrência pode expressar, simultaneamente, uma crítica e um desejo ou uma lamentação seguida de crítica. Além disso, entende-se que outros valores também podem ser expressos pela construção, porém buscando traçar certa objetividade na investigação, optou-se por adotar esses três traços e, em todos os casos, buscou-se uma aproximação com um deles para a classificação mais objetiva. Há aqui, também, lacunas a serem exploradas quanto à semântica da construção e os traços expressos.

Para a pesquisa, entende-se que esses traços podem ser pensados da seguinte maneira: os *desejos* apresentam um olhar positivo para a eventual realização do que é expresso, já a *crítica* apresenta uma apreciação negativa de um cenário, com expectativa de mudança e, por fim, a *lamentação* diz respeito a um cenário irreversível, já ocorrido e que se esperava que fosse diferente. Com esses dados, espera-se realizar uma análise que relacione os padrões morfossintáticos com os traços semânticos e, mais ainda, se esses dados dialogam com a (não) realizabilidade do que se expressa pela construção.

É interessante diferenciar aqui a adoção do termo “desejo”. Até aqui, pensou-se sobre ele em termos gerais, ou seja, tudo aquilo que era esperado e que sua eventual realização era vista como esperada foi entendido como desejo. Para os traços semânticos referidos aqui, ainda que em todos eles haja uma expectativa de que um novo cenário preferível seja concretizado, “desejo” é a expressão de uma vontade, sem emitir uma crítica clara a algo ou alguém e nem uma lamentação por algo irreversível. Por meio dos exemplos abaixo, espera-se ser possível evidenciar tal distinção:

(49) “User” se ao menos desse pra comprar vacina pela shopee 🙄
(CORPUS DE TWEETS)

(50) “User” Não vou aderir a essa palhaçada. Não apoio essa Juventude que acha que depredar e derrubar patrimônio histórico e

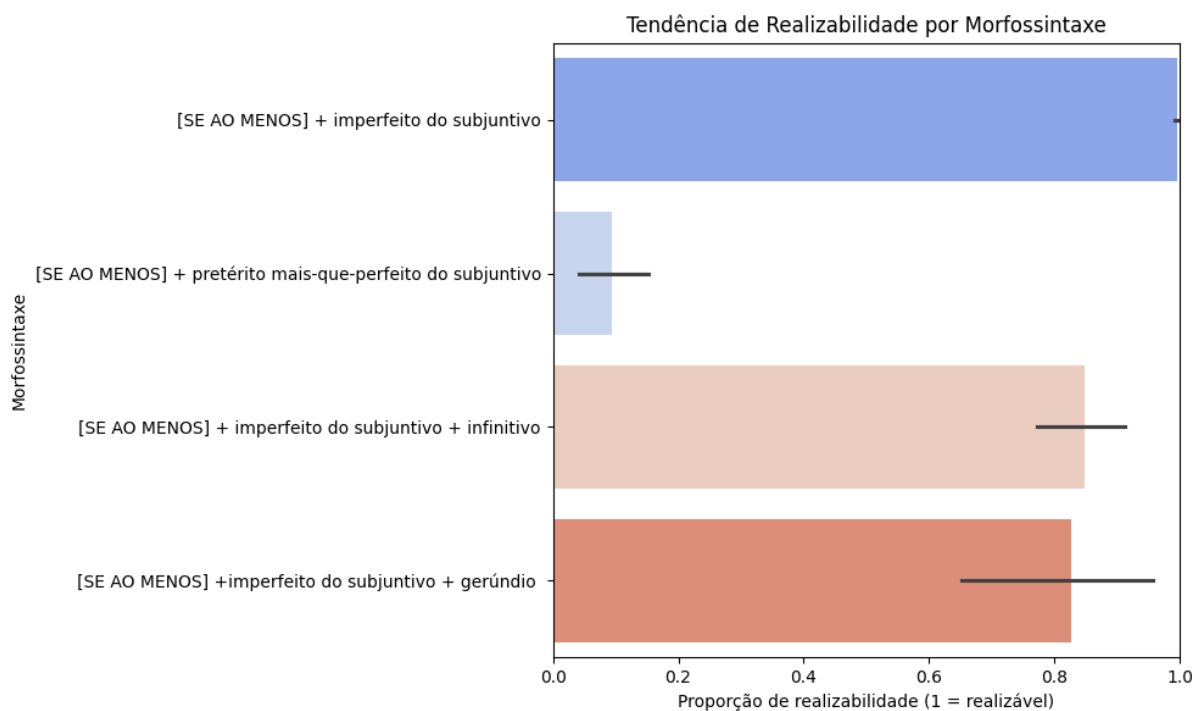
cultural vai reescrever a história mundial. **Se ao menos colocassem algo de relevante no lugar**, mas não. O intuito é destruir porque não tem capacidade para construir (CORPUS DE TWEETS)

(51) Se ao menos o goleiro tivesse defendido aquele último pênalti... (CORPUS DE TWEETS)

No exemplo (49), o falante expressa um desejo de que pudesse comprar a vacina contra Covid-19 no *site* de *e-commerce* Shopee, enquanto em (50) redige uma crítica contra pessoas que depredam o patrimônio público, apontando que destroem o patrimônio, pois não podem construir. Finalmente, em (51), o falante lamenta que certo goleiro não tenha defendido um pênalti, mas não pode reverter essa realidade.

Desse modo, partindo para a análise, pode-se observar o gráfico reproduzido na Figura 7, construído a partir de análises realizadas considerando os dados presentes na planilha. No gráfico, encontra-se uma representação da relação entre a realizabilidade e os padrões morfossintáticos.

Figura 7 - Tendência de Realizabilidade por Morfossintaxe



Fonte: Elaboração Própria.

O gráfico é uma barra horizontal com intervalo de confiança, o que representa uma análise estatística descritiva com estimativa de proporções. No eixo x, é possível observar uma gradação da realizabilidade. Quanto mais próximo de 1.0, mais realizáveis são os desejos expressos por aquele padrão morfossintático. Em contrapartida, quanto mais próximos de 0.0, mais impossível é a sua eventual realização. No eixo y, tem-se os quatro padrões morfossintáticos encontrados no *corpus*. As barras coloridas indicam a média de realizabilidade para cada construção e as linhas pretas representam intervalos de confiança, sugerindo o grau de certeza que se tem sobre essa estimativa com base na amostra analisada.

Quando observamos a proporção de realizabilidade associada a cada padrão morfossintático, nota-se uma divisão clara entre construções que favorecem a interpretação de evento realizável e aquelas que apontam para eventos irrealizáveis ou completamente hipotéticos e contrafactuais.

O padrão **[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo** apresenta uma proporção de realizabilidade praticamente total (1.0), indicando que, mesmo em contextos de crítica ou lamentação, essa forma verbal mantém uma janela para a concretização do evento. Essa flexibilidade interpretativa reforça a produtividade do padrão e sua adaptabilidade a diferentes matizes avaliativos sugerindo, inclusive, que ele seja o uso mais característico da construção.

Em contraste, o uso do **[SE AO MENOS] + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo** associa-se mais fortemente a valores de irrealizabilidade, com proporções de realizabilidade muito baixas (inferiores a 0.1). A forma verbal contribui, nesse caso, para ancorar o enunciado em um passado fechado, em que o evento desejado ou criticado é representado como já não sendo mais passível de alteração. Esse padrão sugere uma leitura retrospectiva marcada por julgamento negativo, lamentação e resignação.

Os padrões **[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + infinitivo** ou o **[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + gerúndio** mostram proporções de realizabilidade intermediárias a altas (entre 0.78 e 1.0). Isso sugere que esses usos verbais permitem uma maior abertura aspectual e modal, acomodando avaliações tanto sobre eventos potenciais quanto sobre ações em progresso ou em suspenso.

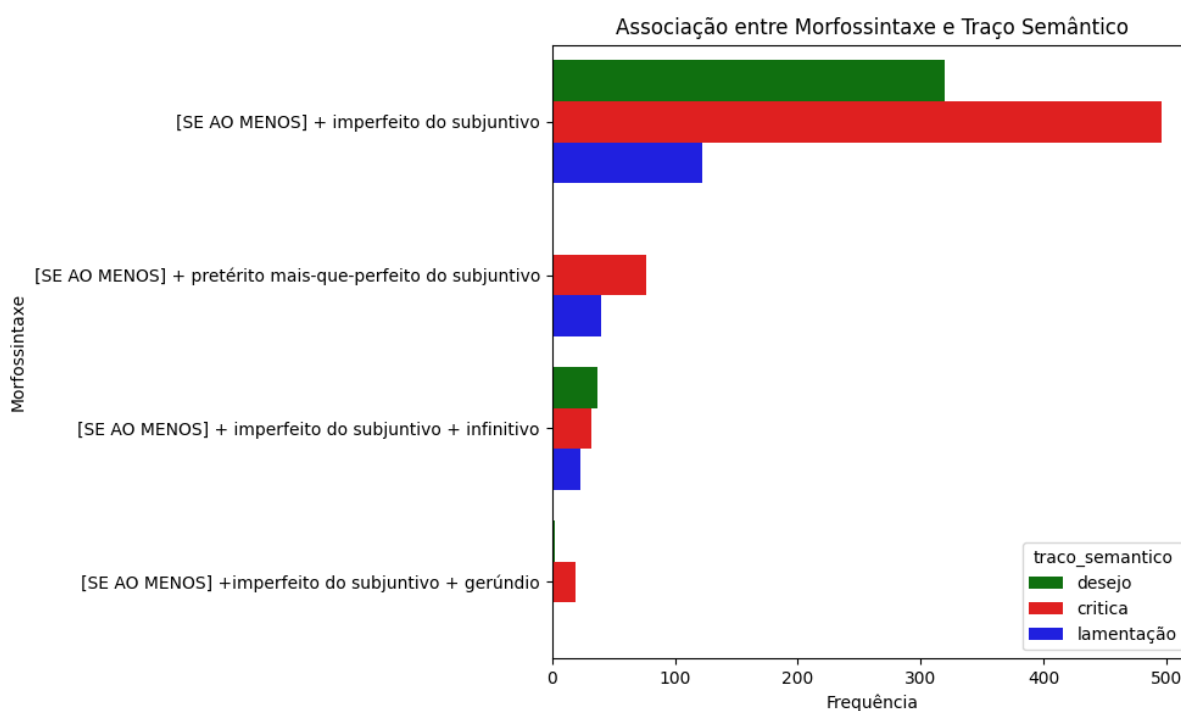
Os resultados obtidos por meio do gráfico de barras na Figura 7 vão ao encontro de tudo aquilo que se buscou argumentar até aqui, ou seja, que os diferentes padrões morfossintáticos refletem diferentes padrões de realizabilidade dos desejos e, portanto, os graus de realizabilidade expressos também tendem a variar, de acordo com os padrões morfossintáticos. Os diferentes níveis de confiabilidade estatística conferidos a cada uma das barras,

representados pelo traço preto, demonstram que, para alguns casos, há espaço para variação diante do contexto, deixando em aberto a possibilidade para investigações com um número mais amplo de dados.

Finalmente, ressalta-se que os números não são absolutos, nem 0.0 e nem 1.0, pois se calcula uma média entre o valor de realizabilidade das ocorrências. Assim, não se trata de padrões fechados e exclusivos e o contexto tem papel fundamental na constituição do sentido de (não) realizabilidade.

Considerando, agora, os traços semânticos expressos pelos diferentes padrões morfossintáticos da construção, o gráfico presente na figura 8 relaciona tais usos:

Figura 8 - Associação entre Morfossintaxe e Traço Semântico



Fonte: Elaboração Própria.

Na figura 8, assim como na Figura 7, os padrões morfossintáticos são representados no eixo y. No eixo x, por sua vez, observa-se a frequência absoluta das ocorrências e, por meio de preenchimentos coloridos diferentes, cada um dos traços semânticos categorizados. Verde para desejo, vermelho para crítica e azul para lamentação.

A associação entre os diferentes padrões morfossintáticos da construção [SE AO MENOS X] e os traços semânticos atribuídos às ocorrências (desejo, crítica e lamentação) revela uma relação sistemática entre forma e conteúdo avaliativo. Como mostra o gráfico na

Figura 7, na combinação **[SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo** os três traços semânticos analisados são bastante frequentes. Destaca-se, contudo, a predominância do valor de crítica, seguido de desejo, e em menor proporção, lamentação, o que sugere que se trata, portanto, de um padrão morfossintático altamente produtivo e interpretativamente flexível.

Já o padrão **[SE AO MENOS] + pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo** apresenta distribuição significativamente mais restrita. Ele ocorre predominantemente em contextos de crítica e lamentação, não havendo registros associados ao traço desejo. Esse dado parece indicar que esse tempo verbal impõe uma interpretação retrospectiva e fortemente contrafactual, marcada por valores de avaliação negativa e irreversibilidade. Esse padrão parece estar fortemente ancorado em situações já encerradas, nas quais não há espaço para a realização da ação desejada ou criticada, em consonância com as análises anteriores e com os dados representados no gráfico da Figura 7.

As construções que incluem infinitivo ou gerúndio após o imperfeito do subjuntivo demonstram menor frequência global, mas permitem usos mais distribuídos entre os três traços. A presença do infinitivo parece favorecer interpretações volitivas e críticas, mantendo a referência a um evento ainda possível, ao passo que o uso do gerúndio, embora raro, aparece principalmente em contextos com crítica, sugerindo críticas a cenários em andamento.

Por fim, ao relacionar os dados das três categorias propostas, obtém-se o gráfico representado na Figura 9 adiante. Nela, podem ser observados quatro gráficos referentes a cada um dos padrões morfossintáticos. No eixo y, a proporção de realizabilidade, indo de 0.0 a 1.0, como na Figura 7. No preenchimento das barras, cada cor representa um traço semântico, como na Figura 8. Verde para desejo, vermelho para crítica e azul para lamentação.

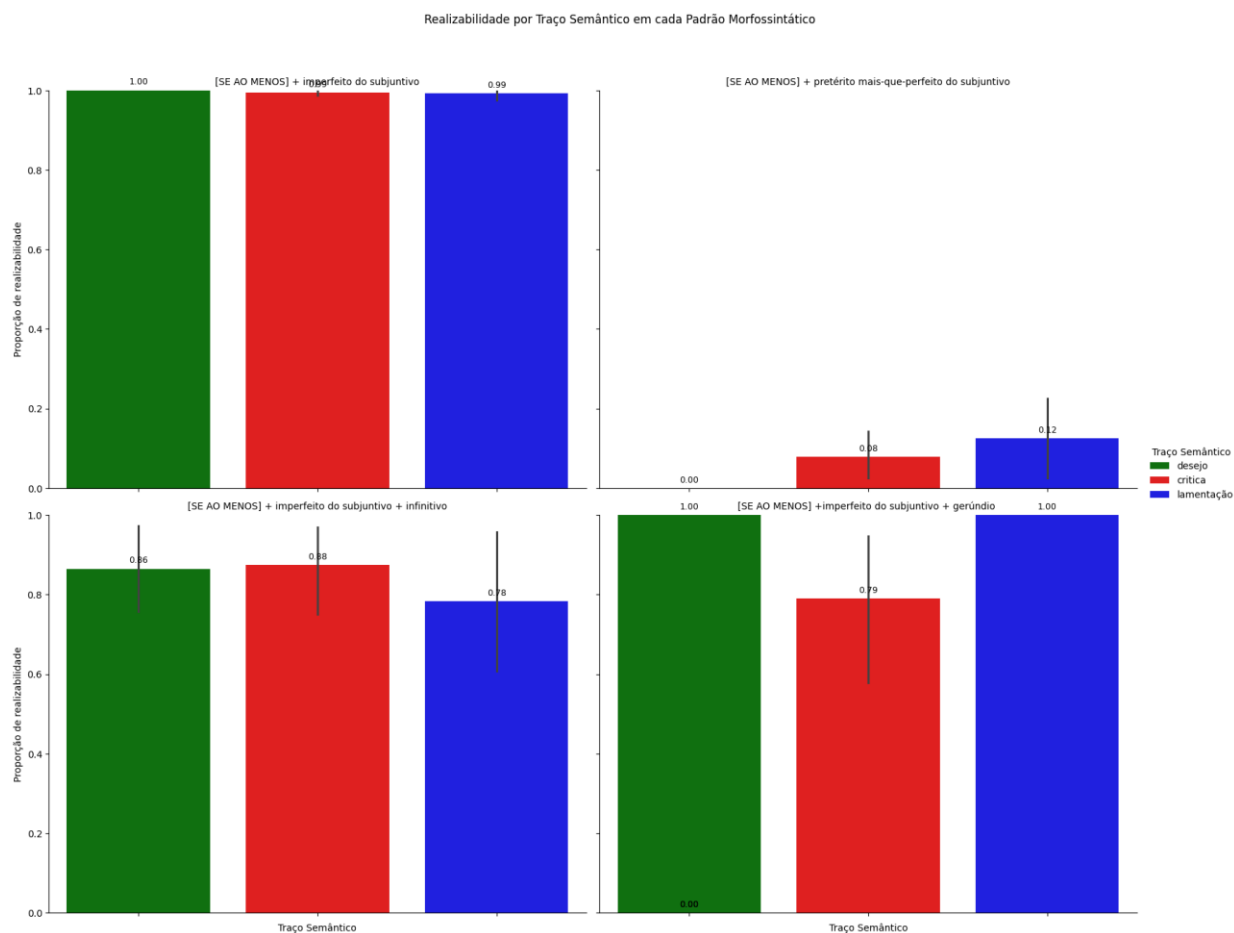
Em resumo, na análise em questão, tem-se um gráfico composto (facetado), combinando uma análise quantitativa da realizabilidade (proporção de 0 a 1), cruzamento de três variáveis, sendo elas o padrão morfossintático (um por painel), o traço semântico (cor) e a realizabilidade (eixo vertical). As barras representam a média e os traços verticais são os intervalos de confiança da proporção estimada.

Fonte: Elaboração Própria.

Fonte: Elaboração Própria.

Fonte: Elaboração Própria.

Figura 9 - Realizabilidade por Traço Semântico em cada Padrão Morfossintático



Fonte: Elaboração Própria.

A análise facetada por traço semântico e padrão morfossintático acima permite observar que a realizabilidade não depende exclusivamente do conteúdo semântico do enunciado (desejo, crítica ou lamentação), mas se relaciona fortemente com a morfossintaxe do padrão verbal.

É possível chegar a tal conclusão, pois o traço [crítica], que poderia sugerir por si só um juízo negativo e, portanto, a não realização do evento, apresenta valores de realizabilidade elevados (próximos a 1.0) quando ocorre com o imperfeito do subjuntivo e com o infinitivo. O mesmo traço, no entanto, tem valores muito baixos de realizabilidade quando ocorre com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo. O mesmo padrão se observa para a lamentação.

Já o traço [desejo], em geral associado à projeção futura e possibilidade, ocorre apenas em padrões de alta realizabilidade, sendo ausente no mais-que-perfeito do subjuntivo. Isso

reforça a hipótese de que há um efeito composicional entre traço semântico e forma verbal, em que certos traços só são compatíveis com padrões morfossintáticos que permitam, ao menos inferencialmente, a realização do evento.

Observando todas as análises e os dados discutidos até aqui, permanece a percepção de que dois dos subtipos propostos por D’Hertefelt (2015) são encontrados no português, o *irrealis* e o contrafactual. Desejos que esperam uma realização no futuro, os potenciais, não apareceram no *corpus* estudado, provavelmente pela recorrência do emprego do imperfeito do subjuntivo. Os gráficos gerados pelas análises de estatística descritiva corroboram essa percepção, ao demonstrarem como se dividem a realizabilidade dos desejos expressos por certos padrões morfossintáticos e como certos traços semânticos característicos da construção se distribuem por esses padrões.

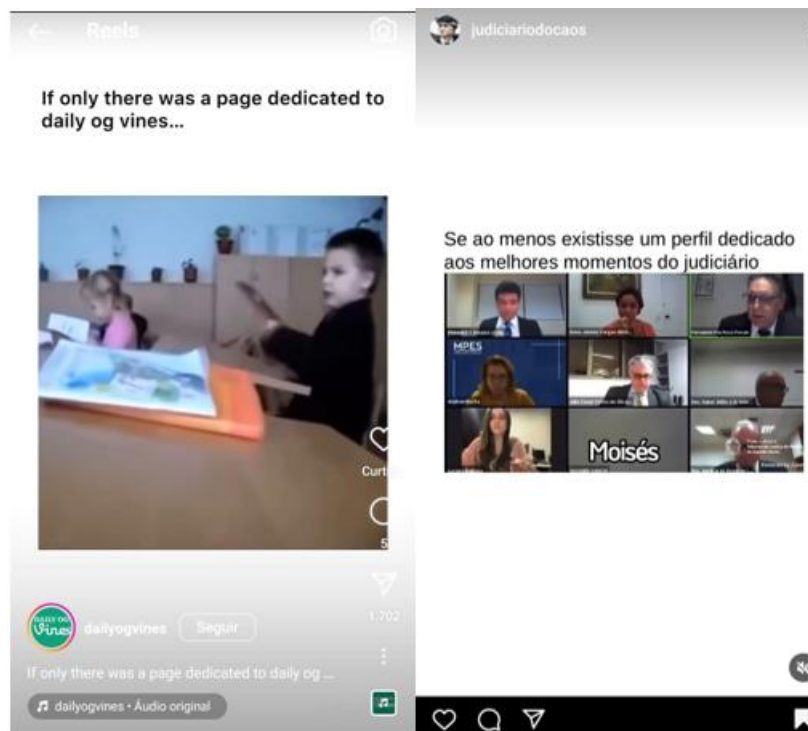
As análises sugerem que a construção subordinada [SE AO MENOS X] com valores desiderativos não constitui uma unidade monolítica, mas um esquema construcional variável, cuja interpretação avaliativa e modal depende de interações sistemáticas entre forma verbal e traço semântico. A forma verbal atua como uma âncora interpretativa fundamental para inferir a realizabilidade, sendo o principal fator de restrição ou abertura para os eventos mencionados. Esse pareamento entre a forma e sua função é característico da proposta da Gramática de Construções Cognitiva (Goldberg, 2006).

6.4.3 Descrição de expedientes utilizados na marcação da ironia

O que se pretende descrever agora não se trata de um subtipo ou de um novo padrão morfossintático pertencente aos desejos expressos por [SE AO MENOS X], como os demais discutidos até aqui, mas sim um emprego distinto da expressão de desejos que reflete uma vontade e uma percepção positiva em relação a um cenário hipotético que ainda não é real. O critério utilizado para separá-lo dos usos que foram descritos e estudados nas seções anteriores foi diferente, pois, ao contrário dos demais, não partiu da forma, mas sim de um valor pragmático, o de ironia.

Esse tipo de valor irônico pode ser atestado, por exemplo, no inglês, além do português:

Figura 10 - Exemplos do uso irônico da CCI com [SE AO MENOS X] no PB e no Inglês



Fonte: Elaboração Própria.

Os usos exemplificados acima apresentam um formato recorrente na rede social Instagram, no qual a postagem (ou *Reel*) contém o texto no formato “se ao menos existisse um perfil/uma página dedicado/a a...” e o conteúdo seguinte pode variar de acordo com o conteúdo principal da página. A própria página que veicula esse tipo de postagem se dedica a realizar postagens dessa categoria, portanto, diferentemente dos usos descritos até aqui, não há a expressão de um desejo sobre algo que não corresponde à realidade.

Na postagem da esquerda, em que se lê “if only there was a page dedicated to daily og vines...” observa-se que, além de o vídeo representar esse tipo de conteúdo, o nome da página também é “dailyogvines”, ou seja, trata-se do conteúdo da página. Novamente, esse uso não expressa um desejo verdadeiro, nos termos descritos até aqui, afinal o falante que expressa esse conteúdo já está ciente de que se trata da realidade.

De maneira semelhante, na postagem da direita se lê “se ao menos existisse um perfil dedicado aos melhores momentos do judiciário” em que a própria postagem e o nome do perfil “judiciariodocaos” já demonstram que o desejo não é real.

Os usos acima não compreendem o *corpus* em análise, afinal são exemplos provenientes do Instagram, mas são usos que, além de recorrentes nas redes sociais, exemplificam muito bem

a discussão que se pretende desenvolver a partir de agora. Retomando para o *corpus* de *tweets*, exemplos claramente irônicos também foram encontrados e levantaram os seguintes questionamentos:

1. Como se evidencia a ironia em um *tweet*?
2. Como esse uso pode ser interpretado diferentemente da expressão desiderativa descrita até aqui e que se argumenta ser o sentido principal das construções insubordinadas com [SE AO MENOS X]?

De maneira geral, o objetivo desta seção é responder a tais perguntas e descrever como a ironia se apresenta. Ressalta-se que alguns usos expressos como desiderativos nas seções anteriores podem ter sido originalmente empregados como irônicos pelo autor do *tweet* sem que pessoas externas à situação estivessem cientes da camada irônica que os envolve, assim como ocorre com outros tipos de ironia, afinal, de acordo com Garmendia (2018), a ironia é fortemente dependente do contexto e de informações compartilhadas para que seja satisfatoriamente apreendida.

Desse modo, para esta análise, só serão discutidos usos evidentemente irônicos e que podem ser acessados por todos ou, ao menos, por pessoas que compartilhem esse conhecimento e reconheçam a ironia. Em alguns casos, a percepção da ironia é bastante datada, como o contexto da pandemia por Covid-19. Em casos do tipo, uma breve explicação relacionada ao momento de coleta dos *tweets* será apresentada para que o sentido irônico possa ser compreendido por todos os leitores, mesmo que não estejam familiarizados com a situação.

Ainda que o objeto a ser descrito esteja presente nas redes sociais, algo extremamente atual, é necessário retornar muitos séculos na história para iniciar essa trajetória de descrição da ironia nessas construções insubordinadas com [SE AO MENOS X].

Na Grécia Antiga, surgiu o termo *ironia* (εἰρωνεία, eirōneía), o qual se referia, segundo Liddell e Scott (1996), à ignorância fingida (ou simulada), uma espécie de dissimulação ensaiada. Esse tipo de ironia pode ser encontrado, por exemplo, no método socrático em que Sócrates fingia um desconhecimento e ia questionando seu oponente com perguntas e mais perguntas, em um cenário em que ele simulava não dominar certo assunto, uma dissimulação.

É nesse cenário que surge o termo “ironia socrática”, que consiste em fingir não saber sobre um assunto. O filósofo grego usava dessa técnica para instigar seus oponentes, pois

através de suas perguntas recorrentes, seus interlocutores podiam lapidar suas ideias, melhorar sua argumentação, e corrigir possíveis inconsistências.

Essa definição não costuma ser a primeira resgatada pelos falantes quando se fala em ironia nos tempos atuais, estando hoje muito mais próxima das ideias de sarcasmo e humor. De todo o modo, é importante ressaltar a polissemia do termo e que são vários os tipos de ironia. Além disso, são diversas as abordagens que buscam entender o uso desse recurso expressivo.

A ironia, por si só, é um tema emblemático e que gera interesse em diversas áreas, afinal, partindo da sua origem e chegando até a contemporaneidade, é possível encontrar estudos em áreas tão diversas quanto antropologia, estudos literários, linguística, psicologia cognitiva, psicologia social, psicologia da linguagem, psicologia clínica, filosofia, estudos culturais e outros.

Restringindo essa breve incursão pelos estudos da ironia ao âmbito da linguística, Sperber e Wilson (2004), ao trabalharem a Teoria da Relevância, por exemplo, mencionam a violação de tal máxima e a busca, realizada pelo falante, por encontrar a relevância, ainda que haja uma discrepância entre o que foi dito e a realidade. Essa é uma das muitas explicações propostas pelos linguistas na tentativa de compreender e descrever o uso da ironia nas línguas.

Algumas das propostas de análise da ironia verbal são a proposta de Grice e a Teoria do Eco. Para Grice, a ironia se trata de uma quebra da máxima da qualidade, já para a Teoria do Eco, uma ironia é a repetição (um eco) de algo que foi dito anteriormente e que, através dessa relação, pode ser interpretada como irônica, como em (52).

(52) Peter: It's a lovely day for a picnic.

They go for a picnic and it rains.

Mary (sarcastically):

It's a lovely day for a picnic, indeed.

(Sperber e Wilson 1986/95: 239)

Peter: É um dia adorável para um piquenique.

Eles vão para um piquenique e chove.

Mary (sarcasticamente):

De fato, é um dia adorável para um piquenique.

Considera-se, com Garmendia (2018), que a ironia se diferencia de outros enunciados, pois “falantes irônicos comunicam conteúdos divergentes (ou até contraditórios) em relação aos significados convencionais das sentenças proferidas ou ao que se comunica ao enunciar essas sentenças de forma não irônica” (Garmendia, 2018. p. 17)³⁰. Ou seja, a ironia verbal, é o ato de dizer algo e significar o seu oposto.

Partindo do entendimento de que a ironia pode ter vários sentidos, a depender da vertente de estudos, Akhtyrskaya (2014), ao trabalhar com expressão de ironia em mídias sociais, propõe uma breve definição dos muitos usos do termo *ironia* e restringe o seu trabalho à ironia linguística. Abaixo apresentam-se as definições elencadas pela autora.

- **Ironia socrática:** ocultação de conhecimento; ignorância;
- **Ironia dramática ou trágica:** visão dupla do que está acontecendo na arte e na vida real. De acordo com Attardo (1994 *apud* Akhtyrskaya, 2014), ironia dramática é quando o leitor do romance ou o espectador do filme sabe mais sobre um personagem fictício do que o próprio personagem;
- **Ironia linguística:** a realização de dois valores lógicos: vocabulário e contexto (forma clássica de ironia);
- **Ironia estrutural:** o uso de um protagonista ingênuo que interpreta eventos de maneira diferente da intenção do autor;
- **Ironia cósmica:** usada para determinar as visões de pessoas que foram severamente enganadas ou despojadas;
- **Ironia romântica:** o escritor força os leitores a compartilhar uma compreensão dupla do que está acontecendo na história.

(adaptado de Akhtyrskaya, 2014)

A ironia é um recurso linguístico que, segundo Freitas et al. (2014), é facilmente percebido por humanos, sem maiores dificuldades interpretativas, com algumas exceções. Para que uma informação seja interpretada como irônica, entretanto, algumas pistas linguísticas são necessárias, sendo a prosódia uma marcação presente na língua falada, por exemplo. Por outro lado, a ironia em textos é algo que não pode ser percebido pela prosódia ou outros recursos

³⁰ Ironic speakers communicate divergent (or even contradictory) contents compared with the conventional meanings of the uttered sentences or with the conventional meanings of the uttered sentences or with what one says when uttering a sentence non-ironically. (Garmendia, 2018. p. 17)

como gestos, olhares ou indicações materiais, mas depende de outros recursos linguísticos para funcionar como pretendido pelo falante.

Se se considera o ponto de vista da Gramática de Construções, em que há o pareamento de forma e função, é de se esperar que marcadores formais possam ser utilizados como pistas para a interpretação irônica, mas não apenas eles. Por natureza, a ironia é altamente dependente do contexto de uso em que está inserida, sendo essa informação extralinguística fundamental para que a ironia funcione. Os marcadores formais são, entretanto, recorrentes nessa marcação, e podem aparecer de muitas maneiras em textos escritos, servindo como gatilhos para despertar esse sentido irônico.

Diante disso, Freitas et al. (2014) tinham como objetivo encontrar marcadores formais que pudessem servir de pistas para que a máquina pudesse compreender determinados usos linguísticos como irônicos. Essa iniciativa é relevante, por exemplo, pois esse arcabouço de conhecimento linguístico pode ser empregado no treinamento de recursos de análise de sentimentos e outros.

Ao buscarem por marcadores formais que seriam característicos de usos irônicos em português no Twitter, o trabalho culminou em uma caracterização que funciona bem para o que se busca com esta dissertação, afinal trata das marcas formais que servem como indicadores de ironia em um uso textual muito específico, a saber, os *tweets*. Por essa razão, parte-se da classificação dos autores, mas não apenas dela, pois outros recursos não descritos por eles apareceram no *corpus* em análise aqui.

No trabalho, os autores, ao investigarem um *corpus* de 2779 *tweets*, chegaram a treze padrões distintos que poderiam funcionar como marcadores de ironia nessa rede social. Esses padrões não são exclusivos da marcação de ironia, mas funcionam como indícios para que as máquinas sejam capazes de perceber a elevada possibilidade de que aquela porção textual está veiculando um sentido irônico.

Freitas et al. (2013) identificaram usos que também apareceram no *corpus* analisado aqui, como: (i) expressões de risada, (ii) emojis, (iii) pontuação em excesso e (iv) aspas. Outros usos identificados pelos autores não foram atestados neste *corpus* e, além dos mencionados, outros padrões foram considerados como irônicos neste trabalho, mas não configuram nenhum dos padrões mencionados em Freitas et al. (2013), como se discutirá a seguir.

Considerando, portanto, a singularidade na expressão da ironia em cada caso, pretende-se estabelecer uma generalização de alguns dos indícios mais recorrentes no *corpus* em estudo.

Visando sintetizar os diferentes tipos de marcações irônicas encontradas neste trabalho, optou-se por utilizar a nomenclatura de marcadores linguísticos, paralinguísticos e contextuais.

Para este trabalho, os marcadores linguísticos são aqueles marcados verbalmente, como construções (“né?”, “não, espera!”, “só que não”, etc.), enquanto os marcadores paralinguísticos são de outra natureza, mas se fazem visualmente presentes no texto (emojis, pontuação em excesso, onomatopeias etc.). Finalmente, marcadores contextuais são aqueles que estabelecem uma relação com o contexto de uso, seja um contexto momentâneo, seja um contexto amplo ou histórico.

Partindo para a descrição dos expedientes encontrados para a expressão da ironia, a ocorrência seguinte apresenta um claro sentido irônico:

(53) “User” se ao menos alguém já tivesse inventado o ifood.....
(CORPUS DE TWEETS)

O uso em (53) pode ser interpretado como irônico ao se mobilizar três recursos envolvidos na expressão da ironia:

- i) conhecimento compartilhado: dada a fama da empresa iFood, os ouvintes facilmente resgatam a informação de que ela já existe → obrigatório;
- ii) entidade nomeada: ao mencionar o nome da empresa, deixa-se implícito que ela já existe → obrigatório;
- iii) repetição excessiva de pontuação, como descrito no trabalho de Freitas et al. (2014) → opcional.

O uso de uma entidade nomeada para expressar ironia, ou seja, a referência a um termo ou grupo de palavras que alude a uma pessoa, lugar, organização, data, valor numérico ou outra categoria de informação específica e identificável, não está explicitamente descrito no trabalho de Freitas et al (2014), mas para o *corpus* em análise nesta dissertação é altamente recorrente, como em (54), (55) e (56).

(54) “User” “User” Se ao menos tivéssemos um professor de direito e ex-ministro da educação no segundo turno em 2018, **né, Vera?**
(CORPUS DE TWEETS)

(55) Se ao menos ele fosse presidente, **né amigos?**

- . Não fez nada;
- . Brigou com quem fazia ao menos o mínimo;
- . Fez um rodízio no min. da saúde para preservar interesses pessoais;
- . Ridicularizou várias vezes as pessoas com covid;
- . Negou a gravidade da doença. (CORPUS DE TWEETS)

(56) “User” “User” se ao menos a nossa escolha não tivesse sido muito difícil **né Miriam?** (CORPUS DE TWEETS)

Essa interlocução ou *tag question* com “né + entidade nomeada” é extremamente produtiva no *corpus* e constitui uma das marcas características para a expressão de ironia por meio de *tweets*. Em todas as ocorrências acima, ao se mobilizar um conhecimento compartilhado previamente adquirido entre os envolvidos e associá-lo a uma *tag question* nos moldes apresentados, constrói-se um claro teor irônico no uso da construção. Ocorrências no *corpus* sem a entidade nomeada, mas com a permanência da *tag question* com o “né?” também parecem funcionar como expressão de ironia, como em (57):

(57) Se ao menos alguém tivesse avisado lá em 2018 que ele era um incompetente, mal caráter e mal intencionado **né**. (CORPUS DE TWEETS)

Na ocorrência em (53) a ironia pode ser percebida graças ao contexto e, também, à repetição da pontuação, ou seja, um marcador paralinguístico. Nas ocorrências (54), (55), (56) e (57), o emprego da *tag question* e/ou da entidade nomeada, para além do contexto, refletem o uso de marcadores linguísticos.

Na ausência da *tag question*, alguns usos parecem perder força no seu sentido irônico, porém a ironia ainda se mantém, graças ao conhecimento compartilhado sobre o seu conteúdo. Essa combinação de mais de um marcador de ironia parece ser um recurso amplamente utilizado, como em (58).

No exemplo abaixo, apesar de se tratar de uma sentença relativamente curta, quatro indicadores contribuem para o surgimento do sentido da ironia, sendo eles: (i) interlocução direta, (ii) *tag question* com “né”, (iii) emoji (u.u) e (iv) marcação de risada. Além disso, o conhecimento compartilhado é sempre determinante.

(58) “User” Se ao menos **vc(i)** merecesse **né(ii)** **u.u(iii)**
kkkkkkkkkkkkkk(iv) (CORPUS DE TWEETS)

O conhecimento compartilhado ocorre em todos os casos, afinal é central na expressão da ironia. Em alguns usos, como se discutiu acima, ele aparece associado a outros marcadores que contribuem para esse sentido, em outros, entretanto, é o único recurso mobilizado na expressão e compreensão do sentido irônico, como em (59):

(59) “User” Se ao menos outros lugares do mundo já tivessem tomado a mesma decisão (com uma porcentagem ainda maior de população vacinada) para vermos o que está acontecendo por lá (CORPUS DE TWEETS)

O contexto de produção dos *tweets* é fundamental na interpretação da ironia. O momento da coleta dos *tweets* foi no final de 2021, período em que a pandemia por Covid-19 configurava o principal tópico no cenário global, o recém início da vacinação em muitos países, inclusive no Brasil, e os crescentes questionamentos quanto à eficácia da vacina e sua segurança permitem compreender a produção do *tweet* acima e sua carga irônica.

Outro mecanismo utilizado para evidenciar a ironia nas CCIs com [SE AO MENOS X] é o uso de marcadores paralinguísticos como os emojis, algo também notado no trabalho de Freitas et al. (2014). As ocorrências em (60), (61) e (62) utilizam emojis como marcadores de ironia.

(60) “User” “User” “User” “User” Se ao menos tivesse uma marca boa o suficiente pra fazer isso... 🙄🙄🙄 (CORPUS DE TWEETS)

(61) “User” “User” se ao menos vc tivesse falado "bts olhe seus fãs" na sua timeline e não quotando a anne né 🙄🙄🙄 (CORPUS DE TWEETS)

(62) “User” se ao menos alguém tivesse indicado essa série pra você todo mês nos últimos 5 anos 🤪 (CORPUS DE TWEETS)

Assim como em casos anteriores, há mais de uma marcação como indicativa da ironia, como o excesso de pontuação e emojis em (60), a *tag question* em (61) e a interlocução e uso de emojis em (62). Quanto aos emojis, parece não haver uma marcação clara de quais devem ser usados, pois é possível perceber uma grande variedade de usos, como nos exemplos em que o emoji utilizado é diferente em cada ocorrência.

Outros padrões encontrados foram frases fixas como “não, pera”, “não, espera”, “oh wait” e semelhantes. Esses padrões, apresentados no final de uma CCI com [SE AO MENOS X] contribuíram no sentido de ironia, como em (63), (64), (65) e (66).

(63) “User” “User” “User” Se ao menos isso tivesse sido decidido pelo Governo Sócrates... **ai, espera..** (CORPUS DE TWEETS)

(64) Se ao menos o ataque às torres tivesse sido em 2001. **Ah espera...** (link) (CORPUS DE TWEETS)

(65) “User” Se ao menos tivéssemos alguém melhor que ele no banco.. **Não, pera.** (CORPUS DE TWEETS)

(66) "Roubadas". O termo certo seria "redistribuídas", né. Se ao menos os funcionários tivessem armas pra se proteger! **Oh wait** (link) (CORPUS DE TWEETS)

A repetição de um mesmo item lexical ou construção dentro da frase também é um recurso recorrentemente empregado na expressão da ironia nas construções estudadas aqui. O exemplo (67) apresenta tal uso:

(67) **Ora, ora, ora, ora, ora...** Se ao menos alguém tivesse avisado, puxa vida (CORPUS DE TWEETS)

Finalmente, a interjeição também é um marcador linguístico mobilizado nessa situação para expressar ironia, como em (68) e (69):

(68) “User” **Ai** se ao menos alguém tivesse áudio para revelar né
(CORPUS DE TWEETS)

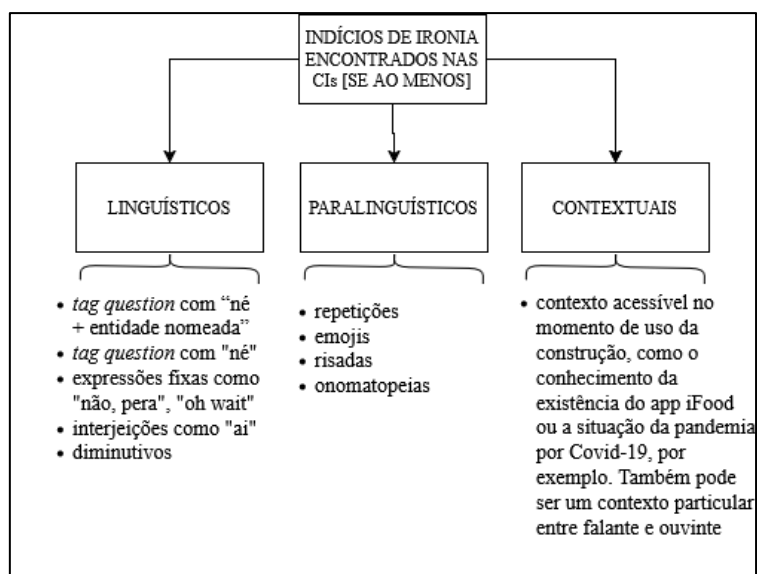
(69) “User” **poxa vida**, se ao menos ele fosse o presidente (CORPUS DE TWEETS)

Muitos outros recursos paralinguísticos e contextuais podem ser combinados para compor a ironia nas construções insubordinadas com [SE AO MENOS X], como diminutivos (70) e onomatopeias que, apesar de não estarem presentes no *corpus* analisado, já foram atestadas em um *corpus* mais amplo (Comarim, 2023).

(70) User” **Bolsinho** Paz e Amor kkkkkkkkkkkk
Quem diria que a mídia tradicional, vendo a terceira via morta, iria meter essa, hein?
Mas quem poderia imaginar, não é mesmo?
Se ao menos, alguém tivesse avisado..." (CORPUS DE TWEETS)

É possível concluir, por meio da discussão proposta nesta seção, que a ironia está presente de maneira recorrente nos usos das construções insubordinadas com [SE AO MENOS X], sendo uma importante camada de sentido da construção que não havia sido descrita na literatura ainda. O que se pretendeu com essa descrição foi a percepção de alguns dos recursos formais mais frequentemente usados na construção desse sentido irônico, demonstrando marcas formais que servem como pistas de um pareamento de forma e função, como se discute na Gramática de Construções. Dentre as possibilidades de marcação da ironia, destacam-se os recursos linguísticos, paralinguísticos e contextuais, como apresentados na Figura 11:

Figura 11 - Indícios formais de ironia encontrados nas CIs com [SE AO MENOS X]



Fonte: Elaboração Própria.

Essas marcações que podem sinalizar a ironia parecem ser tão amplas quanto as possibilidades criativas dos usuários da rede social e dos recursos presentes para a construção dos *tweets*, não se excluindo a possibilidade de uso de imagens e *gifs*, que não foram recuperados para este trabalho.

O *corpus*, como já apresentado em outros momentos, reflete um recorte, mas os usos podem ir muito além do que está descrito aqui, portanto padrões como os apresentados em Freitas et al (2014) e Akhtyrskya (2014) serviram como bons indicadores para a classificação, mas outros padrões foram apresentados graças ao *corpus* em análise e se reconhece que padrões descritos em muitos outros trabalhos sobre a expressão de ironia em textos poderão preencher o *slot* da relação irônica proposta acima.

Por ora, encerra-se a descrição de todos os subtipos encontrados no *corpus*, como essa estrutura se apresenta, os verbos que coocorrem em cada padrão e como contribuem para a semântica geral do uso das construções insubordinadas com [SE AO MENOS X], os *clusters* semânticos que foram possibilitados, bem como a análise de verbos frequentes. Além disso, uma relação entre os padrões morfossintáticos e os subtipos presentes em D'Hertefeldt (2015) foi proposta. A marcação dos usos irônicos, inédita na literatura sobre a construção, também foi descrita. Na próxima subseção, os dados serão organizados em uma proposta de rede construcional.

6.4.4 A organização em rede da construção insubordinada [SE AO MENOS X]

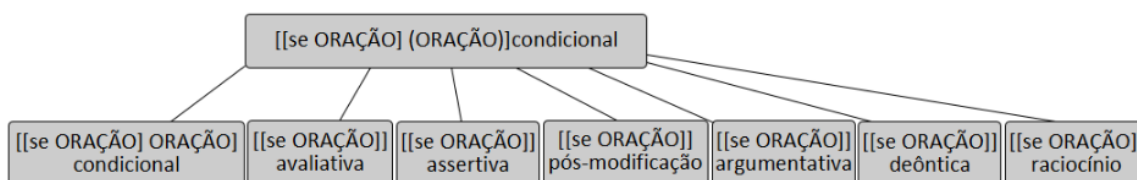
Uma das ambições da Gramática de Construções é mostrar como todas as construções se organizam em uma rede e, mais do que isso, como todas elas estão interligadas cognitivamente de alguma forma, afinal, de acordo com tal perspectiva teórica, o conhecimento linguístico dos falantes se resume às construções e esse conhecimento é organizado em uma rede. Esta seção pretende, portanto, propor uma forma de categorização de tudo aquilo que foi encontrado ao longo deste trabalho em uma rede das construções insubordinadas. Esta seção pretende encerrar a discussão desenvolvida e retoma a Figura 1, da seção de introdução, oferecendo mais aprofundamento e modificações possíveis graças ao trabalho desenvolvido.

Para iniciar esta descrição, pretende-se partir daquilo que já foi previamente proposto. Em Coradini (2022), por exemplo, a autora, ao desenvolver um estudo diacrônico das construções condicionais insubordinadas reconhece que o nível de composicionalidade é muito grande, dificultando que se proponha uma relação em que todas as construções condicionais insubordinadas sejam derivadas de uma mesma construção-fonte. Nas palavras da autora

(...) os diferentes graus de composicionalidade das construções não permitem que elas sejam agrupadas sob uma mesma construção-fonte, porque casos mais construcionalizados deixam de apresentar o significado condicional inicial, compartilhado entre os demais tipos de CCI. (Coradini, 2022, p. 145)

Desse modo, Coradini separa as CCIs metatextuais em um grupo à parte e as detalha. Sobre os outros tipos de CCIs, a autora propõe a seguinte relação:

Figura 12 - Rede construcional das construções condicionais subordinadas e insubordinadas (Coradini, 2022)



De acordo com o que se observa acima, é possível perceber que Coradini (2022) apresenta um grande número de possibilidades construcionais que derivam/ são subtipos do uso da construção condicional prototípica (*se p, q*). Destaca-se, também, que a autora, ao se pautar no estudo de D’Hertefelt (2015), adota a nomenclatura “deontica” para as construções que aqui

que compreende qualquer estrutura condicional com a conjunção “se”, independentemente de sua função específica. A partir desse ponto, ainda seguindo a proposta de Coradini (2022), a rede se divide em subtipos baseados nas funções pragmáticas atribuídas à oração introduzida por “se”: avaliativa, assertiva, pós-modificadora, argumentativa, desiderativa e de raciocínio.

Destaca-se, em novo nível, a construção desiderativa, a qual compreende a CCI com [SE AO MENOS X]. Como se discutiu, essas construções se referem à expressão de desejos e preferência por cenários não realizados. Estabelecendo uma relação de compartilhamento de características (representado pela linha hachurada), tem-se a construção subordinada com [SE AO MENOS X], que apesar de não ser insubordinada, compartilha algumas características com a CCI.

A rede então separa essas ocorrências insubordinadas em quatro grandes grupos formais, cada um deles com padrões morfossintáticos diferentes, em que cada possibilidade contribui para expressar níveis de realizabilidade e traços semânticos ligeiramente diferentes, assim como se discutiu na subseção anterior.

Alguns padrões destacam-se por sua frequência ou valor prototípico: entre os desejos realizáveis, estão as formas com imperfeito do subjuntivo; entre os desejos irrealizáveis, as formas compostas com pretérito mais-que-perfeito ou com particípio indicam a contrafactualidade. Já construções com o verbo “poder” ou com voz passiva analítica ampliam a diversidade estrutural e semântica do conjunto, demonstrando que as divisões não são categóricas e o contexto exerce papel fundamental no sentido das construções.

Por fim, ainda pensando sobre contexto e pragmática, todas as construções descritas estabelecem uma relação de compartilhamento de características, pois todas elas podem ser empregadas com uma carga irônica, a qual pode depender apenas do contexto para ser bem-sucedida na sua interpretação irônica ou pode se valer de marcas formais que oferecem um forte indício interpretativo como ironia. A representação da ironia ocorreu pelo símbolo de uma nuvem amarela, pois não se trata de um subtipo, mas sim um uso circunstancial.

A rede proposta na Figura 13 é uma sumarização das conclusões obtidas por este trabalho e por outros desenvolvidos previamente, como Comarim (2021), Comarim e Hirata-Vale (2023), Comarim e Hirata-Vale (em preparação) e os estudos desta dissertação, bem como de outros que se debruçaram sobre este tema em momentos anteriores, como Hirata-Vale (2015) e Coradini (2022), por exemplo. Ressalta-se, porém, que, assim como as línguas são mutáveis, as redes construcionais são também um terreno fértil e expansível de estudos descritivos, pois há ainda muitos outros traços e combinações construcionais carecendo de descrição e

mapeamento. Por ora, o trabalho com as construções condicionais insubordinadas com [SE AO MENOS X] proposto se completa com a rede acima.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo final, pretende-se retomar os capítulos anteriores, à guisa de conclusão.

Para o desenvolvimento da pesquisa, procedeu-se a uma construção e revisão de todo o arcabouço teórico referente ao Funcionalismo em Linguística, à proposta teórica da Gramática de Construções, especialmente em sua vertente cognitiva (Goldberg, 1995; 2006). Quanto às discussões teórica e metodológica, todos os trabalhos e metodologias importantes para o desenvolvimento deste estudo foram detalhadamente descritos nas seções 2, 3, 4 e 5. Em cada uma, debateu-se sobre um aspecto fundamental do trabalho seguindo uma abordagem *top-down*, partindo de uma discussão sobre o Funcionalismo, afinando para a Gramática de Construções, detalhando a Gramática de Construções Cognitiva e encaminhando para os trabalhos sobre Insubordinação, passando pelos mais gerais e finalizando com aqueles diretamente relacionados a este trabalho. Finalmente, na seção de metodologia, se descreveu toda a coleta do *corpus*, a separação, as ferramentas de análise e os cuidados tomados para a preservação da privacidade dos autores dos *tweets*.

Em termos da análise, objetivou-se fazer a seleção dos dados encontrados no *corpus* de acordo com seus aspectos morfossintáticos, caracterizá-los semanticamente e realizar as devidas anotações que permitissem as investigações quanto aos *clusters* semânticos, aos verbos atraídos e aos verbos mais frequentes.

O estudo detalhado dos padrões morfossintáticos da construção insubordinada com [SE AO MENOS X] demonstrou os formatos em que essa construção pode aparecer no PB que, em alguns deles, se distingue dos padrões encontrados para outras línguas.

O padrão [SE AO MENOS] + [pretérito imperfeito do subjuntivo composto] revelou-se como característico de uma atividade desejada, que se gostaria de ter sido realizada em algum momento do passado, mas, devido ao uso do imperfeito do subjuntivo, não se refere a uma situação real, mantendo-se, portanto, no campo dos desejos. Em termos de produtividade, parece ser possível afirmar que esse é o subtipo menos produtivo para a construção no PB, dado seu uso menos frequente em comparação com os outros padrões morfossintáticos.

Já o esquema [SE AO MENOS] + [pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo] é um exemplo bastante recorrente das construções insubordinadas com [SE AO MENOS X], pois reflete a lamentação, a irreversibilidade do passado, desejos que não foram satisfeitos e a impossibilidade de satisfazê-los no futuro. O verbo que preenche o *slot* V1 é, majoritariamente, o verbo TER, característico do tempo composto *pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo*.

Para o padrão morfossintático [SE AO MENOS] [V1 imperfeito do subjuntivo] + [V2 infinitivo], há uma maior variedade de verbos que coocorreram simultaneamente nos dois *slots*. No primeiro *slot*, os verbos PODER, SABER e CONSEGUIR foram agrupados em um *cluster* com base na classificação da FrameNet do Brasil, e observou-se que todos refletiam o *frame* semântico de Capacidade_ ação. Ao se apresentar no imperfeito do subjuntivo, esse esquema denota a incapacidade do falante (ou do ouvinte) em realizar uma ação, o que é claramente evidenciado pelos verbos de ação no V2. A distribuição desses verbos foi ilustrada de maneira imagética por meio de nuvens de palavras, geradas a partir da frequência absoluta de ocorrências.

Finalmente, o último padrão morfossintático atestado pelo *corpus* foi o [SE AO MENOS] [V1 imperfeito do subjuntivo]. Nele, os verbos apareciam em seu sentido pleno e trata-se do uso mais produtivo e recorrente da construção. Os 20 verbos mais usados nesse padrão são verbos de um domínio semântico relacionado à capacidade, à possibilidade e ao conhecimento.

Quanto à análise que relaciona os padrões atestados no PB com os resultados descritos por D’Hertefelt (2015), a tendência observada sugeriu uma possível generalização de que o uso do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo seja característico dos contextos contrafactuais no português do Brasil, enquanto os demais usos indicam os *irrealis*, variando apenas no tempo do desejo (presente, passado ou uma noção de continuidade).

As ocorrências com o verbo PODER, entretanto, introduzem uma nuance relacionada à permissão/ possibilidade. Isso torna, em alguns casos, a interpretação do desejo como fisicamente impossível, apesar de o padrão geralmente seguir a estrutura [SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + infinitivo, classificada como *irrealis*, *a priori*.

O mesmo ocorreu com os usos em que o padrão [SE AO MENOS] + imperfeito do subjuntivo + participio eram empregos da voz passiva analítica, ou seja, [SE AO MENOS] + voz passiva analítica. Nesses casos, não são expressos desejos irreversíveis, como nos demais empregos do participio, mas sim desejos prováveis em que se destaca a ação a ser realizada.

Com todos os dados obtidos, foi proposta uma análise estatística descritiva, por meio de uma classificação de traços semânticos ([desejo], [lamentação] e [crítica]) e uma relação binária de realizabilidade (1 = realizável e 0 = não realizável). Esses dados permitiram a exploração de como se relacionam os padrões morfossintáticos com esses traços semânticos e com a realizabilidade, bem como uma investigação de como esses padrões podem se influenciar mutuamente.

A análise estatística descritiva permitiu observar que a distribuição dos traços semânticos varia significativamente conforme os padrões morfossintáticos das construções com subordinadas [SE AO MENOS X]. O padrão [SE AO MENOS] + **imperfeito do subjuntivo** é amplamente predominante e está fortemente associado ao traço de crítica, enquanto os demais padrões apresentam distribuições mais equilibradas entre desejo e lamentação. Em relação à tendência de realizabilidade, notou-se que construções com imperfeito do subjuntivo (com ou sem complementos como infinitivo ou gerúndio) apresentam alta proporção de realizabilidade, ao passo que construções com pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo tendem a ser marcadamente não realizáveis.

A investigação que considerou a interação entre traço semântico e morfossintaxe indicou que certos padrões estão fortemente associados a uma expectativa de (não) realização, sobretudo quando combinados com traços como crítica ou desejo, revelando uma interação sistemática entre forma, sentido e modalização. Esses resultados sustentam a hipótese de que a construção participa de uma rede construcional com variações formais que codificam nuances distintas de modalização contrafactual, desiderativa ou irônica.

Nesse sentido, foi proposta uma descrição da expressão de ironia expressa pela construção subordinada com [SE AO MENOS X]. Por meio de uma investigação sobre os expedientes adotados para a marcação da ironia, procurou-se demonstrar quais aspectos específicos dos *tweets* serviam como gatilho para o sentido irônico, porque as outras marcas formais eram as mesmas encontradas para outros padrões da construção, que já haviam sido descritos.

Para sintetizar as marcas de ironia presentes no *corpus*, adotou-se a nomenclatura de marcas linguísticas, paralinguísticas e contextuais que, de modo genérico, refletem as marcas encontradas para os usos discutidos.

Como última proposta deste trabalho, na subseção final foi proposta uma rede construcional que buscou dialogar com trabalhos já desenvolvidos sobre o tema e todas as conclusões obtidas ao longo da investigação. A rede, como se ressaltou, é um objetivo central dentro das propostas da Gramática de Construções e busca representar como se organiza o conhecimento linguístico dos falantes sendo, portanto, uma representação esquemática de como são hierarquicamente organizadas as construções que compartilham características em comum, sejam traços semânticos/pragmáticos ou padrões formais morfossintáticos.

Tendo em vista, portanto, todo o desenvolvimento da pesquisa, considera-se que todas as perguntas propostas inicialmente foram respondidas e, por meio das análises, espera-se ter

contribuído para o preenchimento de uma das lacunas de pesquisa disponíveis sobre as construções insubordinadas no PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKHTYRSKA, K. **Linguistic expression of irony in social media**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem — Universidade do Algarve. Algarve. 2014.

ALMELA PÉREZ, R. El si introductor de oraciones independientes en español. **Lingüística Española Actual**, v. 7, p. 5–13, 1985.

ALONSO, K. S. B.; OLIVEIRA, D. L.; FUMAUX, N. . Construções binominais quantitativas em perspectiva distintiva: uma análise colostrucional. **REVISTA ODISSÉIA**, v. 4, p. 173-193, 2019.

ALVES, C. P. **Análise entoacional e construcional das construções condicionais insubordinadas adversativas no português do Brasil**. 139p. Dissertação de Mestrado em Linguística — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2022.

ANTHONY, L. **AntConc** (Version 4.3.1) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2024. Available from <https://www.laurenceanthony.net/software>

APTEKMAN, Jeanne. Locutions en SI et marqueurs dans la protase : Compositionnalité et indices co-textuels. **Corela**, n. 6–1, 7 set. 2008.

BARÐDAL, J. **Productivity: Evidence from Case and Argument Structure in Icelandic**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. v. 8

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 39 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEIJERING, K., KALTENBÖCK, G., SANSIÑENA, M. S.. Insubordination: Central issues and open questions In: **Insubordination: Theoretical and Empirical Issues** edição de Karin Beijering, Gunther Kaltenböck and María Sol Sansiñena, 1-28. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2019. <https://doi.org/10.1515/9783110638288-001>

BOAS, H. C. **Cognitive Construction Grammar**. [s.l.] Oxford University Press, 2013. v. 1

BOAS, H. C.; SAG, I. A. (EDS.). **Sign-based construction grammar**. Stanford, Calif: CSLI Publ., Center for the Study of Language and Information, 2012.

BOOGAART, R. & VERHEIJ, K. Als dát geen insubordinatie is! De pragmatiek van zelfstandige conditionele zinnen. In Theo Janssen & Jan Noordegraaf (eds.) **Honderd jaar taalwetenschap**. Artikelen aangeboden aan Saskia Daalder bij haar afscheid van de Vrije Universiteit. Amsterdam/Münster: Stichting Neerlandistiek VU, Nodus Publikationen. 13-28, 2013.

BROCCIAS, C. **Cognitive Grammar**. [s.l.] Oxford University Press, 2013. v. 1

BUSCHA, Annerose. Isolierte Nebensätze im dialogischem Text. **Deutsch als Fremdsprache: Zeitschrift zur Theorie und Praxis des Deutschunterrichts für Ausländer**. 13. 274-279, 1976.

BUTLER, C. **Structure and Function: a Guide to the Three Major Structural-Functional Theories**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2003.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. [S.l.]: Cortez Editora, 2021.

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. IN: CHAFE, W.L. (ed.) **The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1980.

COMARIM, M. J. B. **A construção insubordinada se ao menos no português brasileiro: uma análise colostrucional**. Relatório Científico Final. Bolsa de Iniciação Científica FAPESP. Processo: 2021/11125-5. 2023.

COMARIM, M. J. B; HIRATA VALE, F. B. M.. A expressão de desejos em construções condicionais insubordinadas com “se ao menos”. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 13, n. 1, abr. 2023. ISSN 2237-6321. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2588>>. Acesso em: 25 maio 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-12588>.

CORADINI, M. C. **Construções condicionais insubordinadas com a conjunção se no português: uma análise diacrônica à luz da Gramática de Construções**. 174p. Dissertação de Mestrado em Linguística — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2022.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. [s.l.] Oxford University Press, 2013. v. 1

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C. F. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

D'HERTEFELT. **Insubordination in Germanic: A typology of complement and conditional constructions**. Leuven, 2015.

D'HERTEFELT, S; VERSTRAETE, J.C. Independent complement constructions in Swedish and Danish: Insubordination or dependency shift? *Journal of Pragmatics* 60: 89-102, 2014.

DANCYGIER, Barbara. & SWEETSER, Eve. **Mental Spaces in Grammar: Conditional Constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DANCYGIER, Barbara. **Conditionals and prediction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DECAT, M. B. N. **“Leite com manga, morre!”: da hipotaxe adverbial no português em uso**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1993.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. IN: DECAT et al. **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. Campinas, WP: Mercado de Letras, 2001b, (Coleção Idéias sobre Linguagem).

DECAT, M. B. N. A gramática da focalização em português: estruturas “desgarradas”. **XV Congresso Internacional da ALFAL**. Projeto de Pesquisa Gramática do 283 Português. Montevideu, 18 a 21 de agosto de 2008: www.mundoalfal.org/ProjCamacho.htm

DECAT, M. B. N. **Estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Campinas: Pontes. 2011.

DECAT, M. B. N. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao ‘desgarramento’. **Scripta** (Linguística e Filologia), v.5, n.9, Belo Horizonte: PUC Minas, 2º sem 2001a, p. 104-118.

DECAT, M. B. N. Orações relativas apositivas: SNs ‘soltos’ como estratégia de focalização e argumentação. **Veredas** (Conexão de orações), v. 8, n.1 e 2, jan./dez. 2004. Juiz de Fora, MG: Editora UFJF (Impresso em 2005), p. 79-101.

DECAT, M. B. N. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. **Scripta** (Linguística e Filologia), v.2, n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem 1999, p. 23-38.

DECLERCK, R. & REED, S. **Conditionals**. A comprehensive empirical analysis. Berlin: de Gruyter, 2001.

D'HERTEFELT. **Insubordination in Germanic**: A typology of complement and conditional constructions. Leuven, 2015.

DIESSEL, H. **The Grammar Network: How Linguistic Structure Is Shaped by Language Use**. 1. ed. [s.l.] Cambridge University Press, 2019.

EDDINGTON, D.; BYBEE, J. A usage-based approach to Spanish verbs of “becoming”. **Faculty Publications**, n. 6960, 2006. Disponível em: <https://scholarsarchive.byu.edu/facpub/6960>. Acesso em: 29 jul. 2025.

EVANS, N. Code, inference, placedness and ellipsis. In: FOLEY, W. A. (ed.). **The role of theory in linguistic description**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1993. p. 243–280.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.). **Finiteness**. Theoretical and Empirical Foundations. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

FAUCONNIER, G. **Matching**. In *Mappings in Thought and Language* (pp. 131-148). Cambridge: Cambridge University Press, (1997). <doi:10.1017/CBO9781139174220.005>

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**: aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. **Spaces, worlds and grammar**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FERRARI, L.; SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: DANCYGIER, B; SWEETSER, E. (Ed.). **Viewpoint in language: a multimodal perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p.47-68.

FILLMORE, C. Epistemic Stance and Grammatical Form in English Conditional Sentences. **Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**, p. 137-162, 1990 a.

FILLMORE, C. J. The case for case. In Emmon W. Bach & Robert Thomas Harms (eds.), **Universals in Linguistic Theory**. 1968.

FILLMORE, C. J. The Mechanisms of “Construction Grammar”. **Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, v. 14, p. 35, 25 out. 1988.

FLACH, S. **collostructions**: An R implementation for the family of collostructional methods. R package version 0.1.0, 2017, Disponível em: www.bit.ly/sflach

FREITAS, L. A. et al. **Pathways for irony detection in tweets**. Proceedings of the 29th Annual ACM Symposium on Applied Computing. Em: SAC 2014: SYMPOSIUM ON APPLIED COMPUTING. Gyeongju Republic of Korea: ACM, 24 mar. 2014. Disponível em: <<https://dl.acm.org/doi/10.1145/2554850.2555048>>. Acesso em: 7 jan. 2025

GARMENDIA, Joana. **Irony**. 1. ed. [S.l.]: Cambridge University Press, 2018.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. 1. ed. [s.l.] Oxford University Press Oxford, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructionist Approaches**. In: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15-31. DOI: [10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0002](https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0002).

GRIES, S. T.; STEFANOWITSCH, A. **4 Cluster Analysis and the Identification of Collexeme Classes**. 2010.

GRIES, S. Th., & STEFANOWITSCH, A. Co-varying collexemes in the into-causative. In M. Achard, & S. Kemmer (Eds.), **Language, culture, and mind** (pp. 225–36). Stanford: CSLI. 2004b.

GRIES, S. Th., & STEFANOWITSCH, A. **Coll.analysis 3.5**. A script for R to compute perform collostructional analyses, 2014.

GRIES, S. Th., & STEFANOWITSCH, A. Extending collostructional analysis: A *corpus*-based perspective on ‘alternations’. **International Journal of Corpus Linguistics**, 9(1), 97–129. DOI: 10.1075/ijcl.9.1.06gri. 2004a

GROSZ, P. G. *On the Grammar of Optative Constructions*. Amsterdam: Benjamins, 2012.

HENGEVELD & MACKENZIE. **Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

HILPERT, M. Collostructional analysis: measuring associations between constructions and lexical elements. In: GLYNN, D.; ROBINSON, J. A. **Corpus Methods for Semantics.** v.43. John Benjamins B.V, 2014, p. 391-404.

HILPERT, Martin. **Diachronic collostructional analysis: how to use it and how to deal with confounding factors.** In: ALLAN, Kathryn; ROBINSON, Justyna A. (Eds.). *Current Methods in Historical Semantics.* Berlin: De Gruyter Mouton, 2011. p. 130-160.

HIRATA, Flavia. **A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil.** 231p. Dissertação de Mestrado em Linguística — Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 1999.

HIRATA-VALE, F. B. M.. **O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil.** Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 2015.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (EDS.). **The Oxford handbook of construction grammar.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: **Palavras de classe aberta.** ILARI, R. (org.). Contexto: São Paulo, 2014.

KALTENBÖCK, G. et al. **On Thetical Grammar.** *Studies in Language* 35. 2011. p.848- 893

LANGACKER, R. W. 7. Integration, grammaticization, and constructional meaning. Em: FRIED, M.; BOAS, H. C. (Eds.). **Constructional Approaches to Language.** Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. v. 4p. 157–189.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar. Vol. 1: Theoretical prerequisites.** Nachdr. ed. Stanford, Calif: Stanford Univ. Press, 2014. [1987]

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar: Volume II: Descriptive Application.** Stanford, CA: Stanford University Press, 2022. [1991]

LAURY, R., LINDHOLM, C. & LINDSTRÖM, J. Syntactically non-integrated conditional clauses in spoken Finnish and Swedish. In Eva Havu & Irma Hyvärinen (eds.) **Comparing and contrasting syntactic structures.** From dependency, 2013.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **Greek-English Lexicon.** Oxford: Clarendon Press, 1996. p. 2438.

MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentence. **Language** 84 (1), 2008, p. 69-119.

MONTOLÍO DURÁN, E. ¡Si nunca he dicho que estuviera enamorada de él! Sobre construcciones independientes introducidas por *si* con valor replicativo. **Oralia**, v. 2, p. 37–69, 1999.

MOURA, H.; CAMBRUSSI, M. **Uma breve história da linguística**. [S.l.]: Editora Vozes, 2021.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional: Interação, discurso e texto**. Editora Contexto. São Paulo. 2018.

OPPENRIEDER, W. Selbständige Verb-Letzt-Sätze: Ihr Platz im Satzmodussystem und ihre intonatorische Kennzeichnung. In Hans Altmann, Anton Batliner & Wilhelm Oppenrieder (eds.) **Zur Intonation von Modus und Fokus im Deutschen**. Tübingen: Niemeyer. 163-244, 1989.

PANTHER, K-U & THORNBURG, L. L. Metonymies as natural inference and activation schemas: The case of dependent clauses as independent speech acts. In Klaus-Uwe Panther & Linda L. Thornburg (eds.) **Metonymy and Pragmatic Inferencing**. Amsterdam: Benjamins. 127-147, 2003.

PATARD, A. Réflexions sur l'origine de l'insubordination. Le cas de trois insubordonnées hypothétiques du français: **Langages**, v. N° 196, n. 4, p. 109–130, 25 nov. 2014.

SANSIÑENA, M. S., DE SMET, H., CORNILLIE, B. Between subordinate and insubordinate. Paths towards complementizer-initial main clauses. **Journal of Pragmatics**, v. 77, 2015, p. 3-9

SAUSSURE, F. DE. **Curso de linguística geral**. 28a edicao ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

SCHÜTZE, C. T. **The empirical base of linguistics: grammaticality judgments and linguistic methodology**. Berlin: Language Science Press, 2016.

SCHWENTER, S. The pragmatics of independent *si*-clauses in Spanish. **Hispanic Linguistics**, v. 8, p. 316–351, 1996.

SPERBER, D.; WILSON, D. Irony and relevance: A reply to Seto, Hamamoto and Yamanashi. In: CARSTON, R.; UCHIDA, S. (Eds.). **Relevance Theory: Applications and Implications**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 283-294.

STEFANOWITSCH, Anatol & GRIES, Stefan. (2005). Covarying collexemes. **Corpus Linguistics and Linguistic Theory - CORPUS LINGUIST THEO**. 2005.

STEFANOWITSCH, Anatol & GRIES, Stefan. Collostructions: Investigating the interaction of words and constructions. **International Journal of Corpus Linguistics**. 2003.

STIRLING, L. Isolated if-clauses in Australian English. In DAVID LEE & PETER COLLINS (eds.) **The clause in English**. In honour of Rodney Huddleston. Amsterdam: Benjamins. 275-297. 1999.

SWEETSER, E. E. **From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAYLOR, J. R. **The mental *corpus*: how language is represented in the mind.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

TELEMAN, U., HELLBERG, S. & ANDERSSON, E. Svenska **Akademiens grammatik** [Grammar of the Swedish Academy]. 3rd ed. 4 vol. Stockholm: Norstedts, 2010.

THURMAIR, M. **Modalpartikeln und ihre Kombinationen.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais.** Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Editora Vozes. Petrópolis. 2021.

VAN DER AUWERA, J.; GIVÓN, T., Syntax. A functional-typological introduction. Volume I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984. Pp. xx + 464. **Journal of Linguistics**, v. 21, n. 2, p. 503–509, set. 1985.

WEUSTER, E. Nicht-eingebette Satztypen mit Verb-Endstellung im Deutschen. In Edith Weuster & Klaus Olszok (eds.) **Zur Wortstellungsproblematik im Deutschen.** Tübingen: Narr. 7-87, 1983.

ANEXOS

ANEXO 1 – SCRIPT PARA CRIAÇÃO DAS NUVENS DE PALAVRAS

Lista das palavras fornecidas

```
palavras = [  
    "BEBER", "DAR", "APROVEITAR", "CANTAR", "DANÇAR", "DESENHAR", "ESCREVER",  
    "FAZER", "FAZER", "GRAVAR", "HONRAR", "INTERPRETAR", "LER", "SEPARAR",  
    "TEMPORIZAR"  
]
```

Cálculo das frequências das palavras fornecidas

```
frequencias = Counter(palavras)
```

Definir a palavra central "SABER" com frequência 15

```
frequencias['SABER'] = 15
```

Organizar as palavras e suas frequências

```
palavras_unicas = list(frequencias.keys())  
frequencias_list = list(frequencias.values())
```

```
def plot_word_circle(words, frequencias, min_radius=150, max_radius=300, center=(0, 0)):  
    """
```

Função para criar a nuvem de palavras com círculos ao redor de cada palavra, conectadas à palavra central 'SABER'.

A distância é inversamente proporcional à frequência: palavras mais frequentes ficam mais próximas do centro.

A distância é multiplicada por 1,5 para evidenciar as diferenças de forma moderada.

Parâmetros:

- words: lista de palavras
- frequencias: lista de frequências associadas às palavras
- min_radius: o raio mínimo para a palavra mais frequente (próxima do centro)
- max_radius: o raio máximo para a palavra menos frequente (mais afastada)
- center: coordenadas do centro (onde a palavra "SABER" estará)

```
"""
```

Definir a posição inicial para "SABER" no centro

```
fig, ax = plt.subplots(figsize=(10, 10))  
ax.set_xlim(-1.2*max_radius, 1.2*max_radius)  
ax.set_ylim(-1.2*max_radius, 1.2*max_radius)  
ax.set_aspect('equal')
```

Centralizando a palavra "SABER" em um tamanho grande

```
ax.text(center[0], center[1], 'SABER', ha='center', va='center', fontsize=80, color='black',  
fontweight='bold')
```

Normalizando a distância (frequências maiores, mais próximas)

```
max_freq = max(frequencias)  
min_freq = min(frequencias)
```

Ajuste da distância e cor

```
for i, word in enumerate(words):
```

```

if word == 'SABER':
    continue

# Não desenhar a palavra central de novo

# Calcular a distância radial com base na frequência
# Distância inversa à frequência: palavras mais frequentes mais próximas do centro
radial_distance = max_radius - (frequencias_list[i] - min_freq) * (max_radius - min_radius) /
(max_freq - min_freq)

# Multiplicar a distância por 1,5 para moderar a diferença
radial_distance *= 1.5

# Calcular o ângulo para posicionar as palavras (distribuição circular)
angle = 2 * np.pi * i / len(words)

# Tamanho da palavra baseado na sua frequência
size = 20 + (frequencias_list[i] * 2)

# Mapeando a cor: palavras mais frequentes ficam mais vermelhas, e ajustando para cores
mais escuras
color_value = (frequencias_list[i] - min_freq) / (max_freq - min_freq)
color_value = 0.4 + 0.6 * color_value # Ajusta para escurecer mais a cor
color = plt.cm.Reds(color_value) # Escala de vermelho

# Calculando a posição da palavra com base no ângulo e distância radial
x_pos = center[0] + radial_distance * np.cos(angle)
y_pos = center[1] + radial_distance * np.sin(angle)

# Desenhando a palavra com a cor mapeada
ax.text(x_pos, y_pos, word, ha='center', va='center', fontsize=size, color=color)

# Conectando a palavra ao centro com uma linha
ax.plot([center[0], x_pos], [center[1], y_pos], color="gray", lw=1, alpha=0.5)

# Removendo os eixos
ax.axis('off')
plt.show()

# Gerar a nuvem de palavras com círculos e conexões ajustadas por frequência
plot_word_circle(palavras_unicas, frequencias_list)

```

ANEXO 2 – SCRIPT PARA ANÁLISE COLEXÊMICA

Carregar os pacotes necessários

```
library(tidyverse) # Para manipulação de dados  
library(collostructions) # Para usar a função collex
```

Ler os dados usando read.csv

```
verbos_teste <- read.csv("C:/Endereço da planilha.csv",  
                        sep = ",",
```

Definindo separador correto

```
stringsAsFactors = FALSE)
```

Não usar fatores ao ler os dados inicialmente

Verificar as primeiras linhas dos dados lidos

```
head(verbos_teste)
```

Limpar a coluna VERBO, removendo espaços extras (se houver)

```
verbos_teste$VERBO <- trimws(verbos_teste$VERBO)
```

Transformar a coluna VERBO em fator (com níveis exclusivos)

```
verbos_teste$VERBO <- factor(verbos_teste$VERBO)
```

Transformar as colunas FREQ e CORPUS em inteiros

```
verbos_teste$FREQ <- as.integer(verbos_teste$FREQ)  
verbos_teste$CORPUS <- as.integer(verbos_teste$CORPUS)
```

Verificar a estrutura dos dados

```
str(verbos_teste)
```

Rodar a função collex com o valor de corpsize

```
resultado_30_12 <- collex(verbos_teste, corpsize = 5034)
```

Verificar o resultado

```
View(resultado_30_12)
```

Salvar o resultado em um arquivo CSV

```
write.csv(resultado_30_12,  
          file = "Endereço para salvar resultados.csv",  
          row.names = FALSE)
```